

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

**EDSON ZILLI**

**PAISAGEM E CULTURA MATERIAL NO CAMINHO DAS TROPAS NO EXTREMO  
SUL CATARINENSE: MAIS QUE CAMINHOS, CONDUTORES DE HISTÓRIA E  
MEMÓRIA**

**CRICIÚMA**

**2023**

**EDSON ZILLI**

**PAISAGEM E CULTURA MATERIAL NO CAMINHO DAS TROPAS NO EXTREMO  
SUL CATARINENSE: MAIS QUE CAMINHOS, CONDUTORES DE HISTÓRIA E  
MEMÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Bitencourt Campos

**CRICIÚMA**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Z69p Zilli, Edson.

Paisagem e cultura material no Caminho das Tropas no extremo sul catarinense : mais que caminhos, condutores de história e memória / Edson Zilli. - 2023.

101 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2023.

Orientação: Juliano Bitencourt Campos.

1. Cultura material - Santa Catarina, Região Sul. 2. Antropologia histórica - Santa Catarina, Região Sul. 3. Arqueologia e história. 4. Patrimônio cultural. 5. Trilha da Serra da Pedra - Jacinto Machado (SC). 6. Tropeirismo. I. Título.

CDD 23. ed. 930.1098164

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101  
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC



## PARECER

Os membros da Comissão Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado apresentada pelo candidato **EDSON ZILLI**, sob o título: **“Paisagem e cultura material no caminho das tropas no Extremo Sul Catarinense: mais que caminhos, condutores de História e Memória”**, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguido o candidato, os membros são de parecer pela **“APROVAÇÃO”** da Dissertação.

Criciúma/SC, 28 de fevereiro de 2023.

**Prof. Dra. Dione da Rocha Bandeira**  
Segundo Examinador

**Prof. Dr. Jairo José Zocche**  
Primeiro Examinador

**Prof. Dr. Juliano Bitencourt Campos**  
Presidente da Comissão e Orientador

Dedico aos que buscam todos os dias seguir o melhor caminho!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo descanso de todas as noites e por renovar minhas forças todos os dias;  
Agradeço a minha esposa e familiares que sempre acreditaram e apoiaram minhas decisões;  
Agradeço ao professor Dr. Juliano Bitencourt Campos pela paciência, ajuda e dedicação com a qual me orientou e auxiliou para que a pesquisa se concluísse; em especial, agradeço ao relator desta dissertação, o professor Dr. Jairo José Zocche.

Agradeço aos estimados amigos Mikael Miziescki, José Gustavo Santos da Silva, Carlos dos Passos Paulo Matias, pelas orientações e contribuições no decorrer da jornada, por terem sido meus guias neste trabalho quando eu não conseguia achar mais os caminhos, gratidão pelo incentivo e por acreditarem que eu poderia ir sempre mais longe;

Agradeço ao amigo que fiz pelo caminho Aloíde Ronsani e familiares por abrir as portas de sua propriedade bem como horas de seu tempo para concretizar histórias vividas;

Agradeço a todas as pessoas que durante as incursões pararam e contribuíram com seu tempo para responder perguntas, informações, dúvidas, esclarecimentos. Demonstraram ser verdadeiros mestres populares;

Agradeço à equipe do Geoparque Mundial da UNESCO Caminhos dos Cânions do Sul, pelas colaborações e auxílio na pesquisa; Mikael Miziesch, Marcelo Crepaldi e Gislael Floriano.

Agradeço ao LabPGT e a José Gustavo Santos da Silva que me recebeu por diversas vezes e auxiliou na elaboração da cartografia desta pesquisa;

Agradeço aos colegas do Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) pelas conversas e angústias ao longo desses dois anos juntos;

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento que viabilizou esta pesquisa; O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço ao PPGCA, à secretaria e ao corpo docente pela ótima relação interdisciplinar que certamente contribuiu para minha construção pessoal e profissional;

Por fim, gostaria de agradecer aos que, por ventura não estejam mencionados, mas que também foram importantes para todas as etapas desta pesquisa.

Muito obrigado!

Ao longo do tempo, o que se tem mostrado é que os caminhos, mais que condutores de veículos, mercadorias, passageiros, são condutores de história e memórias. Caminhos são testemunhos de cultura e de vida; são espaços que permitem a troca e a reflexão, o trabalho e o lazer.

Marcio Santos

## RESUMO

O Caminho dos Conventos se caracteriza pela importância de ser a primeira via terrestre a fazer conexão entre litoral e planalto no Extremo Sul Catarinense. Após a abertura do histórico caminho, os núcleos ocupacionais ao longo desse traçado foram adaptando-se à demanda devido à passagem das tropas pela região. Pensar o caminho das tropas e seu intenso movimento indica que, após sua abertura, surgiram os primeiros assentamentos ao longo desse percurso, o qual seria o responsável por interligar as demais localidades que começavam a se estabelecer em toda a região. O movimento tropeiro, das margens do rio Araranguá, buscava o planalto por meio da Trilha Serra da Pedra para o transporte de mercadorias em geral. Considerando que a pesquisa busca compreender a relação histórico-cultural da trilha Serra da Pedra com o tropeirismo, o trabalho permite assimilar as relações e as marcas deixadas na paisagem pelos sujeitos que ali passaram. Mesmo que de forma espontânea, essas marcas imprimem relações socioculturais que refletem o modo de vida ao longo do tempo, uma vez que a história de longa duração conecta pessoas e coisas formando a “vida material”. Os procedimentos metodológicos adotados contaram com pesquisas bibliográficas e incursões a campo que permitiram mapear e espacializar os dados coletados em três setores que relacionam o legado histórico-cultural na Trilha Serra da Pedra com movimento tropeiro. O primeiro setor apresenta a comunidade Serra da Pedra com doze registros catalogados, o segundo setor apresenta a comunidade de Costão das Pedra com quatro registros catalogados e, por fim, apresenta o terceiro setor que é o trajeto até o planalto com quatorze registros catalogados, somados, totalizam trinta pontos que relacionam a história com o tropeirismo. O estudo demonstrou que o intenso movimento tropeiro foi importante para a história local e regional, os resultados apontam que ao longo desse traçado estabeleceram-se casas comerciais, pontos de parada e pouso que serviram como referência para quem passava por esta região, pois era o único acesso que fazia a ligação entre o litoral até alcançar os campos de cima da serra por meio da Trilha Serra da Pedra.

**Palavras-chave:** Caminhos das Tropas. Extremo Sul Catarinense. Patrimônio. Paisagem.

## ABSTRACT

The Caminho dos Conventos is characterized by the importance of being the first land route to make a connection between the coast and the plateau in the extreme south of Santa Catarina. After the opening of the historic path, the occupational centers along this path were adapting to the demand and necessary needs due to the passage of troops through the region. Thinking about the path of the troops and their intense movement, indicates that, after its opening, the first settlements appeared along this route, which would be responsible for interconnecting the other locations that began to be established throughout the region. The banks of the Araranguá River sought the plateau through the Serra da Pedra Trail for the transport of goods in general through the tropeiro movement. Considering that the research seeks to understand the historical-cultural relationship of the Serra da Pedra trail with tropeirismo, it allows assimilating the relationships and marks left in the landscape by the subjects who passed there, even if spontaneously, these marks imprint sociocultural relations that reflect on the way of life of these people over time, since long-term history connects people and things forming “material life”. The methodological procedures adopted relied on bibliographic research and field trips that allowed mapping and spatializing the data collected in three sectors that relate the historical-cultural legacy on the Serra da Pedra Trail with the tropeiro movement. The study demonstrated that the intense tropeiro movement was important for the local and regional history, the results indicate that along this route commercial houses were established, stopping and landing points that served as a reference for those who passed through this region, as it was the the only access that would connect the coast to reach the fields at the top of the mountain through the Serra da Pedra Trail.

**Keywords:** Paths of Troops. Extreme South of Santa Catarina. Patrimony. Landscape.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Caminho dos Tropeiros de Conventos à Curitiba .....	38
Figura 2 - Ruínas da casa comercial Família Souza. ....	43
Figura 3 - Localidade de Cangicas (Hercílio Luz) Araranguá - SC. ....	44
Figura 4 - Mapa de localização do Caminho dos Conventos (Trilha Serra da Pedra).....	46
Figura 5 - Caminho percorrido com mapeamento de campo. ....	57
Figura 6 - Setor 1 - Comunidade Serra da Pedra. ....	59
Figura 7 - Pedra de referência. ....	60
Figura 8 - Patrimônio material ligado ao tropeirismo. ....	61
Figura 9 - Estruturas que estão diretamente ligadas ao tropeirismo. ....	62
Figura 10 - Rio da Pedra e a Igreja São Paulo. ....	63
Figura 11 - Setor 2 - Comunidade Costão da Pedra. ....	64
Figura 12 - Propriedade de Zelindo e Aloíde Ronsani. ....	65
Figura 13 - Estruturas e objetos ligados ao tropeirismo. ....	66
Figura 14 - Mapa de Relevo e Altimetria. ....	67
Figura 15 - Setor 3 - Trajeto até o Planalto. ....	69
Figura 16 - Encruzilhada da Otília.....	71
Figura 17 - Descanso .....	72
Figura 18 - Ponto de Parada.....	73
Figura 19 - Olho da Água. ....	74
Figura 20 - Curva do sabão.....	75
Figura 21 - Pedra do Baú. ....	76
Figura 22 - Cruzinha.....	77
Figura 23 - Baixada da Cruzinha. ....	78
Figura 24 - Rodeio do Barbacua. ....	79
Figura 25 - Baixada do Barbacua. ....	80
Figura 26 - Curva da Canela. ....	81
Figura 27 - Três Forquilhas .....	82
Figura 28 - Morro Triste. ....	83
Figura 29 - Boa Vista.....	84
Figura 30 - Esfriador.....	85
Figura 31 - Boca da Serra .....	86

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Registros dos caminhos percorridos .....	57
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SPG	Secretaria de Estado do Planejamento de Santa Catarina
IMA	Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina
LAPIS	Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
AP	Antes do Presente
GRUPEP	Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
AMESC	Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
AMREC	Associação dos Municípios da Região Carbonífera
AMSESC	Associação dos Municípios do Sul do Estado de Santa Catarina
LABPGT	Laboratório de Planejamento e Gestão Territorial
INRC	Inventário Nacional de Registro Cultural
OMT	Organização Mundial do Turismo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1 OBJETIVOS .....	22
1.1.2 Objetivo Geral .....	22
1.1.3 Objetivos Específicos:.....	22
<b>2 UM CAMINHO CONDUZ SEU LEGADO: HISTÓRIA, MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E PAISAGEM CULTURAL .....</b>	<b>23</b>
2.1 PRESSUPOSTOS QUE CONDUZEM O CAMINHO DA PESQUISA .....	23
2.2 UM CAMINHO; MUITOS SENTIDOS .....	29
2.3 OCUPANDO O INTERIOR .....	32
2.4 MOVIMENTO TROPEIRO .....	35
2.5 INTERLIGANDO REGIÕES .....	37
2.6 DO LITORAL PARA A SERRA .....	41
<b>3 MATERIAIS E MÉTODOS.....</b>	<b>45</b>
3.1 LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO .....	45
3.2 METODOLOGIA .....	47
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>50</b>
4.1 MAIS QUE CAMINHOS, CONDUTORES DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS .....	50
4.2 O CAMINHO PERCORRIDO .....	56
4.3 SETOR 1 - COMUNIDADE SERRA DA PEDRA .....	58
4.4 SETOR 2 - COMUNIDADE COSTÃO DA PEDRA .....	63
4.5 SETOR 3 - TRAJETO ATÉ O PLANALTO .....	66
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>90</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Extremo Sul Catarinense, mais precisamente, a região onde estão localizados o Parque Nacional de Aparados da Serra, bem como os da Serra Geral, coincide com um importante fenômeno histórico, o Tropeirismo. A passagem de tropas pelos diversos caminhos torna-se elemento de conexão de uma importante trilha chamada Serra da Pedra<sup>1</sup>, parte do antigo e histórico Caminho dos Conventos. Uma ligação comercial e histórico-cultural se estabelece a partir de tal rota, do litoral para os Campos de Cima da Serra, que apresenta relações com o denominado “Caminho das Tropas” e que será responsável por uma importante fase da história do Sul do Brasil.

A abertura de uma trilha implica a transformação de toda a sua paisagem. Além de modificar a composição original do território, uma vez aberta a trilha, de acordo com Mello (2012), sua interação modifica o espaço. Se a trilha acaba sendo planejada é porque se tornou adequada às curvas naturais daquele território, passando a adaptar-se para enfrentar seus obstáculos. Nesse sentido, a trilha passa a ser um ambiente anexado à natureza, transformando não apenas a paisagem em seu entorno, mas também as relações sociais, ambientais e econômicas ao integrar regiões através desses novos caminhos.

Relacionar as trilhas com a chegada dos tropeiros sinaliza para algum tipo de negócio. Quanto aos negócios, funcionava basicamente da troca de mercadorias, dessa forma, supriam suas necessidades e estariam, assim, abastecidos os habitantes locais que em seus pequenos armazéns ofereciam a farinha de mandioca e de milho produzidas em pequenos engenhos rudimentares, sal e peixe escalado, e recebiam dos tropeiros charque, queijo, salame e pinhão. Foram introduzidos outros recursos somados à criação de animais para o trabalho, para a locomoção e para o abate, que viriam aos poucos atender as necessidades mínimas de ambas as partes.

Esse tipo de negócio, durante muito tempo, só foi possível através das trilhas e picadas abertas nas encostas da Serra Geral. A trilha Serra da Pedra vem a ser o primeiro caminho a fazer conexão entre serra e mar no Extremo Sul Catarinense. Após sua abertura, outras conexões foram surgindo, o que não muda a maneira de transitar por essas trilhas, como aponta Ferreira (1997, p. 86),

---

<sup>1</sup> Distante cerca de 10 quilômetros do centro de Jacinto Machado-SC em direção a Serra Geral está localizada a comunidade de Serra da Pedra. Jacinto Machado é um dos sete municípios que pertencem ao Geoparque Mundial da UNESCO Caminhos dos Cânions do Sul, situado a 248 Km de Florianópolis-SC e a 232 Km de Porto Alegre-RS.

esse foi o único tipo de transporte possível nessa região montanhosa de trilhas íngremes que, na época, nenhum veículo de rodas conseguia vencer. Só esses animais, com suas cargas, enfrentavam os obstáculos difíceis das ladeiras de pedras soltas, contornando abismos e vencendo os desafios das trilhas na floresta.

As atividades atreladas ao tropeirismo são diversas, como tornar o tropeiro um “introdutor de hábitos civilizadores”, transmitir notícias verídicas ou boatos, exercendo por vezes as funções de correio ou de jornal vivo. Segundo Filho (2011, p. 12)

O tropeirismo tornou-se uma verdadeira instituição, um modo de vida, com costumes peculiares e regras bem definidas para os diversos tipos de trabalho que envolviam aquela atividade. Tornou-se, enfim, uma autêntica cultura incorporada à sociedade e fundamental para dinamizar sua existência material. Desse modo, inúmeras atividades profissionais atrelavam-se ao tropeirismo.

Quanto à questão que envolve a temporalidade, a região começa a ser vista como uma rota que liga o litoral com os Campos de Cima da Serra se intensifica a partir do século XVIII com a abertura do caminho e se estende até os séculos seguintes sem a mesma devida importância. Isso porque as mudanças são inevitáveis e outros meios de locomoção como, por exemplo, veículos de tração mecânica acabam ganhando força juntamente com as estradas e as ferrovias no decorrer dos séculos XIX e XX. O recorte temporal, portanto, dispõe dessa temporalidade, entre meados do século XVIII, XIX e XX, pois relaciona o início das viagens e as mudanças decorrentes na paisagem que esses agentes sociais desenvolvem no Extremo Sul Catarinense.

Situada no território Geoparque Mundial da UNESCO Caminhos dos Cânions do Sul, é possível destacar a trilha Serra da Pedra. Essa trilha está diretamente relacionada com o tropeirismo e refere-se ao antigo Caminho dos Conventos; é possível encontrar relatos desse trecho na literatura regional. De acordo com Campos *et al.* (2020, p. 205):

Seguindo o curso do Rio da Pedra, foi aberto o primeiro caminho que permitiria a transposição do degrau de até mil metros de altura da Serra Geral, seguindo original trilha indígena, conhecida como Serra da Pedra ou Caminho dos Conventos. Tornou-se a principal rota de comércio do sul do Brasil, ligando o litoral com o planalto serrano até São Paulo.

Em relação ao Caminho dos Conventos, Campos *et al.* (2020, p. 203) assinalam que “provavelmente, os primeiros assentamentos de Laguna aos Campos de Cima da Serra tenham mesmo ocorrido não muito tempo após a abertura do histórico Caminho dos Conventos. Tudo começa por volta de 1728, quando teve início esse processo”. Portanto, os municípios de

Araranguá - SC, assim como Jacinto Machado - SC, no qual se localiza a trilha Serra da Pedra, estão na rota dos Cânions do Sul<sup>2</sup>, ambiente que representa relevância internacional com o Geoparque Mundial da Unesco Caminhos dos Cânions do Sul. A respeito do fator Geoparques, estes proporcionam tanto a valorização, promoção e preservação dos patrimônios naturais, quanto da esfera cultural dos seus territórios. Diante disso, o geoparque pode ser compreendido como:

Um território de limites bem definidos, com área suficientemente grande para servir de apoio ao desenvolvimento socioeconômico local. Deve abranger um determinado número de sítios geológicos relevantes ou um mosaico de aspectos geológicos de especial importância científica, raridade e beleza, que seja representativo de uma região e da sua história geológica, eventos e processos. Além do significado geológico, deve também possuir outros significados, ligados à ecologia, arqueologia, história e cultura (ROCHA; FERREIRA; FIGUEIREDO, 2017, p. 275).

É relevante destacar ainda a proposta do projeto do Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul para a importância de um novo olhar frente à região.

A proposta do Projeto Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul apresenta um novo olhar frente à utilização, valorização e divulgação do território, impulsionando o desenvolvimento sociocultural, econômico e ambiental da região, além de fomentar a conservação do patrimônio natural, promoção e divulgação de pesquisas, educação com olhar para a sustentabilidade, valorização do patrimônio cultural, geração de emprego, bem como propiciar maior visibilidade no contexto nacional e internacional, entre outros (DALPÍAS *et al.*, 2019, p. 233).

Atualmente, o Cânion do Sul conquistou a chancela de Geoparque Mundial da UNESCO em abril de 2022. No Brasil, o Geopark Araripe<sup>3</sup> era o único Geoparque Mundial certificado pela UNESCO até então, em razão disso, o resultado foi muito comemorado pelo Extremo Sul Catarinense, pois trata-se de um título com extrema relevância em nível mundial. Portanto, territórios que compõem paisagens significativas de cunho internacional integram estratégias que envolvem desenvolvimento, conservação, educação, meio ambiente, valorização, sustentabilidade, turismo entre outras atividades importantes para o cenário Geoparque mundial da Unesco.

---

<sup>2</sup> Este Geoparque engloba dois estados: Em Santa Catarina, os municípios de Praia Grande, Timbé do Sul, Morro Grande e Jacinto Machado, e, no estado do Rio Grande do Sul, os municípios de Cambará do Sul, Mampituba e Torres.

<sup>3</sup> O Parque Geológico do Araripe, localizado no Ceará, é o primeiro parque geológico das Américas reconhecido pela UNESCO. Ao todo, esse território é composto por nove geossítios, abrangendo os municípios de Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri.

Dessa forma, a pesquisa inclui o "Caminho dos Conventos" no território que compõe sítios e paisagens significativas do ponto de vista geológico e que apresentam relevância e interesse internacional, assim como destaca os patrimônios histórico-culturais tangíveis e intangíveis atrelados a estes bens abióticos e que integram a paisagem da região que define o que é um Geoparque. Nesse sentido, a formação natural, presente no Parque Nacional de Aparados da Serra e Serra Geral,<sup>4</sup> proporcionou refletirmos no sentido de aproximar a paisagem como campo de análise no contexto natureza e história, assim, estabelecer conexão entre a história local e as práticas utilizadas pelo tropeirismo ao longo das trilhas em meio à natureza.

Quanto ao processo de abertura desse caminho, Segundo Hobold (2005), o principal responsável pela abertura do Caminho dos Conventos foi Sargento-Mor Francisco de Souza Faria, neste relato, é possível observar a riqueza de detalhes durante a abertura desse caminho:

[...] Saindo da Laguna marchei com toda a tropa pela praia a buscar o rio Araranguá, e nele o sítio a que chamam os Conventos, distante da Laguna, e ao sul dela pouco mais de 15 léguas. Neste sítio, em 11 de fevereiro de 1728, dei princípio ao caminho rompendo mato fechado, e dando a pouco mais duma légua com um pântano, que teria meia légua de largo, em que foi possível fazer-lhe uma boa estiva para podermos passar; passando ele, dei quase a meia légua com um grande ribeirão que deságua no Araranguá, que se chama Cangicaçu, e como não dava vau lhe fiz uma boa ponte de 12 braças e meia de comprimento e braça e meia de largo. Entre os morros achei um espigão por onde subi com toda a tropa depois de 11 meses de contínuo trabalho, fazendo o caminho atalho aberto, e é o único por onde se pode subir a serra. Desde os conventos até o sítio que terão 23 léguas tudo são matos, e terras alagadiças [...]. Subida a serra dei logo em campos e pastos admiráveis e neles imensidade de gado, tirados das campanhas da nova colônia, e lançados naqueles sítios pelos Tapes das aldeias dos padres jesuítas no ano 1712 [...] (HOBOLD, 2005, p. 72-73).

Nesse sentido, acrescenta Hobold (2005) que, a partir da foz do Rio Araranguá, os pioneiros adentravam as florestas, seguiam em terra firme desmatando com interesse de assentamento e cultivo da terra, dessa forma, formaram vilas como Capão da Espera (Araranguá - SC), Volta Grande (Jacinto Machado - SC) entre outras. Assim, estabelece-se a problemática referente aos caminhos das tropas como agente condutor de passagem, esses caminhos possuíam pontos de comércio que geravam lucros e influenciavam na origem de vilas e cidades, materializando-se como herança cultural (tangível e intangível) dos municípios do extremo sul do estado<sup>5</sup>. Segundo Straforini (2001, p. 21):

---

<sup>4</sup> Unidades de conservação brasileira de proteção integral da natureza localizada na Serra Geral que são administrados pelo O Instituto Chico Mendes De Conservação Da Biodiversidade – ICMBio, administra o Parque Nacional de Aparados da Serra e Serra Geral. Atua na divisa natural entre os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

<sup>5</sup> A região da AMESC contempla os municípios do Extremo Sul Catarinense: Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Sombrio, Timbé do Sul, Turvo.

Homens cruzavam o interior do Brasil, estabelecendo rotas, trilhas, na busca dos muares (burros, mulas) e na utilização destes como meio de transporte. Nos seus lombos foram transportados de tudo um pouco. Uma complexa divisão social e territorial do trabalho se formou comandada pelos interesses de criar, vender, negociar e tanger esses animais, proporcionando assim, o surgimento de inúmeras vilas que, mais tarde, se tornariam cidades.

Quanto à relação com o tropeirismo, é importante salientar que a pesquisa é proveniente de sucessivas leituras e estudos de campo realizados em outros momentos. O desejo de compreender esse fenômeno chamado tropeirismo despertou o interesse em ampliar estudos referente ao tema, assim, destacamos como resultados desses estudos um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado durante a graduação de História: Licenciatura e Bacharelado, concluído no ano de 2015 pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), bem como dois artigos e um capítulo de livro publicados nos anos de 2016 e 2020. Nesse sentido, a continuidade de percorrer os caminhos das tropas possibilita realizar esta dissertação de mestrado. Portanto, estudos referentes ao movimento tropeiro contribuem com pesquisas que possam dialogar com a formação das identidades locais e regionais, insere a ideia de pertencimento e identidade, valoriza o patrimônio regional, destacando, dessa forma, o Extremo Sul Catarinense.

Neste processo de compreender o passado através de discussões que se apropriam das histórias locais e regionais, os caminhos utilizados pelos tropeiros representaram grande importância tanto na formação da paisagem por onde passavam, quanto aos bens materiais que seus agentes sociais desenvolveram nessa paisagem. Pois, na perspectiva historiográfica, o passado está diretamente ligado às fontes da cultura material, isto possibilita uma análise em amplo sentido, tanto na história, quanto na arqueologia, a fim de interpretar a vivência humana na terra:

A arqueologia cada vez mais deve voltar-se para as disciplinas que refletem sobre o destino da cultura material que ela estuda e o caminho que se tem proposto é a colaboração da população em geral de maneira que esta possa ajudar a definir os usos desse material e mesmo sua interpretação (FUNARI, 2003, p. 98.).

Portanto, ao longo de nossa jornada, os vestígios materiais produzidos pelo homem transformam-se em dados, essa coleta de materiais a história e a arqueologia se encarregam de transformar em amplo conhecimento, tais objetos irão definir o campo da cultura material que o homem produziu, tendo em vista novos olhares a partir de novos estudos, Saladino e Pereira

(2016), bem como Lima (2002) demonstram que o estudo da arqueologia e as relações entre a cultura material e a sociedade permitem compreender as mudanças sociais no decorrer do tempo, ou seja, em longo prazo. Ainda nesse sentido, Meneses (1998) faz um estudo da cultura material destacando a Produção, a Identidade e a Circulação; na perspectiva do autor, o indivíduo está inserido socialmente em uma espécie de rede de informações capaz de apontar diferentes aspectos de uma sociedade e as relações que lhe caracterizam.

Deste modo, com relação à paisagem ao longo do Caminho dos Conventos, seja ela de cunho natural ou antrópica, é necessário entendê-la para se apropriar do conhecimento dos viajantes tropeiros e suas dinâmicas cotidianas e culturais, bem como seus padrões de comportamento dos cenários produzidos na interação com a natureza, transformando-a e produzindo novas paisagens a partir dela. Vale ressaltar, diante disso, o conceito de paisagem descrito por Ross (2013, p. 21):

Considera-se paisagem como sendo a estrutura espaço-temporal que resulta das interconexões dos diferentes elementos que a compõem (bióticos abióticos e antrópicos). Para alguns autores, ela pode ser entendido-definida como sendo o campo do concreto, aquilo que os olhos enxergam, mas é preciso considerar que a paisagem é muito mais do que isso, incluindo o que percebemos e sentimos ao entrar em contato com ela; então, ao mesmo tempo, é formada não apenas por volumes, como também por tonalidades, animações, fragrâncias, ruídos, entre outros. A paisagem é um resultado de todos os processos existentes no espaço-tempo [...].

Nesse sentido, esta pesquisa se apropriou de alguns conceitos principais, a destacar a paisagem cultural. Importante esclarecer que o campo de análise nas discussões referentes à paisagem é amplo, desse modo, Ribeiro (2007) deixa um alerta a respeito da abordagem escolhida, pois o conceito de paisagem pode definir a pesquisa para diferentes conclusões. A intensificação da passagem de tropas ao longo do Caminho dos Conventos, especialmente na trilha Serra da Pedra, acentuou as marcas da atuação social do movimento tropeiro na paisagem da região. Consequência desse movimento foi o processo de emancipação e ocupação de casas de comércio, pouso, pequenas vilas, bem como a crescente urbanização destas. Destarte, “a paisagem é não apenas um ambiente sobre o qual os humanos atuam e transformam, mas o próprio resultado desta interação” (MACHADO, 2012 p. 37), na medida em que ela sofre alteração de ordem natural ou de influência do homem, transforma o meio em que se vive.

Quanto ao aporte teórico a respeito do processo de investigação do passado, esta pesquisa não se limita à história tradicional, o estudo tem por base a revista dos *Annales*, corrente historiográfica do século XX. Burke (1991), em *A Escola dos Annales* (1929-1989), aponta três eixos estruturantes. Na primeira geração, conta com autores como Marc Block

(1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), que rompem com o historicismo alemão de Von Ranke (1795-1886), substituí, assim, a história narrativa, política e tradicional por uma história-problema, deixa de contar a história cronológica ou, como alguns se referem, narrar os fatos como eles foram; a história deveria, nesta perspectiva ir além disso, isto é, a história passaria a ser problematizada, devendo responder aos problemas que a própria história propõe.

Na segunda geração, Fernand Braudel (1902-1985), privilegiava a história de longa duração, a história das mudanças, quantitativa, serial, social. Propõe a história de todas as atividades humanas, não só da história política, elitista, em sua perspectiva, pois a história vista de cima não proporciona visibilidade para as demais classes presentes na história.

A terceira geração destaca autores como Jacques Le Goff (1924-2014) e Pierre Nora (1931), nesta geração, a colaboração com outras disciplinas demonstra um período de fragmentação, pois, no início da revista dos *Annales*, não eram apenas historiadores que escreviam, já era possível identificar uma interdisciplinaridade entre os campos da história econômica, geografia, economia, sociologia, antropologia, etc., apareceram novos problemas a serem discutidos, com eles a pluralidade de ideias, a história das mentalidades, um exemplo para a História das Mulheres, de Michelle Perrot (1928-), e *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre (1900-1987).

A pesquisa também faz relação entre natureza e homem e pode ser compreendida dentro de um paradigma que conta com o auxílio teórico da História Ambiental, assim, o “entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados” (WORSTER, 1991, p. 199). Nesse sentido, ao destacar a história ambiental, segundo Worster (1991, p. 199), “rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta supernatural”. Outro importante fator é a compreensão que a História Ambiental demonstra em relação às paisagens, pois ela relaciona o fator humano à natureza, abordando aspectos socioculturais como “aspectos de estética e ética, mito e folclore, literatura e paisagismo, ciência e religião” (WORSTER, 1991, p. 210). Nessa direção, Roos (2013) aponta que História Ambiental se apoia na paisagem, demonstrando grande potencial como fonte de análise. Em sua concepção, as mudanças decorrentes das diversas culturas não eram compatíveis com a natureza, assim, o ser humano era independente da natureza, portanto, utilizava em favor próprio.

A escolha da área de pesquisa está diretamente ligada com a importância histórica do Caminho dos Conventos na região do Extremo Sul Catarinense pertencente ao Geoparque

Mundial da UNESCO, Caminhos dos Cânions do Sul. Ancorada, dessa maneira, na carência de pesquisas históricas com esta temática na região, estima-se trazer outras contribuições bem como despertar o interesse para outras áreas de conhecimento. O escopo da pesquisa tem como plano de fundo a abertura do Caminho dos Conventos pelo Sargento-Mor Francisco de Souza Faria com foco em evidenciar com maior relevância a trilha Serra da Pedra, suas peculiaridades, bem como o patrimônio cultural com destaque para a paisagem ao longo do caminho.

Ao observar o potencial que o território Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul tem para com o tema tropeirismo e seu caminho, e ao compreender na história como essas dinâmicas de acesso acontecem, pretendemos chegar aos objetivos que a pesquisa propõe e a alguns dos questionamentos que norteiam a busca pelo passado, pela história que se faz presente. Através de um atalho, surgiu uma importante rota de ligação comercial, social e econômica na região Sul do Brasil. Investigar esse caminho justifica a escolha desta pesquisa, ela contribui, dessa forma, no entendimento de aspectos como ocupação humana, formação e desenvolvimento das cidades, além da economia, sua história, incluindo ainda outras áreas de conhecimentos de caráter natural, como relevo, vegetação, clima, hidrografia etc. A carência e a importância de pesquisas históricas são apontadas por Zilli *et al.* (2016), eles descrevem que muitos desses bens materiais remanescentes passavam despercebidos na paisagem pelos moradores, núcleo acadêmico e gestão pública, assim, reconhecê-los proporciona amplos estudos e pesquisas, bem como possibilita que a população pense, discuta, perceba e entenda através da história sua identidade, memória e aspectos culturais.

Nessa perspectiva, Santos (1985) alerta para a aceleração das atividades econômicas, pois essas atividades têm ameaçado paisagens naturais, complementa ainda que o processo de mudança da paisagem transforma os espaços e acaba por fazer com que eles percam suas referências peculiares de lugar. Nesse contexto, é possível destacar grande preocupação com o patrimônio material, já que há uma tendência de crescimento acelerado das cidades de pequeno e médio porte por conta das atividades econômicas, não somente na região do Geoparque e seu entorno, mas em âmbito nacional na atualidade.

Portanto, o tema desta pesquisa envolve o tropeirismo e seus caminhos, em especial o histórico Caminho dos Conventos com a Trilha Serra da Pedra. Nesse sentido, a pesquisa se desenvolveu para além da introdução que faz um apanhado geral do trabalho, apresenta o objetivo geral da pesquisa que busca compreender a relação histórico-cultural da trilha Serra da Pedra com o tropeirismo. A partir desse viés, contribuir com discussões referentes à ideia de patrimônio e paisagem cultural no território geográfico que corresponde ao Extremo Sul Catarinense. Desta maneira, apresentam-se primeiramente os objetivos do trabalho, em seguida,

o marco teórico que discute os principais conceitos que foram apropriados nesta pesquisa, em destaque o tropeirismo, patrimônio e paisagem cultural além da ocupação humana pré-histórica, o interior (Sul – Brasil), o movimento tropeiro, e, por fim, o tropeirismo na literatura da região. Com isso, disserta-se sobre a ocupação humana antiga na região, que passa pelo processo de interiorização e a sua relação com o Extremo Sul Catarinense, e, por conseguinte, através da literatura, demonstra-se como o movimento tropeiro ganhou força, abriu caminho e se fez presente na história. Quanto aos materiais e métodos, realiza-se a localização e a descrição da área de estudo e seus pressupostos metodológicos, caracteriza-se o local de estudo e a forma como esta pesquisa foi realizada. Por fim, evidenciam-se os resultados obtidos quanto à abordagem da análise do patrimônio cultural coletado em campo e das dinâmicas com relação à paisagem do caminho percorrido, nesta etapa, a pesquisa aponta a descrição dos elementos relacionados com o tropeirismo que foram descritos em três setores no polígono escolhido para esta análise no histórico Caminho dos Conventos. Com isso, a pesquisa rege as considerações finais e aponta os referenciais bibliográficos utilizados para fins de futuras pesquisas científicas.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.2 Objetivo Geral

- Compreender a relação histórico-cultural da trilha Serra da Pedra com o tropeirismo.

### 1.1.3 Objetivos Específicos:

- 1) Caracterizar o processo de formação do Caminho dos Conventos no Extremo Sul Catarinense;
- 2) Identificar e registrar a cultura material ligada ao tropeirismo na trilha Serra da Pedra;
- 3) Analisar a paisagem cultural na trilha Serra da Pedra e correlacioná-la com o contexto histórico do tropeirismo.

## **2 UM CAMINHO CONDUZ SEU LEGADO: HISTÓRIA, MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E PAISAGEM CULTURAL**

### **2.1 PRESSUPOSTOS QUE CONDUZEM O CAMINHO DA PESQUISA**

Os pressupostos teóricos deste processo de investigação do passado não se limitam à história tradicional, uma vez que seu aporte teórico-metodológico segue a revista dos *Annales*, corrente historiográfica do século XX; Burke (1991), em *A Escola dos Annales* (1929-1989). Nesta corrente historiográfica, um de seus três eixos estruturantes discute a história de longa duração. Nesta etapa que compreende a segunda geração dos *Annales*, o historiador francês Fernand Braudel (1902-1985) privilegiava a história de longa duração, a história das mudanças, quantitativa, serial e social. Propõe a história de todas as atividades humanas, não só da história política e elitista, em sua perspectiva, pois a história vista de cima não proporciona visibilidade para as demais classes presentes neste percurso temporal.

Portanto, ao investigar os acontecimentos da história, compreendemos seu processo e suas marcas que interagem na paisagem ao longo do tempo, pois essa longa duração conecta a história humana e suas relações com o meio em que vive “uma história lenta no seu transcorrer e a transformar-se, feita com frequência de retornos insistentes, de ciclos incessantes recomeçados” (BRAUDEL, 1992 p. 13-14). Nesse sentido, os pressupostos teóricos, que a corrente historiográfica dos *Annales* propõe, possibilitam ao historiador ampliar novos olhares no campo da pesquisa histórica, dessa forma, permitem o uso de múltiplas fontes, assim, analisar as relações pelas quais o ambiente e o cotidiano dialogam com outras áreas do conhecimento a fim de problematizar a presença humana no ambiente de pesquisa.

Diante disso, as diversas materialidades produzidas pela ação do homem, que resistiram também à ação do tempo, tornam-se objetos de estudo no campo da cultura material, em vista disso, novos olhares a respeito das mais diversas fontes de análise colocam o homem em um amplo campo de estudos. O historiador Barros (2009) esclarece que os materiais constituem o alicerce da vida em sociedade. Dessa forma, pensar cultura material, analisada a partir das fontes materiais, possibilita compreender diversos aspectos da vida humana. Segundo Santos (2013a), quando se refere ao grande número de fontes, em seu artigo “Entre a Pré-História e a História: O Documento Material Humano”,

Surgiu ou ressurgiu com força um conceito interpretativo que abrangia um campo quase que infindável de fontes, fontes essas que exemplificavam os significados da realidade vivida que a humanidade construiu durante seu desenvolvimento, a História Cultural, ou a Nova História Cultural. Essa corrente histórica procura a visão do passado a partir da cultura (SANTOS, 2013a, p. 30.).

Neste sentido, as bases para a construção histórica através das fontes encontradas pela investigação do historiador ampliam e encaminham novos olhares, novos rumos, antes impensáveis e agora possíveis, entendendo, dessa maneira, que a história nada mais é do que a ação do homem, agora, analisada, estudada e compreendida no campo historiográfico.

Dessa forma, Elias (1994) aponta o conceito de civilização e processo civilizador será definido em um processo de lentas transformações, não de forma linear e evolutiva, mas de modo contínuo, pois “trata-se, essencialmente, de um processo de longa duração, o processo civilizador é aquele que caminha rumo a uma direção muito específica” (ELIAS, 1994 p. 53.).

Ao analisarmos o processo de expansão territorial da coroa portuguesa no século XVI e XVII, o processo civilizatório é imposto ao novo território e com ele, vários fatores foram determinantes para o povoamento, em outras palavras:

Vários fatores determinaram esta dispersão do povoamento. O primeiro é a extensão da costa que coube a Portugal na partilha de Tordesilhas [...] em seguida, para a expansão interior, dois fatores essenciais: o bandeirismo preador de índios e prospector de metais e pedras preciosas, que abriu caminho, explorou a terra e repeliu as vanguardas da colonização espanhola concorrente; mais tarde, a exploração das minas, descobertas sucessivamente a partir dos últimos anos do século XVII, e que fixou núcleos estáveis e definitivos no coração do continente (PRADO JR., 2006, p. 37).

Diferentes abordagens são desenvolvidas, discutidas e apresentadas sobre o conceito de território. No entanto, cada pesquisador define sua linha de pesquisa conforme seus métodos e concepções que irá auxiliar na busca dessa interpretação. Para Raffestin (1993), o conceito de território vem ao encontro das relações entre estado e indivíduo, relações de produção e poder, assim sendo:

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. [...] o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder [...] (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Teixeira (2009) comenta que existe divergência a respeito do estudo conceitual de território, pois para alguns autores a análise não contempla o território em si, mas as relações

de poder que irá formá-lo. Desse modo, o autor propõe que as relações de poder determinam os espaços impondo suas características, a análise dos fatores locais é feita, bem como de suas relações. Outra importante contribuição é a de Saquet (2007), segundo o qual, o território aborda discussões no campo econômico, político e cultural, apropriação do espaço está relacionada com o processo natural através das relações necessárias do próprio cotidiano humano que vai produzir o território:

Por essa abordagem e concepção material, uma dimensão fundamental e quase negligenciada em estudos territoriais ou tratada comumente como base física, é a natureza exterior ao homem. Assim merece atenção sem a pretensão, evidente, de esgotar a temática. Nos processos territoriais, as dimensões da E-P-C-N estão sempre presentes, de uma forma ou outra. Talvez, possamos avançar a partir do exposto, sobretudo a partir da possibilidade de se considerar, na natureza do território, a natureza (SAQUET, 2007, p. 172.).

Quanto ao espaço, Santos (1978) caracteriza as representações sociais de acordo com a escolha do local e como esse grupo social irá utilizar dos recursos dispostos nessa sociedade, esse local se apresenta como fator determinante para a atuação humana, assim, o espaço quando organizado pela ação do homem se iguala as demais estruturas sociais, refere-se a uma estrutura “subordinada-subordinante”. O autor complementa que “o espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais” (SANTOS, 1978, p. 171).

Santos (2008, p. 46) revela, ainda, que o espaço pode ser observado como “algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não”. Nesse sentido, com o passar dos anos, novos objetos e novas ações conectam-se umas às outras, o que vem a resultar na modificação do processo com um todo.

Entretanto, os resultados obtidos nas discussões a respeito da questão territorial não finalizam em seus conceitos, o processo de ocupação desse território passa por algumas etapas. Quanto à colonização, Novais (1969, p. 254) acrescenta que a “colonização significa, no plano mais genérico, alargamento do espaço humanizado, envolvendo ocupação, povoamento e valorização de novas áreas”. Para o autor, uma área precisa ser ocupada, povoada, para que possa ser valorizada. Assim, a apropriação desse território está diretamente ligada à ocupação, ao pertencimento consecutivamente, consecutivamente, à identidade. No que diz respeito à identidade, Pesavento (2005, p. 89-90) descreve que, “[e]nquanto representação social, a identidade é uma representação simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a

partir da ideia de pertencimento”. Ao trazer conceitos de identidades, esses podem nos associar como integrantes de um grupo, que faz parte de um coletivo, ou também, podem nos tornar indivíduos únicos enquanto representação social na qual está inserido.

Em relação ao espaço ocupado a partir da ideia de pertencimento, Salvadori (2008, p. 31.) aponta que “o patrimônio histórico-cultural, tomado como um dos suportes da memória coletiva produz identidades sociais que são determinantes nos modos como os homens se apropriam da realidade que os cerca”. Identidade e memória caminham lado a lado, portanto caracteriza o espaço físico, o meio em que vivemos, e as relações existentes entre o homem e o que ele produz. No entanto, quando os próprios moradores locais ainda vivem relatos em suas memórias, demonstra a valorização do sentimento de identidade comum, Thompson (1992) propõe que, para uma comunidade que está ameaçada, sua memória deve servir para acentuar um sentimento de identidade comum entre todos, nesse sentido, episódios que geralmente demonstrem conflitos deixam de acontecer e caem no esquecimento.

À medida que o homem passa a deixar suas marcas como herança cultural, o resultado dessa produção contribui para assegurar que sua história permaneça, além de viva, materializada ao longo do tempo para suas gerações futuras, com isso, reforça o que diz Zilli *et al.* (2016) quando destaca que toda a produção feita pelo homem, de certa forma, acaba por transformar-se em cultura, e que, a consequência dessa cultura leva a tornar-se um patrimônio justamente por ser uma criação do homem. A respeito desse patrimônio relacionado com a atividade humana, complementa ainda Gonçalves (2003, p. 22), em sua análise, “todo e qualquer grupo humano exerce algum tipo de atividade de colecionamento, o resultado dessa atividade é precisamente a constituição de um patrimônio”. Nesse sentido, preservar os bens patrimoniais permite a formação de uma identidade e a continuidade cultural de uma sociedade. Rodrigues (2018) reforça que os remanescentes materiais de cultura apresentam-se como testemunhos das histórias vividas, de maneira individual ou coletiva, assim, permitem aos homens lembrar, bem como ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço e partilhar da mesma cultura, são elementos que fornecem ao grupo o sentido de identidade coletiva.

Refletir a respeito do patrimônio, supõe pensar as formas sociais de culturalização em que as relações exercidas pelo homem irão desenvolver no decorrer do tempo. No Brasil, as discussões em torno do patrimônio cultural iniciaram por volta da década de 1930, ao longo do tempo, seu conceito vem sofrendo adaptações até a constituição de 1988, que define o Patrimônio Cultural pensado da seguinte maneira:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN tem a responsabilidade de promover a gestão e a preservação do patrimônio histórico e artístico do País. Com base em instrumentos legais, é a instituição de serviço federal que contempla a preservação de bens de natureza material e imaterial. Segundo IPHAN (1989), cabe a si classificar, dessa forma, os bens culturais nos livros de Tombo, fica documentado as ações voltadas à identificação, à restauração, à conservação, à documentação e à preservação.

Gonçalves (2003) analisa que os grupos humanos, ao exercer algum tipo de atividade, o resultado dessas atividades resulta na constituição de um patrimônio. Sua colaboração é fundamental para entendermos o patrimônio como categoria de análise. Portanto, as atividades humanas também modificam determinadas paisagens, caracterizam-nas como paisagem cultural e imprimem características peculiares que as diferem de outras culturas.

Cabe ressaltar que o tropeirismo e seus caminhos estão diretamente inseridos no que tange a ideia de herança patrimonial quando identificados bens de natureza material relacionados com o movimento, como por exemplo, casas de comércio, pontos de parada, campos de pouso e taipas, bem como e as relações que implicam na transformação da paisagem ao longo dos caminhos percorridos pela passagem das tropas pela região do Extremo Sul Catarinense. Dessa forma, a paisagem cultural dialoga com a ideia da materialidade produzida pelo movimento tropeiro.

Quanto à paisagem cultural, denominada assim pela UNESCO, na década de 1990, estão inscritos os bens culturais e naturais na Lista do Patrimônio Mundial. No Brasil, assim definida em 2009 pela Portaria nº 127 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, a “paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (IPHAN, 2009, p. 13). Dessa forma, a chancela referente a Paisagem Cultural é compreendida como uma espécie de selo de qualidade de um determinado território, este possui características especiais quando conecta homem e meio ambiente em mesma sintonia.

A respeito da relação do homem com a paisagem em que ele vive, a percepção de paisagem permanece presente na memória humana antes mesmo da concepção de seu conceito, uma vez que, para a respectiva sobrevivência do homem, depende de sua relação mantida com o meio em que ele está inserido (CAMPOS, 2010; ZOCCHÉ *et al.*, 2012). Ao refletir a respeito do campo de preservação e sua relação com o meio em que vive, Castriota (2017, p. 17) aponta a paisagem cultural voltada para o campo da preservação:

Combina de forma inextricável os aspectos materiais e imateriais do patrimônio, muitas vezes pensados separadamente. Com isso, de certa forma, abre-se uma perspectiva contemporânea para se refletir, de forma mais integrada, sobre diversas ideias tradicionais do campo da preservação.

No entanto, o conceito de paisagem como entidade é amplo, mesmo que autores definam o que é paisagem cultural, não se refere apenas à paisagem percebida e vivida pelos humanos, os animais também se relacionam e percebem a paisagem. Dessa forma, a paisagem pode ser resultado tanto de processos naturais, quanto antrópicos. Podemos dizer que uma paisagem antrópica, que recebeu elementos humanos, pode apresentar características naturais, e uma paisagem natural, que também recebeu elementos humanos, deixa de ser natural, mas não se caracteriza como alterada.

Para Santos (1996), a paisagem pode representar um conjunto de forma que, em determinado momento, manifesta suas respectivas heranças que refletem em sucessivas relações de contato entre homem e natureza. Em diálogo com outra importante contribuição, Santos (2018, p. 94.) apresenta a importância de considerar uma paisagem no meio rural e urbano, “ocorre assim a formação de uma cultura arquitetônica [...] consistindo em elemento fundamental na constituição da paisagem regional, nos meios rural e urbano”. Nesse sentido, a perspectiva de paisagem reflete não apenas em um ambiente sobre o qual os humanos atuam e transformam suas relações, mas o próprio resultado desta interação. Assim, a paisagem configura-se como um importante instrumento de pesquisa, permite rever e analisar as etapas de transformação do passado numa perspectiva atual, pois, com características interdisciplinares, dialoga com diferentes áreas de atuação.

Na perspectiva de inserir as paisagens por representar grande relevância para as atividades turísticas, não deixa de ser menos importante a discussão referente às relações entre homem e natureza, assim, as paisagens podem tornar-se atrativos turísticos, entendimento esse que vem ao encontro das políticas públicas nacionais, já que o Ministério do Turismo aponta o turismo cultural como “as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de

elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2006, p. 13). Nesse sentido, Guimarães *et. al.* (2016) assinalam que o turismo pode atuar como mecanismo de valorização, quando for desenvolvido de forma responsável, pois assim poderá garantir a salvaguarda do patrimônio cultural material. Destarte, a atividade turística consolidada, desde que planejada, acarreta benefícios para as comunidades locais. É certo que, independentemente da motivação da viagem, as paisagens podem influenciar na escolha do destino turístico. Segundo Castro (2002), as paisagens apresentam determinado conteúdo simbólico, o turismo as utiliza principalmente como um recurso. Meneses (2002) complementa que, ao desfrutar deste recurso para o turismo, diversos países utilizam as paisagens como mercadoria.

Portanto, refletir que a trilha Serra da Pedra está localizada dentro de um território que possui relevância internacional, manifesta grande importância ao considerar que suas paisagens podem tornar-se atrativos turísticos, entendimento esse que, como dito anteriormente, vem ao encontro das políticas públicas nacionais, em especial, atinente ao que descreve o Ministério do Turismo.

Neste sentido, abordar diferentes manifestações, atribuições e significados que o movimento tropeiro tenha deixado como herança histórico-cultural em seus caminhos, principalmente no Extreme Sul Catarinense, demonstra o quanto é importante a participação das comunidades locais nesse processo. Pois a construção dessas relações com o patrimônio, seu legado cultural, bem como a ideia de pertencimento possibilita o reconhecimento e a identificação de seus recursos herdados, bem como a valorização desses recursos.

## 2.2 UM CAMINHO; MUITOS SENTIDOS

Associar a chegada dos europeus no continente americano e seus respectivos processos de colonização permite observar que: na colonização espanhola a conquista e o extermínio dos povos originários indígenas pré-colombianos estavam associados ao processo de dominação do território. Com relação ao processo de colonização portuguesa, as novas terras também foram conquistadas e não descobertas, em diálogo com Prado Jr (1999), o Brasil não teria sido descoberto pelos portugueses, pois, afirmando isso, estaríamos negligenciando totalmente a história dos povos indígenas, dos povoadores, pois aqui viviam há muito tempo, antes mesmo da chegada dos europeus. Assim, pensar o processo de colonização é refletir a respeito dos

povos originários que aqui viviam e os processos de silenciamento, esquecimento e extermínio a que foram submetidos.

Santa Catarina possui uma extensa faixa litorânea que a torna importante fonte de pesquisa em diversas áreas de conhecimento, como a arqueologia, e as ocupações pré-históricas do período meridional brasileiro demonstram a ocupação da região por povos originários. Nessa área, foram localizados sítios de grupos com hábitos caçador-coletores, pescador-coletores e horticultores ceramistas relacionados a grupos indígenas Jê-Meridionais e Guarani (SANTOS; PAVEI; CAMPOS, 2018).

No território catarinense, o povoamento mais antigo, registrado pela arqueologia, é correspondente à Tradição Umbu, associado aos grupos caçadores coletores. “Provavelmente vindos do sul do continente sul-americano, se fixaram nas matas da encosta do Planalto a leste e, nas matas do Alto Uruguai a oeste, datando aproximadamente 9.500 anos AP”. (CAMPOS, 2015). Essas primeiras ocupações podem ser divididas em dois grandes momentos, para Schmitz (2013, p. 2), essas ocupações iniciais estariam assim divididas:

A primeira, com mais de 8.000 anos, de caçadores, nas matas da encosta do planalto ao leste e nas matas do Alto Uruguai a oeste, que se manteve até o fim do primeiro milênio de nossa era. A segunda, um pouco mais recente, de pescadores e coletores junto a estuários, canais, mangues e baías do litoral atlântico, a qual também durou até o final do primeiro milênio de nossa era.

Quanto à ocupação dos grupos Guarani migrando de outras regiões até o sul do país, Schmitz (2013) sugere que as populações de origem Guarani vindas da região Amazônica colonizaram as várzeas dos rios e as planícies costeiras do Sul do Brasil no primeiro milênio de nossa era, já no segundo milênio, avançou para Santa Catarina ocupando a planície costeira. Cronologicamente, indicativos quanto à ocupação pré-histórica foram relacionados por Campos, Pavei e Campos (2016), eles distinguem “três horizontes diferenciados e suas possíveis associações culturais: 3.697-3.377 anos AP (Sambaquis Plenos); 1532-1184 anos AP (Sambaquis Tardios e/ou Jê Meridionais) e 720-230 anos AP (Guarani)” (SANTOS; PAVEI; CAMPOS, 2016, p. 72). Ainda Bonomo *et al.* (2015) indica que o litoral do Brasil, mais especificamente ao Sul, foi uma das últimas áreas a serem colonizadas pelos grupos Guarani, por volta de 1.000 e 1780 AD.

Na região do Extremo Sul Catarinense, conforme aponta (SANTOS, 2016), grande variedade de estruturas Guarani foram documentadas pela equipe do IPAT/UNESC no ano de 2000, este levantamento arqueológico estava distribuído ao longo da Rodovia Interpraias, entre as localidades de Morro dos Conventos, em Araranguá-SC, e Lagoa dos Esteves, atualmente

pertencente a Balneário Rincão-SC. Ainda sobre esta pesquisa, foram catalogados 20 sítios arqueológicos Guarani, que teriam habitado a região da Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá.

Portanto, o que se sabe até o momento em relação à ocupação pré-histórica e a distribuição desses grupos no território do Extremo Sul Catarinense, segundo Campos (2015), é que = vários grupos humanos povoaram esse território, bem como foram contabilizados até o momento 116 desses sítios arqueológicos.

Em diálogo com Cezaro, Campos E Santos (2020), é possível encontrar vestígios arqueológicos dos povos originários denominados Laklãnõ-Xokleng nas regiões do planalto do estado de Santa Catarina, pois disputas por território migrou os Laklãnõ-Xokleng para áreas situadas nas encostas da Serra Geral. Portanto, grande parte das vias de acesso que foram determinantes para a ocupação, antes da colonização Luso-brasileira, era habitada pelos povos originários Laklãnõ-Xokleng, estes viviam nos territórios cobertos por mata atlântica entre o litoral e planalto catarinense. O caminho que inclui a Serra da Pedra, antes de pertencer ao movimento tropeiro, certamente era caminho utilizado pelos Laklãnõ-Xokleng, o que resultou nas marcas deixadas pela sua herança cultural na paisagem local e regional.

Desta forma, a ocupação do território que os Laklãnõ-Xokleng ocupavam não se limitava apenas a uma determinada região. Ocupar uma grande área poderia garantir as necessidades alimentares e a continuidade do grupo. “Incursões de caça, de coleta ou de reconhecimento deveriam ser feitas em áreas relativamente grandes [...] A dependência total da caça e da coleta obrigava os Laklãnõ-Xokleng a dominar um enorme território” (SANTOS, 1997, p. 33). Essa presença cada vez maior no território poderia colocar o grupo frente a frente com outro fator decisivo para a ocupação dessas áreas, o fator colonização. Pois a chegada dos colonos vem ser a principal ameaça para os povos originários, iniciaram-se conflitos organizados pelos colonos que contratavam bugreiros para expulsar e exterminar esses grupos:

As tropas de bugreiros compunham-se, em regra, com 8 a 15 homens. A maioria deles era aparentada entre si. Atuavam sob o comando de um líder. A quase totalidade dos integrantes desses grupos eram “caboclos”, que tinham grande conhecimento sobre a vida no sertão. Atacavam os índios em seus acampamentos, de surpresa. Às vítimas poucas possibilidades haviam de fuga. (SANTOS, 1997, p. 27).

Pensar o processo de colonização é refletir a respeito da passagem e ocupação dos povos originários Laklãnõ-Xokleng na região. Essas passagens deixaram marcas no território, seus caminhos. No Extremo Sul Catarinense, muitos dos caminhos utilizados pelos tropeiros é herança dos povos originários que aqui viviam, um desses caminhos é a trilha Serra da Pedra. Entretanto, a implantação das colônias de exploração dos recursos extraídos do território

catarinense acelerou o processo de extermínio desses povos. Os sobreviventes continuaram lutando contra um processo brutal que deixava esses povos cada vez mais confinados em áreas cada vez menores, pré-determinadas pelos moldes do governo.

### 2.3 OCUPANDO O INTERIOR

O processo de interiorização da colonização portuguesa passa a ser visto como um fator importante para as diversas atividades de integração econômica na colônia. A ocupação do interior proporciona interligar as diversas regiões que até então estavam limitadas ao litoral brasileiro durante o século XVI, bem como o aumento da economia colonial, que até então era basicamente da exploração do Pau Brasil, primeira grande riqueza explorada em solo brasileiro. Segundo Prado Jr (2006), a colonização portuguesa via a necessidade de iniciar um processo de expansão territorial que de fato era de seu direito devido ao tratado de Tordesilhas.

O interior da colônia era algo desconhecido até sua ocupação que teve início no século XVII. Neste processo, alguns fatores como a economia canavieira precisava de sua expansão devido a importância da pecuária, determinante para o povoamento do sertão nordestino. Outro importante fator foi o movimento das tropas de muares e gados, fundamental para o desenvolvimento da região Sul da colônia, bem como as regiões que tiveram suas atividades direcionadas para a mineração. O resultado dessas novas atividades foi o surgimento de pequenas vilas e cidades que a coroa portuguesa, no processo de interiorização, expande território e se apropria de terras pertencentes à Espanha:

Vários fatores determinaram esta dispersão do povoamento; o primeiro é a extensão da costa que coube a Portugal na partilha de Tordesilhas [...] em seguida, para a expansão interior, dois fatores essenciais: o bandeirismo preador de índios e prospectador de metais e pedras preciosas, que abriu caminho, explorou a terra e repetiu as vanguardas da colonização espanhola concorrente; mais tarde, a exploração das minas, descobertas sucessivamente a partir dos últimos anos do século XVII, e que fixou núcleos estáveis e definitivos no coração do continente (PRADO JR., 2006, p. 37).

A decisão de ocupar o litoral brasileiro na região sul do Brasil teve início no século XVI. O tratado de Tordesilhas limitava a região costeira do território a Portugal e a região ao sul da atual cidade de Laguna aos domínios da Espanha. A escolha pela região de Santa Catarina é apontada devido a sua localização geográfica, quando Prado Jr (1996) descreve que os espanhóis há muito tempo a cobiçavam, principalmente a região da Ilha de Santa Catarina, que

serviria como ponto estratégico em termos de defesa de território. Neste sentido, a região sul passou a interessar ainda mais aos portugueses, uma vez que, nessa região, sulistas criavam gado bovino para produção de carne, couro, além de utilizar os animais para tração ou transporte:

O comércio do gado já existia na Colônia do Sacramento, de onde os portugueses se aproveitavam para roubar reses, colocadas pelos castelhanos nas campanhas vizinhas; tirando o couro e peles, exportavam-nos para os mercados de São Vicente [...] esse foi chamado o ciclo do couro, que depois foi substituído pelo do gado, foi o transporte desse gado que levou os portugueses a construir a primeira estrada entre a Colônia do Sacramento e a vila de Laguna, de onde era embarcado e levado por mar até aqueles portos (LEMOS, 1979 *apud* THOMÉ, 1977, p. 25).

Fatores como, por exemplo, geográficos, políticos e econômicos favoreceram para que o processo de colonização se estendesse por volta de três séculos, durante os quais se consolidou um processo de ocupação lento e variado, principalmente na região que pertence ao espaço catarinense, assim, quanto a uma possível ocupação, Brandt (2015, p. 304-305) aponta que “em Santa Catarina surgiu como um espaço possível de ocupação, principalmente a partir do final da primeira metade do século XIX, quando as principais áreas de campos já haviam sido apropriadas para a criação de gado”. Ainda se encontravam escravos, negros libertos, foragidos da justiça, peões e fazendeiros em buscas de novas terras, partindo principalmente das áreas situadas ao leste, nos campos de Lages, Curitibanos e Campos Novos, enquanto a noroeste e oeste partiam dos campos de Guarapuava e Palmas, no Paraná (BRANDT, 2015 *apud* MACHADO, 2004).

O modelo de povoamento ao longo do período colonial é compreendido por Arruda (1999, p. 81), que aponta “o período colonial foi um dos responsáveis pela formação de um modelo sociocultural de adaptação ao meio, em que tanto sua ocupação quanto a utilização dos recursos naturais se devem às influências indígenas e ao caráter cíclico e irregular do povoamento”. Nesse contexto de ocupação Brandt (2015, p. 305) descreve:

Campos e florestas representavam não apenas paisagens distintas, mas também diferentes modos de vida e possibilidades de independência dos laços até então costurados com as fazendas das áreas de campos. Ao se instalar nas novas terras, os ocupantes poderiam viver da criação de animais, da extração da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) nas áreas onde ela existisse, da caça, da pesca e da agricultura de subsistência.

Os caminhos que cortavam o sul do Brasil principalmente na região catarinense, demonstram grande importância no contato com outros centros comerciais. Percebemos nestes

tais caminhos, sejam abertos pelos indígenas, sejam apropriados e adaptados pelos bandeirantes, os tropeiros também os utilizavam para o transporte de rebanhos, inclusive, feito pelo litoral catarinense. Encontramos relatos desses caminhos no sul do Brasil descrito por Jacobus (*apud* HERBERTS, 2009, p. 123) em que aponta “a abertura dos caminhos no sul do Brasil remonta ao final do século XVII e início do século XVIII. O primeiro caminho utilizado para o comércio de animais foi o chamado de Caminho da Praia, aberto no século XVII”. Ainda sobre a importância desses caminhos, Thomé (2012) descreve que os paulistas buscavam mulas e gado bovino nos campos do Rio Grande do Sul e da Prata, esse transporte seguia para as feiras de Sorocaba; primeiro, esse caminho era realizado pela Estrada Real, consecutivamente pelos caminhos das Veredas das Missões, estabelecendo-se aqui nos Séculos XVIII e XIX.

O litoral vem a ser um dos caminhos mais difíceis a ser percorrido, segundo Thomé (2012), os rebanhos que vinham do sul, desde Laguna, alcançavam o São Francisco pelo Caminho da Praia e seguia viagem em direção aos Campos dos Ambrósios até chegar aos Campos Gerais depois de muito trabalho, isso levou a abertura de um novo traçado como podemos ver a seguir:

O transporte dos rebanhos pelo litoral, entre os morros e as praias, era penoso e quase impraticável de ser percorrido desde Laguna até a Babitonga, o que ensejou aos exploradores a abertura de um novo trecho entre Laguna e os Campos de Lages pelo Araranguá, este que veio a ser conhecido como “Caminhos dos Conventos” e, de Lages até os mesmos Campos Gerais (no Paraná), pelo Planalto Catarinense. (THOMÉ, 2012, p. 13)

Neste sentido, ao associar o movimento de interiorização com demais caminhos utilizados pelo tropeirismo, a pecuária apresenta-se como importante eixo de integração econômica na região sul, do Rio Grande do Sul, o gado era transportado pelos tropeiros para abastecer outras regiões, principalmente a região mineradora nas Minas Gerais. Com a descoberta da mineração, a ocupação do interior passa a ter maior relevância devido à extração do minério recém-descoberto. Através desse movimento foi possível a abertura de novos caminhos que passaram a ligar as regiões do sul até centro-oeste e sudeste, foi assim que surgiu o elemento tropeiro, indivíduo responsável pelo transporte do gado que abastecia as regiões por onde passavam bem como proporcionou ao longo desses caminhos o surgimento de pontos de parada que foram se transformando devido às necessidades em pontos de comércio, migrando para pequenas vilas e conseqüentemente cidades.

## 2.4 MOVIMENTO TROPEIRO

O tropeirismo é conceituado por muitos autores como um sistema social de extrema importância para a expansão e ocupação do território brasileiro. Na época do Brasil Colônia, importantes vias terrestres tiveram como finalidade interligar regiões, nesse contexto, contribuiu para o encontro de diferentes culturas sendo considerado também um agente social de desenvolvimento local e regional. Na perspectiva de Straforini (2001, p. 21):

Homens cruzavam o interior do Brasil, estabelecendo rotas, trilhas, na busca dos muares (burros, mulas) e na utilização destes como meio de transporte. Nos seus lombos foram transportados de tudo um pouco. Uma complexa divisão social e territorial do trabalho se formou comandada pelos interesses de criar, vender, negociar e tanger esses animais, proporcionando assim, o surgimento de inúmeras vilas que, mais tarde, se tornariam cidades.

Em outras palavras, o tropeiro na visão de Almeida (1971) seria aquele que com alguma tropa carregava gêneros da terra, fazendo suas jornadas de cidade a vila, de povoado a povoado, transportando também cavalos, bois, muares ou até porcos, acrescentando a tudo isso a ideia de rebanhos em marcha para a feira ou matador. Nesse sentido, o autor define a palavra tropa ao representar um rebanho ou multidão de animais ou humanos, embora a denominação tropa passasse a se restringir no Brasil, aos rebanhos de equinos, muares e asininos. A definição de Flores (1998) sobre o tropeiro representa a dificuldade em precisar o significado do termo, pois foi empregado tanto para atividades com animais de cavalgadura como bovinos. Em seu dicionário, na edição de 1861, Eduardo de Farias define o termo tropeiro diretamente relacionado com aquele indivíduo que viaja com cavalgadura de carga. Desta forma, o tropeirismo apresenta-se como um sistema organizado encarregado pelo escoamento de diversos gêneros que eram transportados por uma vasta porção do território brasileiro, numa nítida divisão territorial e social do trabalho.

De forma geral, o movimento tropeiro está associado a um ciclo econômico de longa duração. Estendeu-se desde o fim do século XVII quando as vis terrestres eram precárias, até as primeiras décadas do século XX quando teve início a implantação dos meios de transportes mais modernos. Afinal, mais que condutores de mercadorias, os caminhos utilizados pelo movimento tropeiro acabam por se estabelecer não só no território, mas também no tempo. Os caminhos conduzem histórias ao longo do tempo, com elas, carregam grande fluxo de animais, mercadorias, pessoas, ideias e culturas, tornando-se um importante fator de formação sócio-político-econômica da região Sul do País:

Ao tratar do sistema social, político e econômico do tropeirismo se resgata uma herança cultural importante baseada num nomadismo que traz consigo a criação de valores próprios e muito arraigados. “É uma saga de homens enfrentando vida difícil de embate com a natureza, desenvolvendo em longas caminhadas modos de pensar e agir que vão marcar muito profundamente a vida da região sul do país.” (AUGUSTO, 1992, p. 8).

Considerada uma das atividades que possui papel relevante na nossa história, a reconstituição histórica do fenômeno do tropeirismo é apontada pelo IPHAN pela questão que envolve as discussões de sua significação como memória social, ao encontro da política contemporânea de registro de memória material e imaterial. Neste sentido, a figura desse sujeito social atribui traços próprios que geralmente a bibliografia relacionada ao assunto não costuma abordar como, por exemplo, “coragem, valentia, honra, virilidade, liberdade, homem de negócios”, como aponta Zuccherelli (2008, p. 50):

A complexa rede de solidariedade e interdependências, construída pela convivência diária e pelo fato de terem apenas uns aos outros com quem contar, tornavam fundamentais aspectos como amizade, companheirismo e camaradagem. Embora pertencendo a classes sociais diferentes, os integrantes do grupo compartilhavam, de forma similar, o gosto pela vida simples, ligada à natureza e aos animais, o sonho, a aventura e também a obediência às regras, o respeito pelo outro, a forte hierarquização e o acatamento aos códigos e posturas de convivência.

O dia a dia do tropeiro é outro assunto que não aparece muito nas abordagens sobre o tropeirismo, considerado uma das atividades mais relevantes da nossa história, o movimento tropeiro intensificou meios de comunicações, bem como ampliou as diversidades socioculturais, fator importante na formação sócio-político-econômica das regiões, bem como do modo de vida que esse sujeito social desempenhava suas funções. No entanto, a vida do tropeiro era desafiadora, viajavam grandes distâncias, conduziam gigantescas tropas tracionadas por animais que cumpriam com valentia seu trabalho. Além dos animais, Zuccherelli (2008) acrescenta que a tropa era composta por um grupo de homens, estes possuíam diferentes tarefas e que, apesar da divisão de funções dentro do grupo, de certa forma, seus esforços os igualavam. Para enfrentar os perigos e as dificuldades que encontravam pelo caminho, Trindade (1992 p.38) reforça que o esforço por parte de cada um dos envolvidos na viagem, “todos compartilhavam do prolongado isolamento, da rusticidade do pouso noturno, dos terrenos ou rios de travessia estafante ou arriscada, do possível ataque de feras ou de guerreiros indígenas”. Neste sentido, a solidão, o sofrimento e a distância da família são alguns

dos fatores que fizeram parte da vida dos tropeiros, homens que se arriscavam em suas jornadas para impulsionar o desenvolvimento do Brasil.

Ao longo das rotas, o tropeirismo contribuiu para a organização do comércio, assim como facilitou a integração e a comunicação entre vários pontos do Brasil. Quanto à região mais ao sul, vem estabelecer forte integração regional entre mar e serra que vai influenciar diretamente na formação dos municípios do extremo sul catarinense. Reflexos desse movimento podem ser observados quanto ao modo de negociar que envolvia uma tropa. Na visão de Zuccherelli (2008), tropear era um bom negócio, pois além de conduzir as tropas eram encarregados de comprar, vender e negociar preços, com isso, eram responsáveis por cuidar do dinheiro e da contabilidade, nesse sentido, os tropeiros eram homens de negócio, empreendedores, isso fez com que muitos deles pudessem juntar fortuna e ocupar cargos públicos de grande destaque na vida pública. Outra contribuição, a respeito sobre a forma de negociar, é destacada por Trindade (1992 p. 38), pois reforça que o tropeiro era o dono do negócio e dos animais que estavam com sua tropa, porém, em determinadas viagens, algum tipo de capital empregado por um sócio poderia lhe render participação dos negócios que envolvesse aquela viagem.

O movimento das tropas, bem como a importância desse fenômeno histórico como fator de identidade regional vêm sendo divulgados também pelas mídias de comunicação. Exemplo é o DVD produzido pelo Globo Rural que representa o fenômeno histórico do tropeirismo apresentado como “o vai e vem dos tropeiros modificou para sempre a geografia, a economia, os costumes, a língua, a fisionomia do brasileiro, a própria cara do país” (GLOBO RURAL, edição especial número 1, 2006). Ainda sobre o DVD, acrescenta-se mais adiante, “o Brasil produzia e exportava cana-de-açúcar, café, tabaco, couro, ouro, diamantes e importava mil e uma utilidades. Tudo ia e vinha no lombo de burro” (OLIVEIRA, Sérgio Coelho de 2006, GLOBO RURAL, edição especial, fascículo 3:7). Portanto, o movimento tropeiro pode ser observado tanto em pesquisas e trabalhos, quanto em outras produções, seus reflexos promovem, de certa forma, um discurso de identidade, cultura e patrimônio, pois, em diálogo com Canclini (2000), ao acrescentar que a construção dessa forma do discurso de nação cuja cultura e cujo patrimônio cultural – ou aspectos selecionados para representá-los – são utilizados para definir uma identidade nacional.

## 2.5 INTERLIGANDO REGIÕES

Em meados do século XVIII, a microrregião do Extremo Sul Catarinense começa a receber seu movimento de colonização, que vai se intensificar a partir da segunda metade desse mesmo século devido ao início da abertura dos novos caminhos que interligam litorais e planalto. A abertura desses novos caminhos modifica a dinâmica espacial do território, utilizado pelo movimento tropeiro, o Caminho dos Conventos torna-se o principal caminho de passagem referente a microrregião do Extremo Sul Catarinense entre Araranguá e Jacinto Machado seguindo pelo planalto até Vacaria no estado do Rio Grande do Sul em direção a Curitiba até São Paulo.

Figura 1 - Caminho dos Tropeiros de Conventos à Curitiba



Fonte: HOBOLD (1994, p. 37).

Nesse sentido, o planalto serrano catarinense se configura como uma importante rota econômica devido ao transporte e passagem de gado que provinha do estado do Rio Grande do Sul até São Paulo. Esse movimento de passagem traçou rotas que puderam interligar Araranguá, Viamão e Lages, importantes regiões na configuração dos “Caminhos dos Tropeiros” na história do sul do Brasil.

Após a colonização de Laguna e a abertura de novas estradas litorâneas em direção ao sul procurando chegar aos campos rio grandenses, que vai ocorrer o desenvolvimento da colonização da região onde atualmente se situa o município de Araranguá, no “Caminho da Praia”. Desenvolvendo-se então, o povoado chamado – Capão da Espera – servindo como local de pouso para os tropeiros que ali passavam (HOBOLD, 1994, p. 37).

Fundada em 1766, a Vila de Lages caracteriza-se com um dos principais pontos estratégicos que fazem parte do planalto catarinense devido a sua importância para as rotas mercantilistas que utilizavam o caminho entre São Paulo - SP até Viamão - RS. Beneficiando-se da abertura desses caminhos utilizados pelos tropeiros, Lages - SC destaca-se pelo legado deixado pelo movimento, na visão de Bauer (2015), a cultura deixada pelos tropeiros, paulistas e também gaúchos, reflete diretamente pela ligação entre esses caminhos, pois Lages - SC possui um dos maiores acervos de bens culturais relacionados com tropeirismo. Ainda no planalto serrano, a destacar Curitibanos - SC, Campos Novos - SC e Lages - SC, acrescenta Santos (2015) com relação ao tropeirismo, configura-se como uma das mais ricas tradições, exemplo é a Coxilha Rica<sup>6</sup> que concentra um dos maiores e mais importante acervo de bens culturais relacionados com o movimento tropeiro e seus respectivos caminhos na região do planalto catarinense.

Diante do exposto, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio do Inventário Nacional de Registro Cultural (INRC), tem mapeado e auxiliado quanto à procura, à proteção e à identificação desses patrimônios, exemplo disso podemos citar a fazenda Cajuru, esta fazenda é tombada como patrimônio cultural estadual (P.T. n. 294/2005).

Quanto ao Caminho dos Conventos em realizar essa conexão entre o litoral com os campos de cima da serra, percebe-se que a ligação entre a serra e o mar, certamente, era realizada em tempos quando as estradas ainda não existiam da forma que são utilizados atualmente, sem uso de automóveis, nesse sentido, o tropeirismo, sem dúvida teve papel relevante para a integração regional. Ruschel (2004) esclarece que entre o litoral e a serra dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a figura do tropeiro foi de fundamental importância para a integração no Sul do Brasil. Portanto, essa conexão entre litoral e planalto determinou um novo traçado, Zilli *et al.* (2016, p. 107) apontam que:

---

<sup>6</sup> Local de passagem dos tropeiros que transportavam gado do Rio Grande do Sul a São Paulo (Sorocaba) e sul de Minas Gerais. O Caminho das Tropas, traçado no século XVIII, passava pela Coxilha Rica que possui grande patrimônio Cultural ligado ao Tropeirismo como por exemplo grandes corredores de Taipas, é considerada a primeira ligação terrestre entre o Sul e o Sudeste do Brasil.

O transporte dos rebanhos pelo litoral, entre os morros e as praias, era penoso e quase impraticável de ser percorrido desde Laguna até a Babitonga, o que ensejou aos exploradores a abertura de um novo trecho entre Laguna e os Campos de Lages pelo Araranguá, este que veio a ser conhecido como “Caminhos dos Conventos” e, de Lages até os mesmos Campos Gerais (no Paraná), pelo Planalto Catarinense.

A abertura dos caminhos no Extremo Sul do Brasil, também é apresentada na tese de Herberts (2009, p. 123), que identifica a abertura dos primeiros caminhos no sul do Brasil entre final do século XVII e início do século XVIII, com relação ao primeiro caminho, que teria sido utilizado para o comércio de animais, foi chamado de “Caminho da Praia, aberto no século XVII. Este seguia pela costa marítima, ligando a colônia de Sacramento, no Uruguai, até Laguna e, deste porto, até as capitanias do Rio de Janeiro e São Paulo por via marítima”. Segundo a autora, este caminho seguia pelo litoral cruzando o Chuí, o canal do Rio Grande e atravessando os rios Tramandaí, Mampituba, Araranguá e Tubarão. “Em outra versão do roteiro, o caminho da praia ia até São Francisco do Sul e, deste ponto, a tropa seguia para os campos de Curitiba pelo caminho dos Ambrósios. De Curitiba até Sorocaba, continuava pelo caminho já existente desde pelo menos 1704, conhecido como Estrada de Sorocaba” (JACOBUS, 1997 *apud* HERBERTS, 2009, p. 123). Diante do exposto, na perspectiva sobre o Caminho dos Conventos ser o primeiro a estabelecer ligação entre litoral e planalto:

O primeiro traçado foi o caminho dos conventos, aberto em 1728, pelo sargento-Mor Francisco de Souza e Faria, que ligou o litoral aos Campos de Cima da Serra, impulsionando as incursões exploratórias na região serrana de Santa Catarina que na época pertencia a capitania de São Paulo. Pelo vale do rio Araranguá, o caminho dos conventos partia da Vila de Laguna e ultrapassava a Serra Geral, penetrava nos Campos de Cima da Serra e seguia em direção aos campos naturais que se abriam até a vila de Curitiba, continuando no trecho já existente até Sorocaba (HERBERTS, 2009, p. 123).

Além disso, em diálogo com Herberts (2009), o Caminho dos Conventos interligava o Caminho da Praia e a Estrada de Sorocaba, de Araranguá a Curitiba, e que, por conta das dificuldades desse caminho outra rota alterava o roteiro do litoral, com isso, facilitou a comunicação entre São Paulo e os campos de Viamão, pois o novo traçado se fazia por Cima da Serra, facilitando muito a condução do gado para as feiras no Sudeste brasileiro.

Os tropeiros vindos do sul, nas imediações de Palmares, passaram a enveredar para os Campos de Viamão. A partir deste ponto, o roteiro tomava o rumo na direção do rio Rolante, afluente do Sinos, para, em

seguida, avançar aos Campos de Cima da Serra. E depois, atravessando o rio Pelotas, chegava aos Campos de Lages para, finalmente, atingir os Campos de Curitiba e chegar a Sorocaba. O Caminho das Tropas tinha aproximadamente 1.500 km de extensão entre o Registro de Viamão, no Rio Grande do Sul, e o Registro de Sorocaba, em São Paulo. (HERBERTS, 2009, p 125).

Outro fator, que contribuiu para que os caminhos pudessem interligar cada vez mais regiões, foi o denominado Ciclo do Ouro,<sup>7</sup> que surgiu entre os fins do século XVII e início do século XVIII. Essa descoberta do ouro no Sudeste do Brasil tornou-se fator de deslocamento de grande parte da população do litoral para o interior do País, seduziu muitas pessoas pela possibilidade de enriquecimento, o que ocasionou um desabastecimento de produtos essenciais para a população que aumentava nessa região. Segundo Hobold (1994), os produtos que abasteciam as Minas eram provenientes do litoral, porém esses caminhos entre litoral e as áreas das Minas não permitiam o uso de carroças ou carros de boi, a solução seria utilizar os animais de cargas encontrados em abundância nos campos rio-grandenses e escassos nas áreas de mineração, o que aumentava as chances de um intercâmbio comercial.

Nesse sentido, a busca pelas melhores condições para percorrer caminhos distantes e mais seguros, possibilitaram, ao longo do tempo, que os caminhos buscassem alternativas de mudança e correções de seus traçados, o que modifica também a paisagem e os remanescentes materiais de sua cultura que se instalaram ao seu redor. Ao longo do século XVII, esses caminhos foram importantes na contribuição das descrições desses trajetos, como por exemplo, distâncias e percursos, mapas e roteiros com informações sobre as condições do traçado, bem como orientações para os viajantes de locais de pouso, comércio e tudo mais que suprissem suas necessidades de viagem.

## 2.6 DO LITORAL PARA A SERRA

À medida que os anos passavam, o traçado que se desenhava entre o litoral até os campos de cima da serra ganhavam mais adeptos, o número de tropeiros que utilizavam esse caminho aumentou consideravelmente, com isso, serviam-se dos pequenos recursos oferecidos nas cercanias do Morro dos Conventos antes de seguir o percurso de suas viagens. Ao longo desse percurso, vários aspectos foram encontrados que demonstram bens remanescentes do movimento tropeiro. Desta forma, estes bens encontrados ao longo do caminho dos conventos,

---

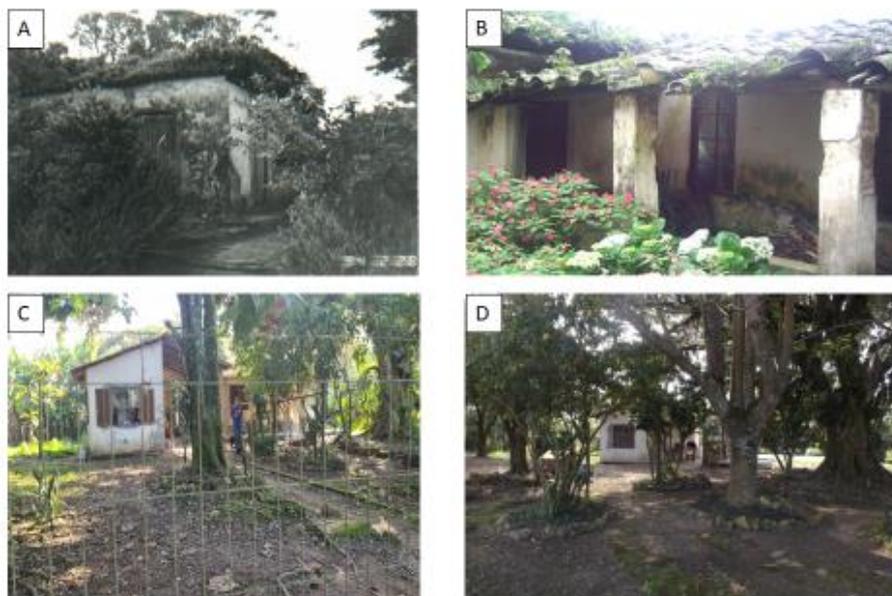
<sup>7</sup> Período do século XVIII em que a extração de ouro foi a atividade econômica mais importante do Brasil. As regiões de Minas Gerais e, posteriormente, Goiás e Mato Grosso configuram-se como provenientes desse ciclo.

em especial ao traçado que corresponde ao histórico traçado Serra da Pedra, caracterizam-se como Patrimônio Cultural, assim como Patrimônio Natural, pois essa discussão vem ao encontro do que diz o IPHAN (1989), quando caracteriza o patrimônio cultural sendo monumentos e conjuntos de construções de origem humana, também cita como exemplo os sítios arqueológicos devido sua importância para a memória desses povos bem como sua riqueza cultural. Quanto ao Patrimônio Natural, esse é formado por monumentos naturais constituídos pelas formação física, biológica, geológica e fisiocrática, aponta como exemplo sítios naturais e suas diversidades e a proteção ao ambiente. Essa discussão está definida na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural que foi elaborada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1972, acabou sendo retificada pelo Decreto No. 80.978, de 12 de Dezembro de 1977.

A região do Extremo Sul Catarinense aos poucos foi se transformando, surgiram paradas fixas, os pontos de referência ficavam cada vez mais conhecidos. A adaptação do local e suas condições passaram a representar um papel estratégico para a realização do comércio. Na perspectiva de dialogar com os patrimônios relacionados com o tropeirismo ao longo do Caminho dos Conventos e nele incluso a Serra da Pedra, recorte principal da área delimitada para a pesquisa, prezo e destaque a importância de apresentar um dos principais locais responsável pelo comércio da região. Visto que as margens do Rio Araranguá fixaram importantes núcleos que seriam os principais alvos dos negociantes tropeiros que desciam a Serra da Pedra em direção ao litoral.

Importante morador e comerciante da localidade de (Cangicas), atual bairro Hercílio Luz que pertence ao município de Araranguá - SC, João Bento de Souza e suas filhas, Cantídia de Souza e Máxima de Souza, deram grande impulso a essa região, segundo Dall'Alba (1997, p. 233-234), "João Bento deu um grande impulso à vila de Cangicas que era muito pequena quando chegou aqui. Havia uma pequena capela de madeira, ele fez a capela de material, com torre e sino, teriam sido os padres jesuítas que fizeram a primeira capela, a Cangica quase inteira era dele". Em relação ao movimento tropeiro, acrescenta que naquele tempo já havia uma freguesia muito grande, pois passavam comerciantes vindos de navio, bem como comerciantes com tropas, estes traziam charque, maçãs e queijos e levavam de tudo que precisavam. Em seu comércio havia um paiol para pouso com três quartos, ficavam por semanas, vinham de diversos lugares, pois era uma loja de muito movimento.

Figura 2 - Ruínas da casa comercial Família Souza.



Fonte A e B: Alex Rocha.

Fonte C e D: Do Autor.

Legenda: Figura A e B - Ruínas da casa comercial Família Souza. Figura C e D - Atual casa localizada no terreno que pertencia a Família Souza.

O comércio de João Bento de Souza, sem dúvidas, contribuiu com o movimento tropeiro, visto que seu comércio atendia tanto as tropas que desciam do planalto, quanto aos negociantes vindos de navios e barcos, pois o antigo armazém situava-se próximo às margens do rio Araranguá transformando o local em um ponto estratégico para o comércio.

Em 11 de janeiro de 1816 era inaugurada a primeira capela de toda a região. A antiga capela teria sido construída pelos Padres Jesuítas, nela teria uma imagem de São Bom Jesus. Moradores mais antigos relatam que João Bento (antigo comerciante da região) teria contribuído com a reforma da antiga capela, ainda, teria ele fundado a irmandade do Sagrado Coração de Jesus. A principal festa é comemorada dia 6 de agosto na pequena praça que está localizada a Igreja padroeira São Bom Jesus.

Figura 3 - Localidade de Cangicas (Hercílio Luz) Araranguá - SC.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A - Margens do Rio Araranguá. Figura B - Atual Igreja localizada em Cangicas (Hercílio Luz) Araranguá - SC.

O novo caminho que passava a fazer parte do dia a dia dos viajantes impulsionava o desenvolvimento da região. Araranguá destacava-se desde Morro dos Conventos até a subida da Serra da Pedra. Neste caminho, recursos, serviços, pequenos negócios, paradas fixas, referências relacionadas ao movimento tropeiro ficavam cada vez mais conhecidas, o espaço aos poucos foi se transformando, diferentes formas de ocupação resultou em diferentes paisagens no Extremo Sul Catarinense. Em diálogo com Brandt (2015 p. 304-305), a paisagem passou a ser modificada pela ação do homem, “a formação das primeiras fazendas pastoris nas áreas de campos e a abertura dos caminhos de tropas destinados ao transporte de gado muar, bovino e cavalari”, para o autor, a ação humana na paisagem estava diretamente ligada às áreas de campos, principalmente pela “presença de rebanhos que necessitava a abertura de novos sítios de pastagem” (BRANDT, 2015 p. 304-305).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

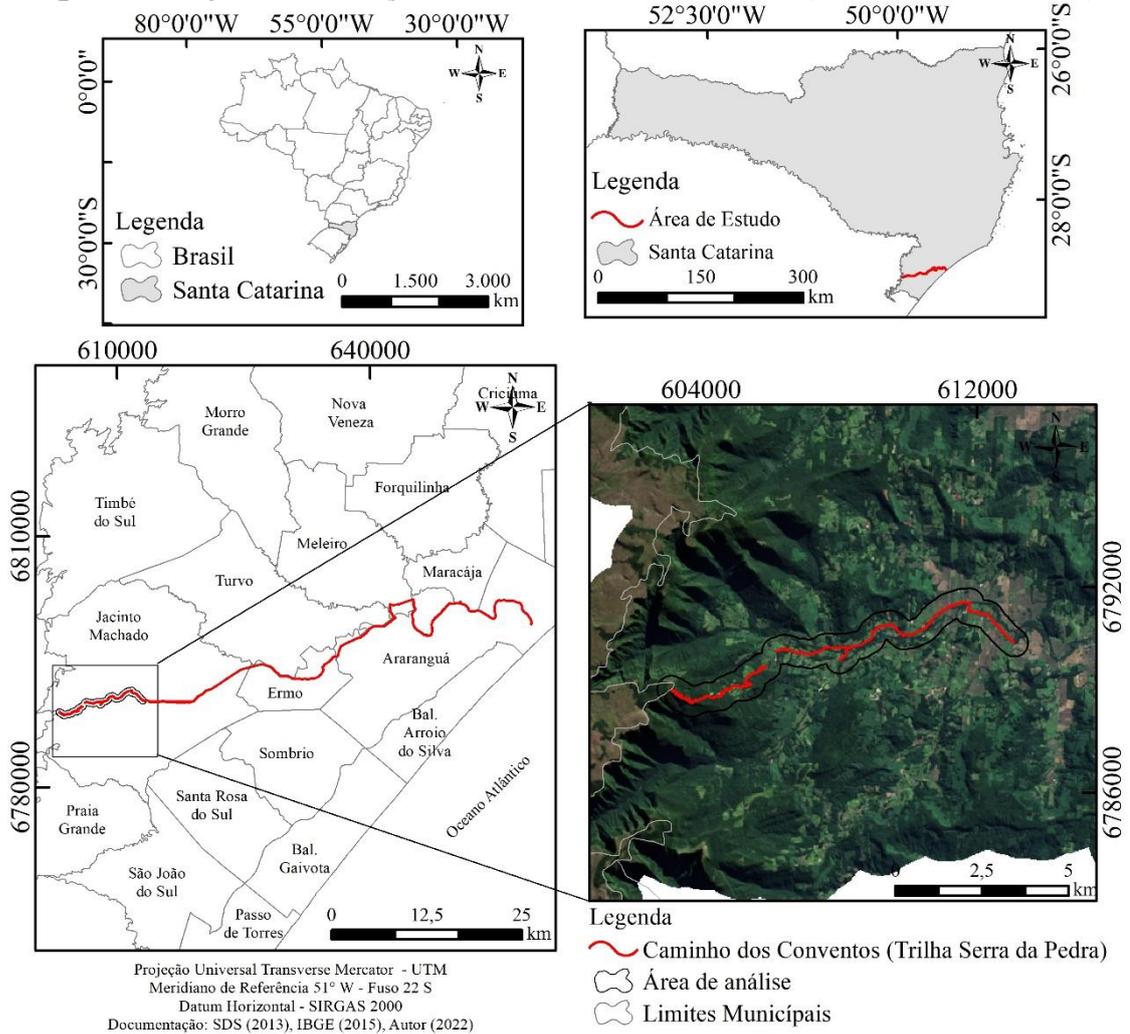
#### **3.1 LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

A presença do tropeirismo na região do Extremo Sul Catarinense se dá através do Caminho dos Conventos. O recorte espacial desse caminho é delimitado entre os municípios de Araranguá - SC, Ermo - SC e Jacinto Machado - SC. Segundo Hobold (2005), faz a ligação entre litoral e planalto, esse trajeto só foi possível por conta do curso do Rio da Pedra que, em certo momento, se encontra com o Rio Araranguá, este percorre até encontrar o mar. Ainda Hobold (2005), sobre o curso do Rio da Pedra, acrescenta que este permitiu abrir um caminho que seria responsável pela ligação até o planalto através da Serra Geral, e que vem a ser a principal rota de comércio ligando o litoral com o planalto, complementa também que esse caminho era herança da original trilha indígena, conhecida como Serra da Pedra ou Caminho dos Conventos.

Para área de análise, delimitou-se apenas o Caminho dos Conventos (Trilha Serra da Pedra) no município de Jacinto Machado – SC. Nesta área, estão situadas duas importantes comunidades, a comunidade de Serra da Pedra, conhecida pelos moradores de “Pedra”, e, adiante, encontra-se outra comunidade chamada Costão da Serra da Pedra, conhecida pelos moradores como “Costão da Pedra”, ao longo dessas duas comunidades o Rio da Pedra se faz presente, desde a encosta da serra geral passando por toda a região.

Referente à localização do Caminho dos Conventos (Trilha Serra da Pedra), podemos visualizar esse traçado no mapa de localização a seguir.

Figura 4 - Mapa de localização do Caminho dos Conventos (Trilha Serra da Pedra).



Fonte: Do Autor.

Legenda: Mapa de Localização. Localiza o Caminho dos Conventos em âmbito local, regional, estadual e nacional.

O município de Jacinto Machado - SC, compõe parte do território onde está localizado o Geoparque Mundial da UNESCO Caminhos dos Cânions do Sul que engloba dois estados: Santa Catarina nos municípios de Praia Grande - SC, Timbé do Sul - SC, Morro Grande - SC, Jacinto Machado – SC, e no estado do Rio Grande do Sul nos municípios de Cambará do Sul - RS, Mampituba - RS e Torres - RS. Estes formatos de geoparques estimulam implantar ações que visam a novos olhares quanto à inovação e à sustentabilidade. Eles também direcionam os territórios a implantarem ações sustentáveis junto a políticas públicas, bem como proporcionam analisar a interdependência entre homem e natureza.

O Extremo Sul contempla grande rede hídrica representada por diversas bacias hidrográficas. Nesse sentido, a área de estudo está localizada na Região Hidrográfica Atlântico

Sul, representada dessa forma pela bacia hidrográfica do Rio Araranguá (SCHEIBE, 2010). Conforme Scheibe (2010), os limites que apontam os divisores de águas estão assim representadas pelas seguintes bacias: Rio Mampituba - SC, Rio das Antas - RS, Rio Pelotas - RS/SC, Rio Tubarão - SC, Rio Urussanga – SC, bem como o Oceano Atlântico. Assim, nas encostas da Serra Geral, encontram-se nascentes dos rios que formam a bacia do Rio Araranguá, um desses rios é o Rio da Pedra situado na área de estudo.

Com relação à vegetação, Klein (1978) aponta o Sul de Santa Catarina, assim representada pelo Bioma Mata Atlântica, bem como, dentro dos limites referentes, a região Fitoecológica da Floresta Ombrófila Densa. De acordo com IBGE (2012), este bioma possui subdivisões de acordo com a variação da altitude, assim representadas: Terras Baixas (de 5 a 100 metros acima do nível do mar); Submontana (de 100 a 600 metros acima de o nível do mar) e Montana (acima de 600 metros acima do nível do mar). Nesse sentido, a área de estudo contempla observar todos os níveis de vegetação, visto que o caminho percorrido atinge marcas superiores aos 1.000 metros de altitude. Atualmente a composição vegetal em alguns pontos da área de estudo, possui grande diversidade de espécies, bem como em alguns trechos o predomínio da monocultura também pode ser observado.

Quanto ao clima, de acordo com Alvares *et al.* (2013), ocorrem no estado de Santa Catarina dois diferentes tipos climáticos, o clima mesotérmico úmido e o clima temperado úmido, porém, ambos predominantemente subtropicais. As características que diferem um clima do outro podem ser observados de acordo com a altitude do local, o clima temperado úmido ocorre nas regiões onde apresentam altitudes até, ou superior a 1.800 metros, bem como nas encostas da Serra onde podem alcançar altitude acima dos 600 metros, apresenta média anual de 13°C. No entanto, o clima mesotérmico úmido está presente em praticamente toda a costa catarinense, apresenta altitudes de até 600 metros aproximadamente, com média anual de temperatura entre 18°C (EMBRAPA, 2004; ALVARES *et al.*, 2013).

### 3.2 METODOLOGIA

Para realização deste estudo, tendo em vista percorrer caminhos ligados ao tropeirismo e o desejo de compreender como esse fenômeno se materializou no Extremo Sul Catarinense, a pesquisa possui característica exploratória qualitativa. Este modelo de pesquisa instiga a investigação, pretende uma observação e análise histórica dos dados coletados, estes aparecem na forma descritiva, proporciona compreender os fenômenos em seu caráter subjetivo, dessa

forma, permite ao pesquisador ampliar as demandas de suas questões para além das respostas iniciais.

Inicialmente foi elaborado o levantamento documental com intuito de conhecer a bibliografia existente sobre o tema na região e no País. A abordagem da pesquisa bibliográfica articula autores, textos, conceitos em torno do contexto histórico-cultural do Caminho dos Conventos e da região do Extremo Sul Catarinense. Portanto, a pesquisa bibliográfica propôs realizar um estudo teórico com intuito de apropriar-se de informações prévias dos conteúdos disponíveis em livros bem como em trabalhos acadêmicos como artigos científicos, dissertações e teses. As mediações entre as abordagens propostas e os materiais bibliográficos analisados contribuem para explorar e compreender, na literatura, como a história traz diversos conceitos, bem como demonstra a intenção de conhecer e estudar as referências que norteiam tais discussões desta pesquisa.

Posteriormente, foi realizado o levantamento de campo, que aconteceu durante os meses de janeiro, julho e setembro de 2022. Nestas ocasiões, as visitas estavam associadas ao reconhecimento e o seu potencial para a pesquisa. Incurções foram realizadas com intuito de conhecer o percurso histórico referente ao Caminho dos Conventos, e os possíveis patrimônios histórico-culturais localizados na Trilha Serra da Pedra. Nesse sentido, a atividade de campo percorreu os municípios de Araranguá-SC (bairro Hercílio Luz conhecido antigamente como Cangicas) e, às margens do Rio Araranguá, seguiu caminho em direção a Ermo - SC até o município de Jacinto Machado - SC.

Como plano de ação foi realizado o trajeto da Serra da Pedra, Aloíde Ronsani, proprietário do local em que se inicia a subida até o planalto, nos acompanhou e guiou pessoalmente nas incurções a campo, viabilizando o acesso a propriedades particulares.

Durante as etapas em campo, a coleta de dados foi possível com auxílio de um GPS (*Global Position System* – Sistema de Posicionamento Global) de navegação que consiste em estabelecer um sistema de coordenadas geográficas obtidas com o modelo GPS Garmin Etrex. Além de fixar as coordenadas pré-estabelecidas, com auxílio de uma máquina fotográfica profissional modelo Nikon (Digital Câmera D3200) houve a possibilidade de registrar e armazenar um grande acervo de material fotográfico, o qual auxiliou na identificação dos patrimônios histórico-culturais que se mantiveram na paisagem ao longo do tempo nesse caminho.

Os dados coletados foram essenciais para o mapeamento cartográfico da área de estudo. A partir do caminhamento realizado foi possível espacializar os patrimônios histórico-culturais

e reconstituir o caminho realizado pelo movimento tropeiro. Para melhor análise, a Trilha foi dividida em três setores: o primeiro setor está localizado na comunidade de Serra da Pedra; o segundo setor na comunidade de Costão da Pedra e o terceiro setor faz a ligação até o planalto alcançando os campos de cima da serra. Nesse sentido, os dados coletados foram descritos em cada estrutura que serviu para a análise e descrição das características registradas.

Para a realização da parte cartográfica elaborada neste trabalho, adotou-se o sistema de Projeção Universal Transversa de Mercator (UTM), Datum SIRGAS 2000, meridiano de referência 51°W (Fuso 22 S). O software que auxiliou na construção dos mapeamentos temáticos foi o ArcGIS 10.3.1 desenvolvido pela ESRI (*Environmental Systems Research Institute*) e licenciado pela UNESCO e o Qgis 3.14 “PI” (*Software livre*).

Não foram realizadas entrevistas, porém um fator que contribuiu para o levantamento de dados foi a contribuição na forma do diálogo, conversas, informações obtidas dos moradores, os contatos espontâneos por parte dos moradores foram considerados importantes. Diante do exposto, esta característica está prevista no método de levantamento assistemático e oportunístico, nestas condições, muitos dos moradores relatavam sobre as mudanças ocorridas na paisagem ao longo do tempo, bem como as histórias locais que condizem com a passagem dos tropeiros na região.

Thompson (1992, p. 191) descreve que, “para uma comunidade ameaçada, a memória deve, antes de tudo, servir para acentuar um sentimento de identidade comum, de modo que episódios de divisão e de conflito caem no esquecimento”. Assim, fica evidente que por meio da mediação e do contato presente durante as saídas de campo, foram relevantes para o encaminhamento das discussões, pois se registram as experiências e as memórias das pessoas entre os fatos encontrados. Portanto, os métodos que a pesquisa exploratória qualitativa utiliza contribuem com o propósito de apresentar os dados coletados nesta pesquisa, a fim de proporcionar novos direcionamentos que possam ser explorados futuramente frente aos olhares para a região do Extremo Sul Catarinense.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 MAIS QUE CAMINHOS, CONDUTORES DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Determinadas regiões destacam-se no cenário regional através da sua história. Por sua vez, uma região em destaque necessita de rotas e vias de acesso para que um núcleo povoador possa se fixar e que, a partir de suas relações pessoais possam desenvolver estratégias que os auxiliem em suas necessidades. Elias (1994) destaca que o processo civilizador, ao longo do tempo, caminha em uma direção específica e que de modo contínuo, é um processo de lentas transformações. Neste sentido, tudo ao seu redor é passivo de mudança, principalmente a paisagem ao longo do “caminho das tropas” no Extremo Sul Catarinense.

Ao longo do Caminho dos Conventos, entre os Municípios de Araranguá e Jacinto Machado é possível observar o quanto a paisagem se destaca e o quanto essas lentas transformações foram determinantes para que os tropeiros se movimentassem por esses caminhos. Durante o percurso do caminho, percebe-se a existência de elementos naturais assim como elementos cuja interação do homem está presente, ou seja, antrópica, ambas refletem na paisagem. Para Santos (2004, p. 54-56) a paisagem apresenta-se como uma “combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais”. Neste sentido, a paisagem ao longo do tempo, seja ela de cunho natural ou antrópico reflete no ambiente em que o homem estabelece relação com o meio em que vive; Claval (2004, p. 71) destaca que “as relações complexas que se estabelecem entre os indivíduos e os grupos, o ambiente que eles transformam as identidades que ali nascem ou se desenvolvem”.

Portanto, a fim de caracterizar o processo de formação do Caminho dos Conventos no Extremo Sul Catarinense, é possível dialogar com alguns trechos na literatura que se referem ao histórico caminho, Herberts (2009, p. 123) apresenta que essa rota teria sido uma das primeiras aberta fazendo essa ligação entre litoral e planalto:

O primeiro traçado foi o caminho dos conventos, aberto em 1728, pelo sargento-Mor Francisco de Souza e Faria, que ligou o litoral aos Campos de Cima da Serra, impulsionando as incursões exploratórias na região serrana de Santa Catarina que na época pertencia a capitania de São Paulo. Pelo vale do rio Araranguá, o caminho dos conventos partia da Vila de Laguna e ultrapassava a Serra Geral, penetrava nos Campos de Cima da Serra e seguia em direção aos campos naturais que se abriam até a vila de Curitiba, continuando no trecho já existente até Sorocaba.

A respeito desse personagem Sargento-Mor Francisco de Souza Faria, foi o principal nome e responsável pela abertura do Caminho dos Conventos. Eis um relato que descreve com riqueza de detalhes este que é considerado um marco na história de Santa Catarina:

[...] Saindo da Laguna marchei com toda a tropa pela praia a buscar o rio Araranguá, e nele o sítio a que chamam os Conventos, distante da Laguna, e ao sul dela pouco mais de 15 léguas. Neste sítio, em 11 de fevereiro de 1728, dei princípio ao caminho rompendo mato fechado, e dando a pouco mais duma légua com um pântano, que teria meia légua de largo, em que foi possível fazer-lhe uma boa estiva para podermos passar; passando ele, dei quase a meia légua com um grande ribeirão que deságua no Araranguá, que se chama Cangicaçu, e como não dava vau lhe fiz uma boa ponte de 12 braças e meia de comprimento e braça e meia de largo. Entre os morros achei um espigão por onde subi com toda a tropa depois de 11 meses de contínuo trabalho, fazendo o caminho atalho aberto, e é o único por onde se pode subir a serra. Desde os conventos até o sítio que terão 23 léguas tudo são matos, e terras alagadiças [...]. Subida a serra dei logo em campos e pastos admiráveis e neles imensidade de gado, tirados das campanhas da nova colônia, e lançados naqueles sítios pelos Tapes das aldeias dos padres jesuítas no ano 1712 [...] (HOBOLD, 2005, p. 72-73).

Outra importante contribuição é apontada por Hobold (2005), na visão do autor, no início da colonização, os pioneiros, a partir da foz do Rio Araranguá, foram adentrando a floresta, desmatando para os primeiros cultivos da terra, formando vilas como Capão da Espera (Araranguá - SC), Volta Grande (Jacinto Machado - SC). Em outras palavras, conforme acrescenta Lins e Mattei (2001), o Caminho dos Conventos tinha a sua devida importância, pois servia como uma rota econômica de conexão da região litoral com o planalto serrano, visto que, a sua realização podia ser feita por via terrestre. A nova estrada, em direção a serra auxiliou no desenvolvimento de outros povoados no interior da Microrregião, como Volta Grande, atualmente município de Jacinto Machado - SC. Quanto a este município, encontra-se o Geoparque Mundial da UNESCO Caminhos dos Cânions do Sul, nele é possível destacar a trilha Serra da Pedra. Este histórico caminho está diretamente relacionada com o tropeirismo e refere-se ao antigo Caminho dos Conventos, conforme descreve Campos et al. (2020, p. 205):

Seguindo o curso do Rio da Pedra, foi aberto o primeiro caminho que permitiria a transposição do degrau de até mil metros de altura da Serra Geral, seguindo original trilha indígena, conhecida como Serra da Pedra ou Caminho dos Conventos. Tornou-se a principal rota de comércio do sul do Brasil, ligando o litoral com o planalto serrano até São Paulo.

Para efetivar a passagem desse então aberto “Caminho”, era preciso que esse traçado tivesse algumas melhorias em determinados trechos, pois em alguns pontos dessa travessia na região do Extremo Sul acabou sendo alterado ou corrigido para garantir as condições do terreno para a marcha dos animais como aponta Herberts (2009, p. 129), “o percurso era determinado

pelas condições do terreno para a marcha dos animais, dos locais de pastagem da tropa, além dos pontos de água e de pouso. Estas eram as condições indispensáveis para a condução de animais em um caminho”. Nesse sentido, após a abertura, logo percebesse a necessidade de alterar possíveis trechos, o que resultou em um emaranhado de outros caminhos, assim, permitiu que a passagem das tropas interligasse outras regiões ao longo do Extremo Sul Catarinense:

Outra questão levada em consideração para o trânsito do caminho foi a instalação da infraestrutura (pontilhões, canoas, etc.) e pontos de pouso certo. Em determinados locais, foi necessário desmatar trechos de vegetação para cruzar com a tropa; em outros, construíam canoas para atravessar rios caudalosos e assim por diante. (HERBERTS, 2009, p. 129).

A passagem do movimento tropeiro na região do Extremo Sul Catarinense é resultante dessas intervenções feitas ao longo do traçado original e que vem a desencadear um emaranhado de outros caminhos possivelmente pela sua localização geográfica referente à região. Em termos de localização, em sentido leste-oeste, compreende a região do litoral em sentido ao interior até alcançar a encosta da Serra Geral. Em sentido norte-sul, compreende a foz do Rio Araranguá até alcançar o Rio Mampituba que faz a divisa entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Quanto aos municípios: Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Sombrio, Timbé do Sul e Turvo (AMESC, 2012).

No livro “Histórias do Grande Araranguá”, do Padre João Leonir Dall’Alba (1997), podemos encontrar diversas entrevistas com moradores dessas regiões, são depoimentos que revelam inúmeros aspectos relacionado com o movimento tropeiro. É possível encontrar relatos desse movimento tropeiro em praticamente todos os municípios que fazem parte do Extremo Sul Catarinense. Na localidade de Cangicas, um destes importantes moradores e comerciantes foi João Bento de Souza. Suas filhas, Cantídia de Souza e Máxima de Souza, entrevista realizada em 05/12/1985 que relata:

Meu pai, o João Bento deu um grande impulso à vila de Cangicas que era muito pequena quando chegou aqui. Havia uma pequena capela de madeira, ele fez a capela de material, com torre e sino, teriam sido os padres jesuítas que fizeram a primeira capela, [...] A Cangica (atual Hercílio Luz) quase inteira era dele [...] naquele tempo passavam navios e logo teve uma freguesia muito grande [...] vinham serranos com tropas. Traziam charque, maçãs e queijo. Ficavam um mês por aqui. Levavam de tudo que precisavam. Havia um paiol para pouso, com três quartos. Muitos comiam aqui em casa. De toda parte vinha gente. Era uma loja de muito movimento (DALL’ALBA, 1997, p. 233-234).

Antonio Patrício da Silva (Antonio de Sá), entrevistado em 1986 em Barro Vermelho, Araranguá-SC pelo Padre Dall’Alba, (1997, p. 302), relata que seu primeiro comércio foi na Cangicas, com o João Bento e com o “velho” Brígido. Comenta ainda que nessa região, passavam os tropeiros que vinham para Cangicas, Costa da Lagoa dos Esteves e para Araranguá, alguns seguiam para Criciúma, entravam na Toca e passavam pelo Verdinho ou pelo Morro Albino, esse trajeto foi modificado do Verdinho para Sanga da Pichorra, passava pelo Morro Albino, Morro Estevão e saía na Quarta Linha.

Perry Kretschmar Pacheco, entrevistado aos 86 anos em 1986 pelo padre Dall’Alba, (1997, p. 19), relata que em Araranguá-SC a antiga Estrada dos Conventos que fazia a subida da serra, seguia também em direção ao norte. Comenta ainda que por dentro do mato a estrada era cheia de fojos pelo contínuo patear dos cavalos, a subida da serra era um carreirinho, lamentava pelas mulas que levavam cargas. Após alguns anos, havia estradas que partiam da balsa do Jundiá, pela Boa Vista, Tranqueira, Amola Faca e saía embaixo da serra, era uma estrada de rodagem aberta à picareta para subir a estrada da Rocinha. Aponta que havia como subidas de serra a Rocinha, a Pedra, o Pinheiro e Faxinal.

Custódio Sebastião de Sousa, entrevistado em 1985, em Morro dos Conventos, pelo Padre Dall’Alba, (1997, p.143), relata que na época, quase tudo era mato, seu sogro Valentim Lourenço, morava em Turvo-SC, este possuía alambique, engenho de açúcar, comprava farinha nas areias (Sanga da Toca) para revender aos serranos. Comenta ainda que seu pai, Sebastião Plácido de Sousa, negociava com os serranos, eles vinham em tropas e traziam charque, queijo, massas e levavam açúcar, cachaça e farinha.

Manuel Valerim, entrevistado aos 80 anos em 06/09/1986 no município de Sombrio-SC pelo Padre Dall’Alba, (1997, p. 231), relata como vivenciou durante o período em que os tropeiros faziam a ligação entre o litoral e os campos de cima da serra, demonstra como era forte o comércio na região, comenta que veio para Sombrio-SC porque lá em Cangicas (Hercílio Luz), o negócio não rendia muito, pois haviam muitos comerciantes. Destaca ainda, que em Sombrio-SC corria a fama de que seria um lugar melhor para o comércio, pois carreteiros e tropeiros passavam pela Cangicas e seguiam para Sombrio-SC era rota de passagem, dessa forma o local seria o futuro comércio da região.

Pedro Marto Pereira, entrevistado aos 78 anos em 15/11/1985 em Araranguá-SC pelo Padre Dall’Alba, (1997, p. 25), relata que muita gente chegou de cargueiro, talvez pela estrada dos tropeiros, comenta que no seu tempo de criança não haviam muitas estradas em direção a serra, os tropeiros desciam por um carreiro, haviam só trilhos que mal cabia um carro de boi, traziam tropas de gado um atrás do outro, por vezes, muitos caíam nos peraus durante a viagem.

Felipe Honorato de Freitas, entrevistado em 1986, em (Volta Curta), Araranguá-SC pelo Padre Dall'Alba, (1997, p. 194), Segundo Felipe, os primeiros moradores desta região foram seu pai Honorato de Freitas e seu tio Clarisdino Fernandes, moravam na beira do rio, se deslocavam por um carreirinho antigo de tropas, pois na região não havia muitas estradas, comenta que a produção de mandioca e cana eram comercializados com os serranos, os negócios com eles eram na base da troca de mercadorias.

Olavo José de Oliveira, entrevistado aos 68 anos em 1985 em Araranguá - SC pelo Padre Dall'Alba, (1997, p. 96), menciona que seu pai, José Francisco de Oliveira, era serrano, ele tinha atafona, armazém e trabalhava na lavoura do outro lado do rio. Olavo relata que a subida da Serra da Rocinha parecia uma escada, os animais ajoelhavam-se para subir os degraus. Comenta ainda que durante as viagens para a Capela dos Ausentes, demoravam cerca de dois a três dias, partiam de Bom Jesus-RS e pousavam nos Ausentes. No dia seguinte pousavam serra abaixo em Turvo de Baixo, das Tranqueiras seguiam até o Jundiá onde havia uma balsa, lá comercializavam nas casas de comércio e também com colonos, levavam charque e queijo que eram encomendados e na volta traziam açúcar de grana, açúcar grosso, açúcar batido, farinha de mandioca, arame farpado, duas ou três rodas de torresmo, corotes de cachaça. Em seu relato, fica evidente a dificuldade para descer a serra quando tropeavam porcos, conforme o lugar nem dava para descer, pois caíam muitos porcos por lá. Apresenta também roteiros de viagens que duravam cerca de um mês e meio a dois meses na estrada, os destinos eram: Turvo de Baixo, Turvo de Cima, Pinheirinho, Volta Grande, Serra da Pedra, Engenho Velho, Tenente, Praia Grande, Passo do Sertão, Santa Rosa, Sombrio, Jacinto Machado, Morro Chato, Rio do Salto, Amola Faca, Morro Grande, Nova Roma, Meleiro, Pique, Jundiá, Maracajá, Barro Vermelho e Cangicas.

Antonio Francelino da Rosa, entrevistado aos 85 anos em 1985, na (Lagoa da Serra), Araranguá-SC, pelo Padre Dall'Alba, (1997, p. 168), descreve que o nome da região é referente à estrada que fazia a ligação com a serra, essa costeava a lagoa e passava por trás de sua casa, seguia pela costa da lagoa e se abria para o bando dos Conventos. Nesse caminho, comenta que os serranos eram chamados de tropeiros de animal cavalariço, todos passavam por essa estrada para se deslocarem para outras regiões.

Isidoro Perucchi e Elói Zilli, entrevistados em 18/10/1986 em Maracajá - SC, pelo Padre Dall'Alba, (1997, p. 294), relatam que até 1940 não havia estradas para subir a serra, apenas haviam caminhos de tropas que passavam pela região. Comenta que os caminhos e os tropeiros vinham da Serra do Cavalinho, da Serra da Pedra, da Serra da Rocinha, da Serra da Veneza e

da Serra do Doze. Nesse sentido, demonstra como o tráfego de tropeiros era fluente na região do Extremo Sul Catarinense.

Celestídeo Emerim, entrevistado aos 79 anos em 1986, na localidade de Ranchinho, Araranguá-SC, pelo Padre Dall'Alba, (1997, p. 172), comenta que ali havia um rancho de palha, certamente feito pelos tropeiros e carreteiros que servia como um lugar de descanso e abrigo. Assim, o nome de Ranchinho ficou conhecido pela passagem das tropas e do movimento tropeiro na região que faziam uso desse local.

Pedro Vieira Maciel, entrevistado aos 86 anos em 1986 em Araranguá - SC pelo Padre Dall'Alba, (1997, p. 172), nesse relato, a casa de comércio de seu pai Antonio Vieira Maciel era uma casa muito grande, além de um grande gramado utilizado para acolher as tropas que desciam da serra ela também era composta por um paiol para o armazenamento de farinha, açúcar, milho e arroz. Acrescenta ainda que seu pai negociava com os serranos, esses compravam mantimentos e trocavam por gado.

Fernando Carlos de Souza, entrevistado em 1986 na região da (Barranca) Araranguá-SC, pelo Padre Dall'Alba, (1997, p. 126), reforça a respeito do comércio com os tropeiros na região, pois na Barranca havia um galpão situado à esquerda atrás de uma estação, esse galpão serviu como descascador de arroz, também como granja de aves e até uma fábrica de banha. Comenta que nesse galpão chagavam tropas de serranos para comerciar na Barranca, ou para carregar no trem e ir para Criciúma - SC, Tubarão - SC e Laguna - SC.

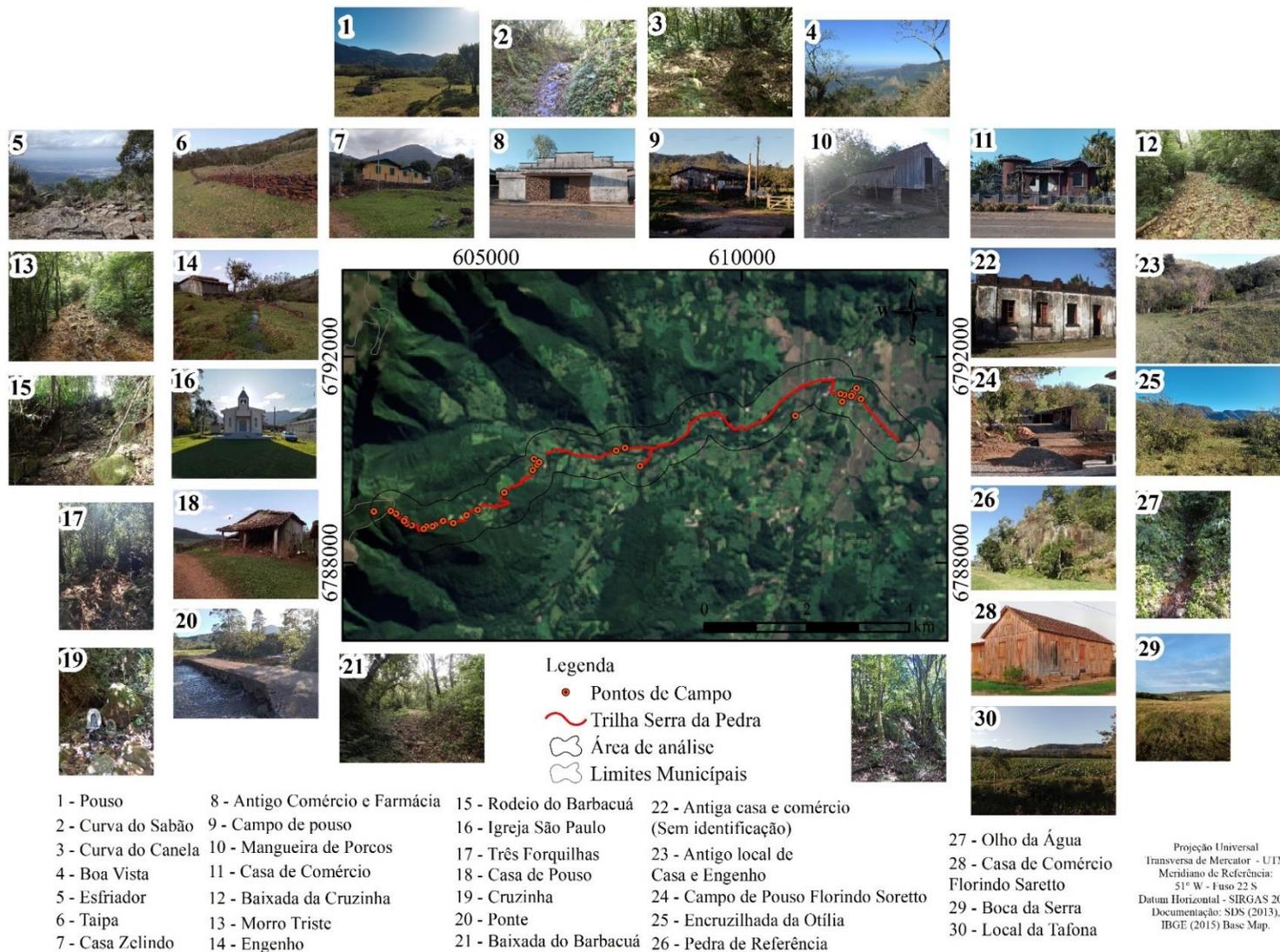
Miguel Sasso, entrevistado em 04/12/1986, em (Nova Roma), Morro Grande - SC, pelo Padre Dall'Alba, (1997, p. 353), relata que já trabalhou com criação de porcos, comprava na serra e levava para Nova Veneza e Turvo, também trabalhou com cana, seu engenho trabalhava o ano inteiro, de Janeiro a Janeiro, fazia açúcar e cachaça e vendia aos tropeiros, o movimento para a serra era grande:

Às vezes eu tinha no depósito mil arrobas de queijo, até uma casa só para queijo tive que fazer. O serrano preferia fazer troco, dinheiro vinha pouco da serra. Carne charqueada também era em quantidade. Eu tinha uma mesa grande sempre com uma pilha de um metro de altura, ia para toda parte. [...] Até de São Joaquim vinham trazer queijo aqui. Tínhamos açougue. Para o couro tínhamos um tanque apropriado. Nossa casa de comércio era grande e a gente trabalhava dia e noite as vezes. Os tropeiros tinham pressa e queriam partir de manhã cedo, as vezes eram muitas mulas. Porque nós tínhamos de tudo o que o serrano precisava. Eles pousavam aqui. Tínhamos potreiro, galpão de pouso. Nós só pesávamos e eles é que lidavam com as bruacas. Comerciantes éramos os únicos (DALL'ALBA, 1997, p. 353-354).

## 4.2 O CAMINHO PERCORRIDO

A fim de identificar e registrar a cultura material ligada ao tropeirismo no histórico caminho da Serra da Pedra, como plano de ação a etapa de campo aconteceu com a presença de Aloíde Ronsani, filho de Zelindo Ronsani e proprietário da área particular onde a trilha está inserida. Conhecedor do local e dos causos, Aloíde contribui com esclarecimentos dos principais pontos e locais em que a história nos revela a importância e o destaque do histórico caminho para a região. Nesse sentido, foram subdivididos os resultados encontrados em três setores ao longo desse traçado, o primeiro setor está localizado na comunidade de Serra da Pedra, o segundo setor na comunidade de Costão da Pedra e terceiro setor inclui a trilha que faz a ligação até o planalto alcançando os campos de cima da serra. Todos os pontos mapeados e o caminho percorrido podem ser visualizados na figura a seguir.

Figura 5 - Caminho percorrido com mapeamento de campo.



Fonte: do Autor.

Tabela 1 - Registros dos caminhos percorridos

TIPO DE REGISTRO	QUANTIDADE	LOCALIZAÇÃO
Casas de Comércio	(4) Quatro	Setor 1: Comunidade Serra da Pedra. Figuras: 8, 11, 22, 28.
Campos de Pousou	(4) Quatro	Setor 1: Comunidade Serra da Pedra. Figuras: 9, 24. Setor 2: Comunidade Costão da Pedra. Figura: 18. Setor 3: Trajeto até o Planalto. Figura: 1.
Pontos de Referência com Relação Cultural	(10) Dez	Setor 1: Comunidade Serra da Pedra. Figuras: 10, 26, 30. Setor 2: Comunidade Costão da Pedra. Figuras: 6, 7, 14, 16, 20. Setor 3: Trajeto até o Planalto. Figuras: 23, 25.
Pontos Relacionados com Paisagem Cultural	(12) Doze	Setor 3: Trajeto até o Planalto. Figuras: 2, 3, 4, 5, 12, 13, 15, 17, 19, 21, 27, 29.

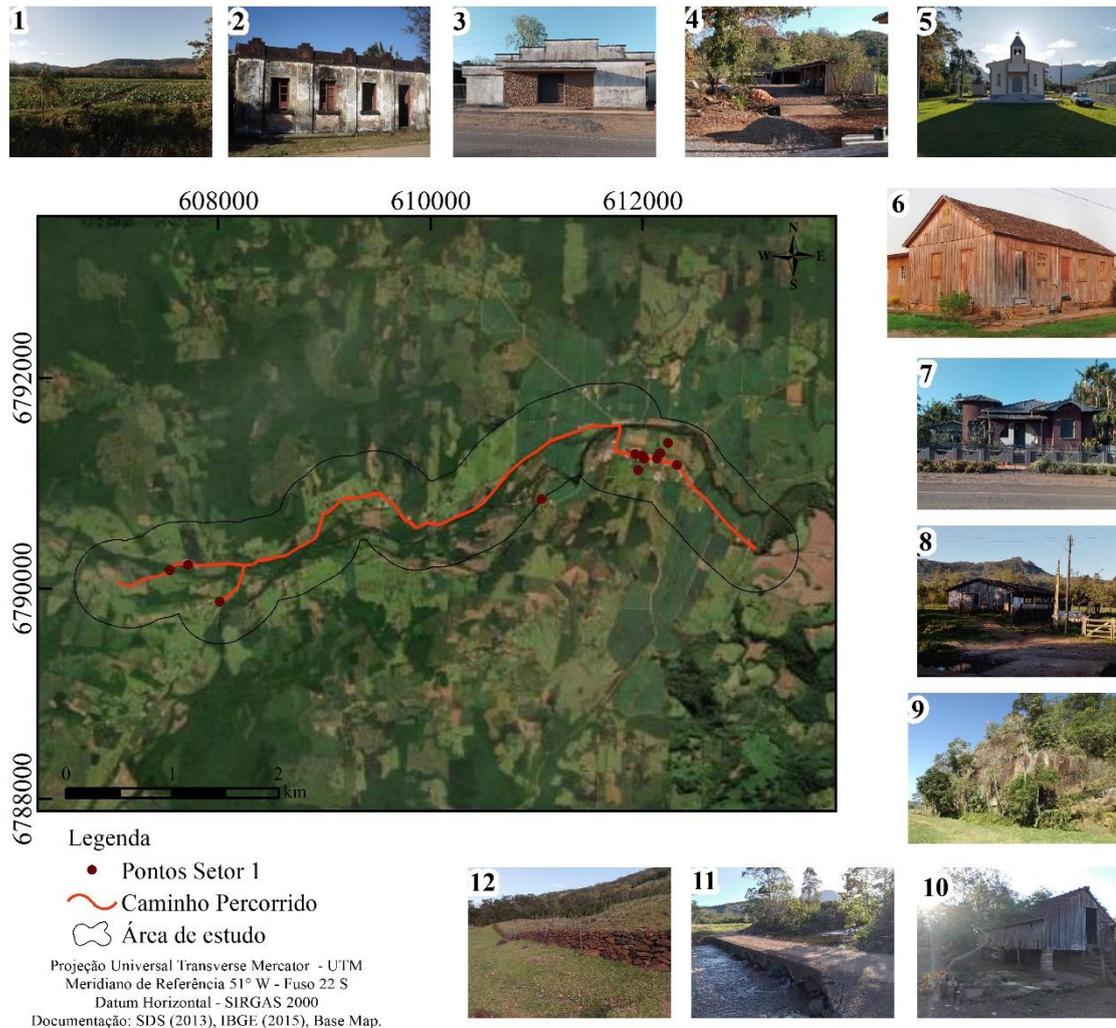
Fonte: do autor.

#### 4.3 SETOR 1 - COMUNIDADE SERRA DA PEDRA

O município de Jacinto Machado - SC caracterizou-se durante o movimento tropeiro como uma importante rota de comércio do sul do Brasil quando ainda era chamado de Volta Grande. A necessidade de se fazer um grande contorno em volta do Rio da Pedra teria sido o motivo para assim ser chamado, acrescenta Hobold (2005), pois esse caminho levaria até a pequena vila, que a partir dos primeiros cultivos de terra formaram-se vilas como Capão da Espera (Araranguá), Volta Grande (Jacinto Machado) ligando o litoral com o planalto serrano. Entre outras palavras, seguindo o curso do Rio da Pedra, foi aberto o primeiro caminho seguindo original trilha indígena, conhecida como Serra da Pedra ou Caminho dos Conventos.

Distante cerca de 10 quilômetros do centro de Jacinto Machado em direção à Serra Geral está localizada a comunidade de Serra da Pedra, hoje em dia chamada pelos moradores de “Pedra”, conforme podemos visualizar na figura a seguir.

Figura 6 - Setor 1 - Comunidade Serra da Pedra.



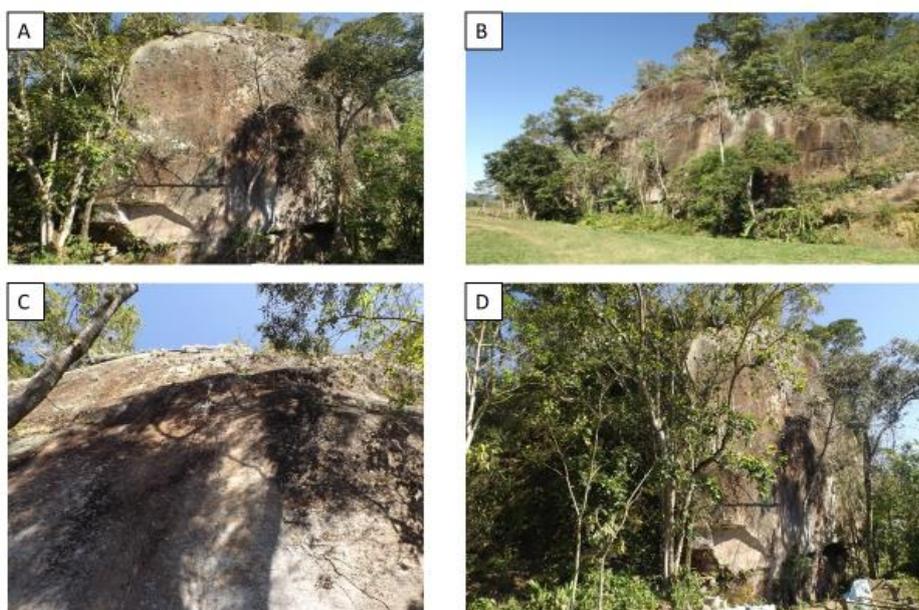
Fonte: Do Autor.

Legenda: Mapa de Localização. Setor 1 - Comunidade Serra da Pedra. Imagens: 1 - Local da antiga atafona. 2 - Possível casa de comércio sem identificação. 3 - Antiga farmácia. 4 - Local de pouso. 5 - Igreja São Paulo. 6 - Antiga casa de comércio. 7 - Possível casa de comércio sem identificação. 8 - Campo de pouso. 9 - Pedra de referência. 10 - Mangueira de porcos. 11 - Ponte sobre o Rio da Pedra. 12 - Taipas.

Seguindo o percurso em direção a serra geral, chegamos a outra comunidade conhecida como Costão da Serra da Pedra, que também sofreu alteração em sua denominação, chamada assim pelos moradores de “Costão da Pedra”. Ao longo de todo esse percurso, há um rio que corta essa região, este rio é chamado de Rio da Pedra.

A antiga rota comercial ligava planalto e litoral, esse percurso, segundo relatos dos moradores, em certo momento do caminho, passava pela propriedade do senhor Antônio Cristane. Nessa propriedade, encontra-se localizada uma grande rocha, certamente foi o principal ponto de referência para os viajantes tropeiros, pois o local abrigava as tropas antes ou após o trecho que é considerado o mais difícil por se tratar da trilha estreita entre as encostas da serra. A importância dessa enorme “Pedra” vem a ser o motivo pelo qual a comunidade assim como a própria serra passou a ser conhecida na região.

Figura 7 - Pedra de referência.



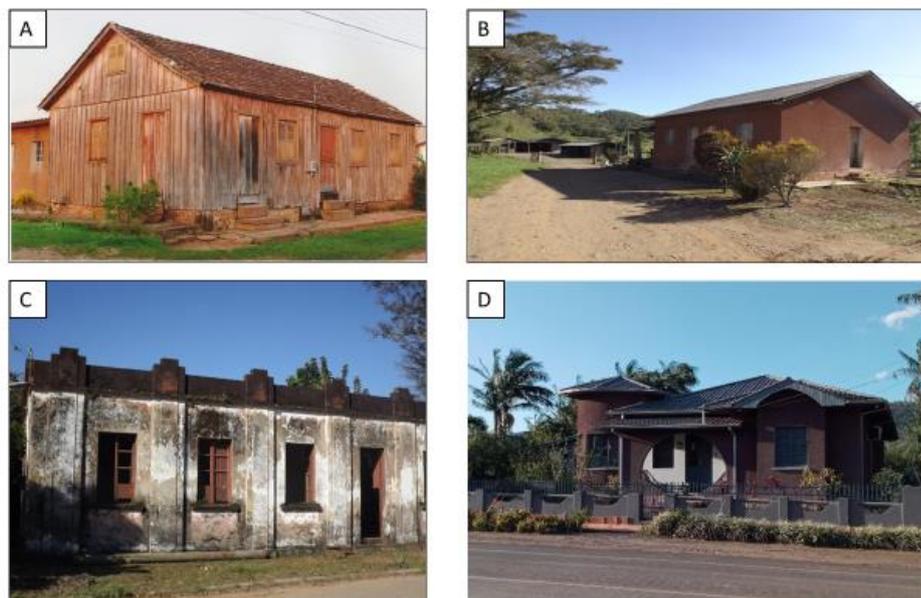
Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Pedra de referencia em diversos ângulos.

A residência de Florindo Saretto, vivenciou a prática de troca de mercadorias, geralmente as casas que realizavam algum tipo de negócio também hospedavam as tropas. Segundo relatos dos moradores, por situar-se próximo a Serra da Pedra, os tropeiros descansavam do difícil trajeto nas proximidades que lhes serviam algum tipo de abrigo com pastagem para o gado. Nesse sentido, além de uma casa comercial, um grande pátio servia como pouso e abrigo para as tropas contribuía dessa forma para o descanso e a organização da tropa para seguir viagem até seu destino. Próximo à casa de Florindo Saretto, moradores relatam que as ruínas de duas residências que ainda se encontra em excelente estado de conservação, também pertenceram à prática do comércio com tropeiros, nesse sentido, foram realizadas várias tentativas de contato com os atuais

proprietários para eventuais esclarecimentos se o movimento tropeiro fez uso dessas residências, mas não obtivemos respostas.

Figura 8 - Patrimônio material ligado ao tropeirismo.



Fonte A: Enio Frasseto.

Fonte B, C e D: Do Autor.

Legenda: Figura A - Casa de comércio Florindo Saretto. Figura B - Campo de pouso Florindo Saretto. Figura C - Possível casa de comércio. Figura D - Possível casa de comércio.

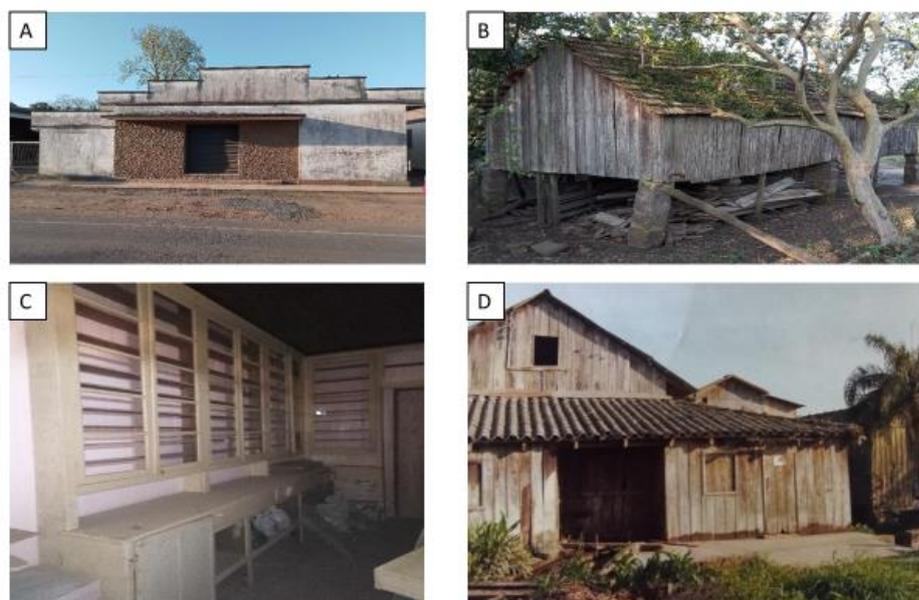
Localizada na via que dá acesso a Serra da Pedra e a comunidade de Costão da Pedra, encontram-se outras residências que serviram como ponto de referência para os tropeiros que cruzavam esta região. Uma dessas residências possui uma mangueira de porcos que assegurava a alimentação bem como o descanso desses animais que também eram transportados pela serra. Nessa residência, encontramos um grande pátio que abrigava as tropas de gado bem como as de porcos. Com o passar dos anos, a demanda fez com que esse local viesse a comercializar também remédios, o que determinou uma logística para que isso fosse possível. No interior dessa antiga farmácia, é possível encontrar partes dos balcões desse antigo comércio, alguns já desmontados e outros em estado de conservação, o que demonstra que a prática realizada com o comércio farmacêutico era bastante procurada nesse ponto de passagem de tropas. Há alguns metros próximos dessa farmácia, em sentido a serra, é possível identificar o local onde existia uma antiga atafona, que reforça como esses comércios nas proximidades atendiam uma demanda de produtos diferenciados, desde alimentos produzidos nas localidades como produtos vindos de outras

regiões, o que determinou também entre vários outros serviços prestados nessa região e principalmente no caminho que era realizado esses comércios.

Quanto às residências estarem relativamente próximas, demonstra o intenso movimento que o caminho influenciou no comércio daquelas comunidades, Campos *et al.* (2020, p.206) apontam que determinadas propriedades localizavam-se próximas umas das outras e que essa estratégia atendia as necessidades do movimento tropeiro:

As localizações das propriedades que praticavam o comércio situam-se em pontos estratégicos umas próximas das outras. No atual trajeto podemos perceber a rota em que os tropeiros seguiam em direção ao litoral e as Serras, como também os pontos de parada e pouso, demonstrando como era intenso essas passagens pela região. (Campos et al. 2020, p. 206).

Figura 9 - Estruturas que estão diretamente ligadas ao tropeirismo.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A - Antigo comércio e farmácia. Figura B - local de pouso e mangueira de porcos. Figura C - Balcão no interior da Antiga Farmácia. Figura D - Antiga Atafona.

As necessidades para quem transitava por esse caminho geralmente eram atendidas pelo intenso comércio bem como o suporte que era proporcionado para as tropas que ali passavam, pois estavam bem localizadas e próximas umas das outras. Outro fator importante é a presença constante do Rio da Pedra. Esse rio acompanha praticamente todo o traçado desse caminho, não representava muitas dificuldades para os tropeiros em realizar sua travessia, pois é um rio de profundidade relativamente raso e contém muitas pedras, o que facilitava sua passagem de uma margem para outra. Em seu percurso é possível observar boa qualidade em suas águas, o que

pressuponha extrema relevância para o abastecimento das tropas. Quanto aos valores paisagísticos que o rio representa é possível destacar cachoeiras em seu percurso assim como piscinas naturais que revelam a mata atlântica ciliar preservada nas encostas com suas margens apresentando alterações humanas transformando a vegetação original que sofre alterações devido à presença constante da agricultura na região. Próximo a uma de suas pontes, encontra-se a atual Igreja São Paulo, que apesar do tempo ainda se encontra no mesmo local que teria sido construída a primeira capela feita de madeira com uma grande torre na sua lateral, com o passar dos anos, iniciaram a construção de uma nova igreja, desta vez de alvenaria sendo restaurada até a construção da igreja atual. Aos fundos das imagens a seguir é possível visualizar a Serra da Pedra, caminho que liga aos campos, o que reforça que a passagem dos tropeiros segue pelo traçado que liga as comunidades até o início da trilha.

Figura 10 - Rio da Pedra e a Igreja São Paulo.



Fonte D: Aloíde Ronsani

Fonte A, B e C: Do Autor.

Legenda: Figura A - Rio da Pedra. Figura B - Ponte sobre o Rio da Pedra, antiga passagem de tropeiro. Figura C - Atual Igreja São Paulo. Figura D - Antiga Igreja localizada no local da Igreja São Paulo.

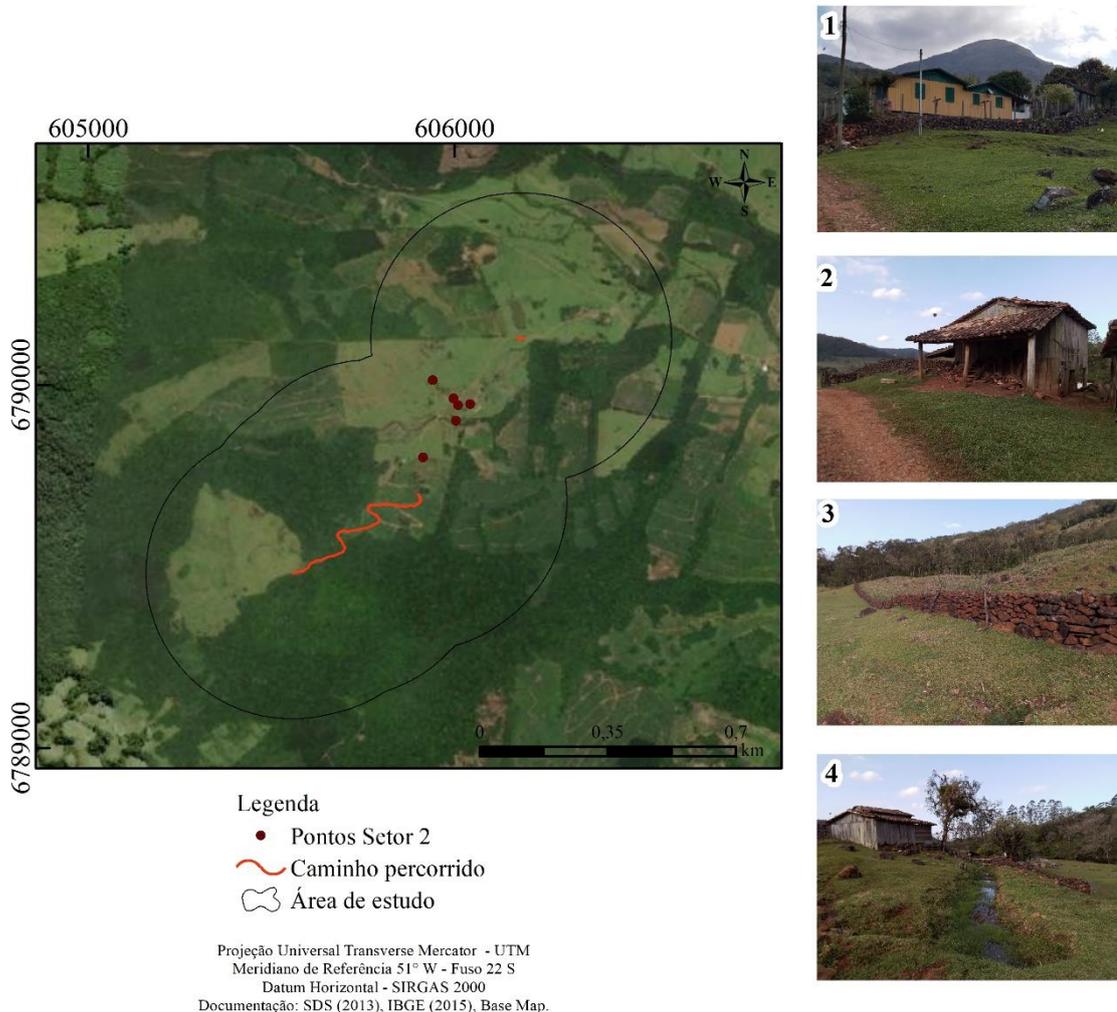
#### 4.4 SETOR 2 - COMUNIDADE COSTÃO DA PEDRA

Remanescente do período colonial, o Caminho dos Conventos que inclui no seu trajeto a destacar a trilha Serra da Pedra foi uma importante via terrestre utilizado pelos tropeiros a fim de transportar mercadorias entre litoral e planalto, Campos et al. (2020, p. 205), Relata que:

Em tempos remotos não existiam estradas trafegáveis, o transporte era feito nos lombos das mulas e carros de boi, o tropeiro foi um grande responsável pela chegada de mercadorias vindas dos Campos de Cima da Serra para toda essa região mais ao litoral, como também voltavam abastecidos com produtos que comercializavam aqui.

Situada na localidade de Costão da Pedra, na propriedade de Zelindo Ronsani, e seu filho Aloíde Ronsani, é possível encontrar remanescentes culturais relacionados com o movimento tropeiro, certamente foi um núcleo muito importante para os viajantes que passavam pela região, pois a trilha passa pela propriedade e pode ser feita tanto a pé bem como à cavalo.

Figura 11 - Setor 2 - Comunidade Costão da Pedra.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Mapa de Localização. Setor 2 - Comunidade Costão da Pedra. Imagens: 1 - Casa de Zelindo Ronsani. 2 - Antiga casa de pouso. 3 - Taipas. 4 - Antigo engenho.

Segundo o próprio Zelindo, este caminho pertencia ao antigo caminho dos tropeiros, sendo esta a primeira trilha, depois, com o passar do tempo abriram-se outras. Na propriedade, é possível

identificar centenas de metros de Taipas, feitas principalmente para abrigar e proteger tropas de gado ou porcos que passavam pela região. Esses corredores feitos de taipas, ou muros e mangueiras de taipas fazem parte do patrimônio cultural presente no território referente ao movimento tropeiro, pois estas estruturas eram erguidas com a sobreposição de rochas de junta em seca, destinadas a delimitar o “caminho das tropas”, construção de mangueiras e cercamento de pastagens (HERBERTS, 2009; SANTOS, 2009), assim, as taipas são uma das heranças do ciclo do tropeirismo, atividade econômica ligada à pecuária entre os Séculos XIX e XIX. Nesse sentido, as taipas estão em volta da propriedade, o que delimita o espaço que as tropas poderiam ficar em segurança, apresentam altura de 0,70 m e largura de 75 cm, medidas suficientes para que não houvesse animais perdidos durante a parada nesse local.

Figura 12 - Propriedade de Zelindo e Aloíde Ronsani.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A - Propriedade de Zelindo Ronsani e seu filho Aloíde Ronsani. Figura B - Casa de Zelindo Ronsani e ao lado antiga casa de pouso. Figura C - Taipas na propriedade de Aloíde Ronsani. Figura D - Local de descanso para as tropas cercado por taipas.

A antiga casa que servia de abrigo e pouso para os tropeiros ainda guarda alguns materiais e pertences que eram utilizados nesse tipo de trabalho, além de ser um local estratégico de parada por estarem localizados abaixo da serra, os tropeiros também encontravam nessa propriedade um engenho, o que reforça que além de ponto de parada também era um local de possível comércio, pois nesse engenho era feita produção de açúcar e cachaça artesanal, produtos que serviam para comércio e a troca de mercadorias.

Figura 13 – Estruturas e objetos ligados ao tropeirismo.



Fonte C e D: Aloíde Ronsani.

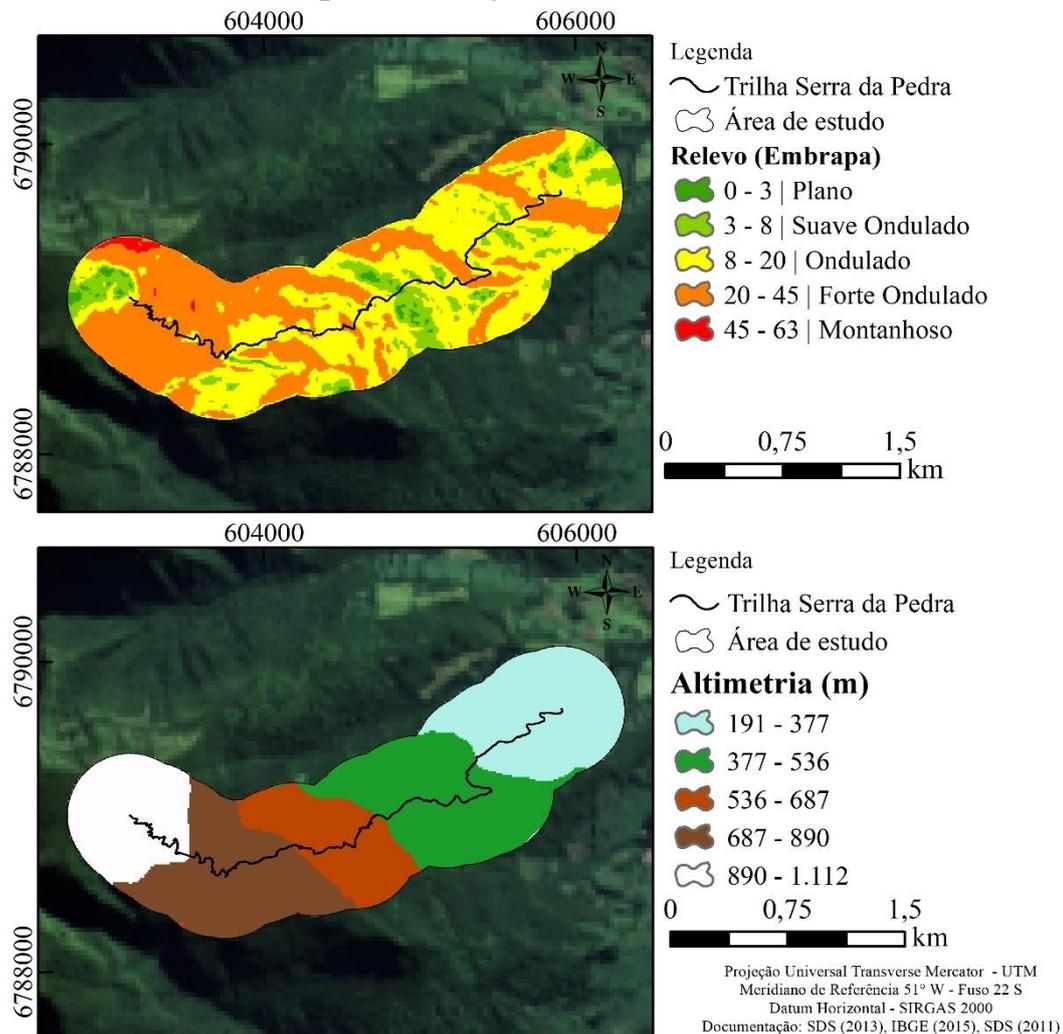
Fonte A e B: Do Autor.

Legenda: Figura A – Antiga casa de pouso. Figura B – Celas e objetos utilizados pelos tropeiros. Figura C e D - Antigo engenho utilizado na produção artesanal de cachaça e açúcar.

#### 4.5 SETOR 3 – TRAJETO ATÉ O PLANALTO

Durante o trajeto do histórico caminho da Serra da Pedra, é possível identificar áreas de matas secundárias e nativas, ainda, apresenta diversas formações desde a Mata Atlântica Sub-Montana, Montana e Matinha Nebular, dessa forma, podemos identificar mudanças na paisagem nesse ponto do caminho, o que pressupõe algumas mudanças nas condições para a realização dessa etapa da trilha. Quanto ao trajeto, para garantir a segurança de quem o realiza, é indispensável o acompanhamento de condutores ou guias locais conhecedores da região, pois o grau de dificuldade é alto e exige bom condicionamento físico. Alguns dados interessantes desse percurso podem visualizar na figura a seguir.

Figura 14 – Mapa de Relevo e Altimetria.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Mapa de Localização. Setor 3 – Relevo e Altimetria.

Alguns pontos fomentam a cultura popular da região com histórias interessantes sobre o seu trajeto, nesse sentido, proporciona aos que se aventuram a realizar seu percurso, disfrutar do contato com a natureza, conhecer sua história, caminhar por diferentes formas de relevo, apreciar as paisagens entre os mais de mil metros de altitude, cerca de 6.500 metros até alcançar os belos campos de cima da serra em aproximadamente 8 horas de caminhada entre ida e volta.

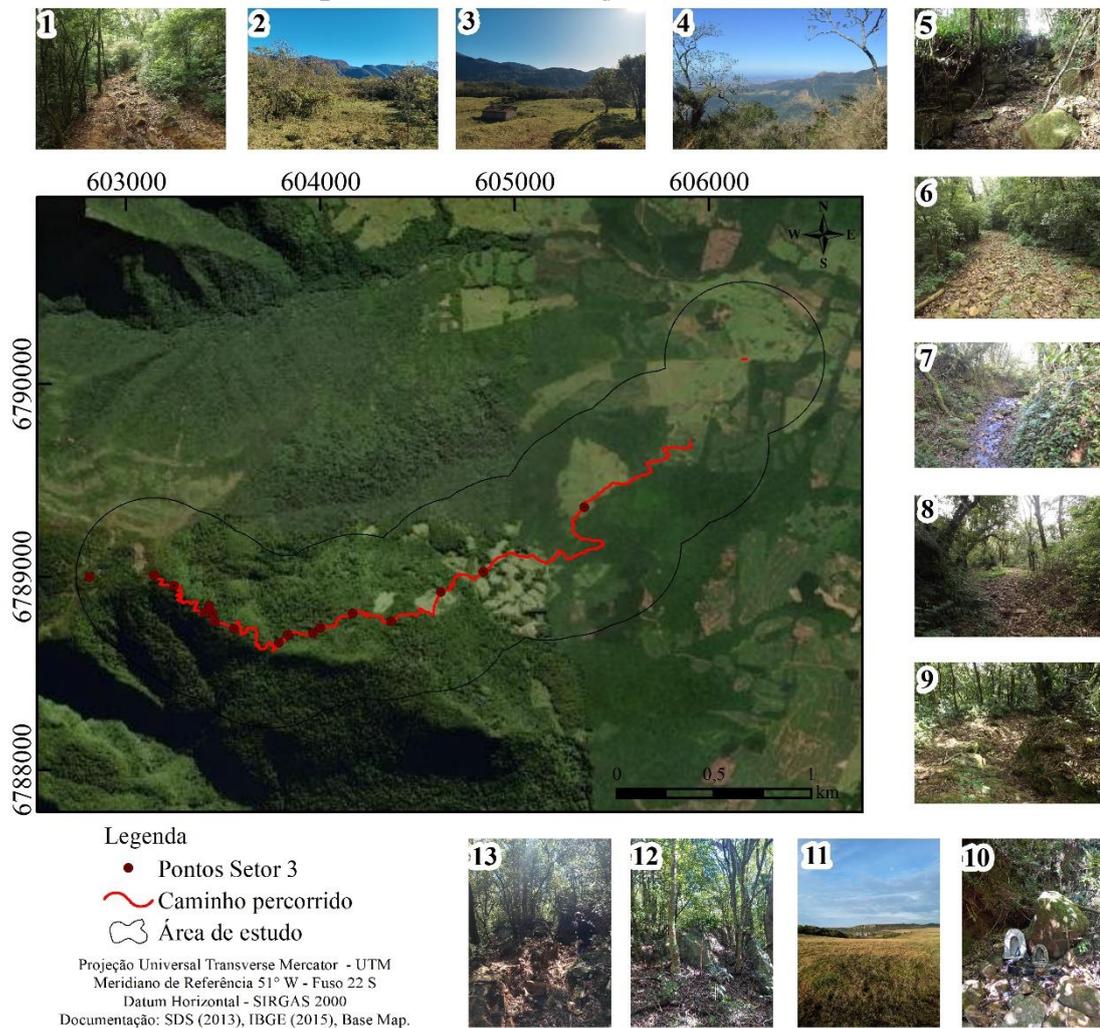
Associar a paisagem cultural no Caminho histórico Serra da Pedra vem ao encontro do que diz as diretrizes operacionais referente a implantação da Convenção do Patrimônio Mundial pela UNESCO (1999), nesse sentido, a paisagem cultural representa o trabalho combinado entre natureza e homem, está inserida quanto a evolução da sociedade e dos assentamentos humanos ao longo do tempo, as mudanças do seu ambiente natural apresentam sucessivas relações no âmbito social, econômica e cultural, e ainda, por possuir extraordinário valor universal em sua

representatividade com relação aos elementos culturais distintos de determinadas regiões. Portanto, as paisagens carregam suas marcas promovidas pelas gerações que habitaram ou habitam determinado lugar, com isso, elas ainda podem ser modificadas (ZOCCHÉ *et al.*, 2014). Nesse sentido, as modificações que essas marcas expressam, podem conter elementos tanto materiais quanto imateriais, faz com que se enquadram no conceito de Patrimônio Cultural, entendido dessa forma como:

[...] presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que declamamos, nas brincadeiras que fazemos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano, forma as identidades e determina os valores de uma sociedade. É ele que nos faz ser o que somos (IPHAN, 2013, p. 3).

Cabe ressaltar que durante o trajeto do histórico caminho, diversos pontos se relacionam com a identidade cultural desses locais por conta de seus causos e lendas, fatos que possivelmente deram origem aos nomes desses pontos ao longo de praticamente toda a serra. À medida que o movimento das tropas se destacava nesse percurso, os nomes de alguns locais começavam a ficar conhecidos pelos viajantes, facilitava ao tropeiro conhecer os pontos necessários que pudesse obter certas vantagens para o sucesso de sua travessia conforme podemos visualizar na figura a seguir.

Figura 15 - Setor 3 - Trajeto até o Planalto.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Mapa de Localização. Setor 3 - Trajeto até o planalto. Imagens: 1 - Morro Triste. 2 - Encruzilhada da Oflia. 3 - Campo de Pouso. 4 - Boa Vista. 5 - Rodeio do Barbacuá. 6 - Baixada da Cruzinha. 7 - Curva do Sabão. 8 - Baixada do Barbacuá. 9 - Curva da Canela. 10 - Cruzinha. 11 - Boca da Serra. 12 - Pedra do Baú. 13 - Três Forquilhas.

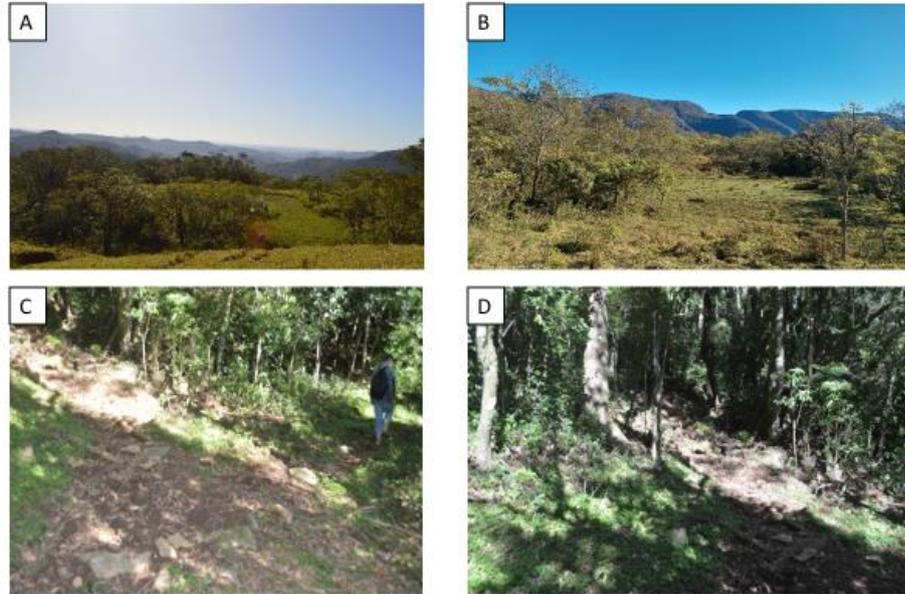
Quando observamos, presentes na paisagem, um determinado conjunto que contempla manifestações, realizações e representações de um determinado povo dotados de valores, perceberam há necessidade de proteger, valorizar e conservar para que a identidade desse povo não se perca no tempo (IPHAN, 2013). Nesse sentido, além dos textos estão os relatos e o conhecimento local dos próprios moradores, em especial o atual proprietário da área particular em que está localizada parte da trilha Serra da Pedra Aloíde Ronsani. Neste trajeto, foi o guia e o responsável por apontar o local e as histórias destes pontos. Aloíde Ronsani é filho de Zelindo Ronsani, no qual seus relatos estão descritos no livro: Perfil Cultural e Turístico dos Municípios Catarinenses, “Coleção caminhos dos Cântons”, livro de número 5 que representa o município de Jacinto Machado. Nestes relatos, podemos observar diversos pontos que se destacam nesta

etapa da trilha como sendo importante para legitimar a importância do movimento tropeiro nesse trajeto, outra importante fonte foi o livro do Padre Herval Fontanella: Jacinto Machado “Capital da Banana” com diversas contribuições importantes a respeito desse município no Extremo Sul Catarinense.

Atualmente, a trilha Serra da Pedra conta alguns desvios em seu percurso, dessa forma, foi possível contabilizar 16 desvios com distâncias entre quinze a vinte metros sendo que o desvio mais extenso percorreu cerca de oitenta a noventa metros até encontrar o caminho original, pontos que chamam a atenção pela mudança na paisagem ao seu entorno devido a erosão causada por elementos naturais como chuvas, queda de barreiras ou grandes árvores nesses locais, o que resultou um novo traçado para que o caminho fosse possível de ser realizado, portanto, reforça o que Zocche *et al.* (2014) relatam quando discorrem a respeito das mudanças que as paisagens carregam, suas marcas promovidas pelas gerações e o quanto elas ainda podem ser modificadas.

Herança indígena e remanescente do período colonial, esses caminhos foram aos poucos sendo habitada assim como grande parte das comunidades que vão se estabelecer por conta do movimento tropeiro na região. Uma dessas comunidades é Costão da Pedra, ainda na encosta da Serra Geral, foi um local habitado por serranos, por meio do histórico caminho, os serranos construíram suas casas e fixaram moradias como posseiros como conta Aloíde Ronsani. Esse local é conhecido como “Encruzilhada da Otília”, um ponto que faz referência ao cruzamento de caminhos, reforça as divisões de propriedades entre os habitantes. É possível observar que a paisagem em momentos converge em parte da trilha fechada na mata para logo encontrar espaço no campo aberto, a vista contempla grande alcance em direção ao litoral seguindo o histórico caminho bem como é possível visualizar a encosta de grande parte da Serra Geral, estrategicamente em questões de segurança era possível observar grande parte de suas propriedades, era nesse espaço o local que construíram os ranchos e moradias, nesta paisagem ainda encontram-se árvores frutíferas e remanescentes de espaço possivelmente para reserva de água, assim atrairia animais para caça bem como garantia a necessidade dos moradores e dos animais. Podemos visualizar esse ponto do caminho na imagem a seguir.

Figura 16 - Encruzilhada da Otília.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A - Possível local de moradia com vista para litoral. B - Local remascente de agua com arvores frutíferas e vista para a encosta da Serra Geral. C e D - Local conhecido como Encruzilhada da Otília, cruzamento de caminhos e propriedades serranas.

Nesta etapa da trilha, é possível encontrar um ponto do caminho muito esperado para quem faz o trajeto assim como era para os tropeiros por se tratar de um local para descanso e alimentação de toda a tropa. O terreno tornou-se importante na questão mudança climática durante o percurso, nesse sentido, serve como campo de pouso em períodos chuvosos durante o trajeto, possui pasto para alimentação dos animais e espaço para as tropas ficarem acampadas por um determinado período. Comenta Aloíde Ronsani, proprietário do local, que ainda utiliza este espaço para trazer seus animais para assim passar o período de internada nos pastos em meio a Serra.

Figura 17 - Descanso



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Descanso.

Quanto aos pontos de parada e descanso durante a realização desse caminho principalmente em meio a trilha Serra da Pedra, eram pontos considerados importantes. Alguns se percebem que além de específicos eram estratégicos, mas todos com suas particularidades. Pois se trata de um trajeto difícil e imprevisível, poderiam acontecer diversas situações que era preciso um local que poderia servir de abrigo bem como organização de quaisquer eventuais não programados, ainda, eram momentos que as tropas poderiam socializar e contemplar toda a paisagem ao seu entorno, pois nem todos os pontos dessa trilha isso era possível. Nesta etapa, este era um ponto possível sentir a mudança no caminho bem como na paisagem da trilha, pois o trajeto se distancia do caminho apertado em meio à mata com o terreno acentuado de difícil passagem para uma área aberta em meio a encosta da Serra Geral.

Figura 18 - Ponto de Parada



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Ponto de Parada.

Durante o trajeto um dos principais e mais importantes pontos desse caminho é o local conhecido como “Olho da Água”. A importância de encontrar uma vertente de água potável já é de grande relevância, principalmente se está acessível em uma via terrestre de passagem. Certamente o local serviu aos primeiros habitantes que ali viviam (Laklãnõ-Xokleng), serranos e muito utilizados pelos tropeiros em suas viagens, pois era possível o abastecimento para toda a tropa inclusive aos animais que eram transportados pelo caminho.

Figura 19 - Olho da Água.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Olho da Água.

O local conhecido como “Olho da Água” vem a ser importante para o surgimento de outros pontos na trilha devido suas águas percorrerem por entre o caminho. No livro: Perfil Cultural e Turístico dos Municípios Catarinenses, “Coleção caminhos dos Cântons”, Zelindo Ronsani relata que próximo a fonte de água encontra-se um ponto conhecido como “Pedra do Sabão” e que relatos populares acreditam que padres Jesuítas esconderam metais preciosos como ouro neste local. Durante a realização desse trajeto, em companhia de Aloíde Ronsani, reforça possíveis inscrições em códigos na pedra que demarcava o local exato que o ouro estaria enterrado, porém, removida por populares e curiosos, esta pedra já não está mais no local e suas inscrições já não são possíveis de visualizar por conta de seu deslocamento e mudança de posição.

Outro ponto decorrente desse movimento que as águas percorrem pelo caminho é a denominada “Curva do Sabão”. Neste ponto, a trilha torna-se perigosa por conta da água constante e do solo escorregadio, o que dificulta sua passagem, pois neste local o trajeto torna-se muito delicado e exigem do tropeiro todo o cuidado e habilidade para evitar possíveis acidentes com a tropa. Quanto à mudança da paisagem neste ponto é possível ser observada no próprio solo, pois parte desse trajeto contém muitas pedras, o que torna esse ponto mais escorregadio, porém outro ponto desse trajeto o solo é mais argiloso e em contato com a passagem das tropas, em determinados pontos, é possível perceber que paredões se formaram causados pelo assolamento

do caminho, isso modifica o solo e o local, que resulta na transformação da paisagem desse ponto analisado.

Figura 20 - Curva do sabão



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Curva do Sabão.

Pensar um bom caminho exige certa manutenção em seu percurso, principalmente se esse trajeto está em meio a uma serra. No livro: Perfil Cultural e Turístico dos Municípios Catarinenses, “Coleção caminhos dos Cântons”, Zelindo Ronsani relata que parte dessa manutenção era realizada pela comunidade que utilizava esse caminho, nesse sentido, como forma de pagamento de impostos pelo uso desse caminho era o trabalho na manutenção seis dias por ano. Portanto, o nome de “Pedra do Baú” faz referência ao local que segundo Aloíde Ronsani, as pessoas que realizavam a manutenção deixavam suas ferramentas escondidas durante os dias que prestavam serviços no caminho, era uma forma de não carregar pesadas ferramentas todos os dias durante o percurso de suas casas até o local de trabalho.

Figura 21 - Pedra do Baú.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Pedra do Baú.

O nome que originou este ponto do caminho carrega a mais triste das histórias da trilha Serra da Pedra. Este fato teria acontecido há muitos anos e conta a história de um avô e sua neta durante o trajeto da trilha. Segundo Aloíde Ronsani, este avô teria violentado a neta, em seguida, enterrado seu corpo neste local. Em homenagem a menina, este ponto ficou conhecido como “Cruzinha”. Quanto ao nome, a primeira cruz colocada neste local teria sido entalhada numa árvore, com o passar dos anos, foi colocado uma cruz de ferro e uma pequena capela, que transformou a paisagem deste local em um ponto de referência de comoção e respeito pelos que ali passam, alguns deixam velas entre outros objetos, dessa forma, prestam suas homenagens, atualmente, o local ainda preserva e guarda uma cruz entalhada numa pedra.

Figura 22 - Cruzinha



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Cruzinha.

Próximo ao local da “Cruzinha”, outro ponto conhecido pelo movimento tropeiro é chamado de “Baixada da Cruzinha”. Neste local, a trilha é composta por duas paisagens bastante distintas, pois parte da trilha compreende a uma paisagem mais fechada devido as características da vegetação, das grandes árvores e do solo argiloso com paredões nas margens e pouco iluminado, aos poucos, transforma-se em uma paisagem visivelmente aberta e bastante iluminada naturalmente pelos clarões que a vegetação proporciona nesse local, dessa forma, deixando a trilha mais acessível, suas margens eram largas com solo firme e uniforme, facilitava o alinhamento das tropas para a sequência da viagem.

Figura 23 - Baixada da Cruzinha.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Baixada da Cruzinha.

Alguns pontos eram muito utilizados pelos tropeiros durante a passagem pela trilha Serra da Pedra. Prática comum entre os tropeiros era o costume utilizar fogueiras para se aquecer, além de outras funções como preparo dos alimentos aproveitavam para fazer os chamados “barbacuás”, sua função era secar a erva mate utilizado nas viagens. No livro: Perfil Cultural e Turístico dos Municípios Catarinenses, “Coleção caminhos dos Cântons”, Zelindo Ronsani define “barbacuá” como sendo uma espécie de pequenas chaminés, eram escavadas nos barrancos as margens da trilha, o fogo era ateado nesses buracos na parte baixa, pois era o local perfeito por necessitar de um suspiro na parte mais alta do barranco que fazia a função de uma chaminé, “era o local onde os tropeiros costumavam acampar, por isso chamavam de rodeio”. Aloíde Ronsani comenta que o acampamento ficava na parte alta dos barrancos, próximo ao local utilizado para guardar os fardos de erva mate que secava e defumava na saída das chaminés dos barbacuás. Nesse sentido, a paisagem desse local se diferencia dos demais por se tratar de um ponto que necessita de margens altas com paredes argilosas para a construção dessas chaminés, ainda, local seguro para toda a tropa, possível de encontrar nesse ponto específico da trilha.

Figura 24 - Rodeio do Barbacué.



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Rodeio do Barbacué.

Neste local, os tropeiros utilizavam a parte mais larga da trilha a seu favor, poucos pontos da trilha possibilitavam essa formação que poderia ser utilizado para alinhamento da tropa durante o trajeto. Nesse sentido, este ponto era utilizado como parador, descanso e refúgio, a vegetação local era composta por uma espécie de taquara chamada “Cara”, essa taquara possui características naturais em formato de alinhamento, deixava parte desse local como uma espécie cerca natural devido sua formação, com isso, dificultava a fuga dos animais e facilitava o trabalho dos tropeiros em caso de algum problema durante o percurso da trilha.

Figura 25 - Baixada do Barbacué.

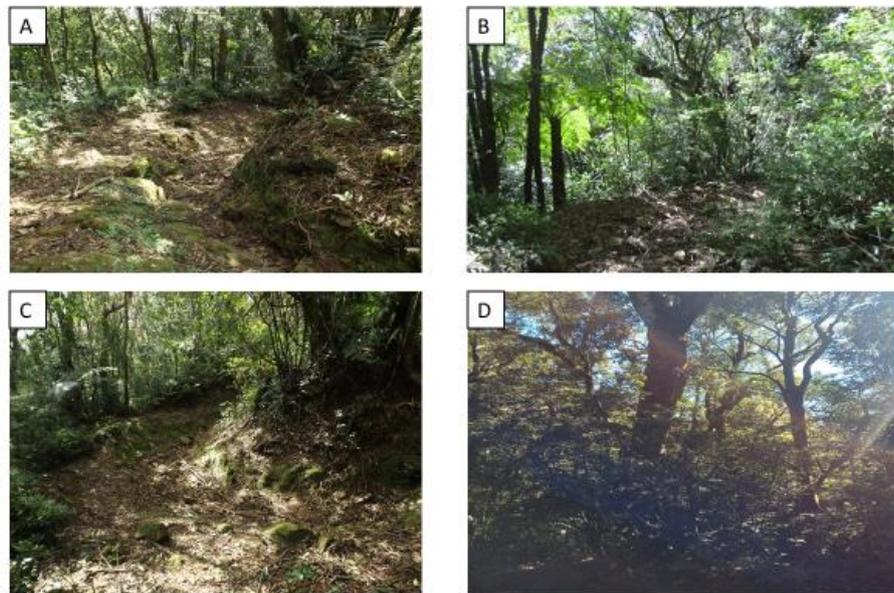


Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Baixada do Barbacué.

Durante o percurso do histórico caminho, centenas de curvas modificam as direções dessa trilha, algumas dessas curvas nomeiam pontos por meio de suas histórias ou pelo fato de estarem diretamente relacionado com algum local conhecido pelos viajantes, uma dessas curvas é conhecida como “Curva das Canelas”, árvore bastante conhecida por sua madeira de qualidade bem como por oferecer algumas funções como, por exemplo, dar sabor, cor e cheiro quando adicionada e misturada na cachaça, produto artesanal produzido nos engenhos da região e comercializado pelos tropeiros em praticamente toda a rota.

Figura 26 - Curva da Canela.

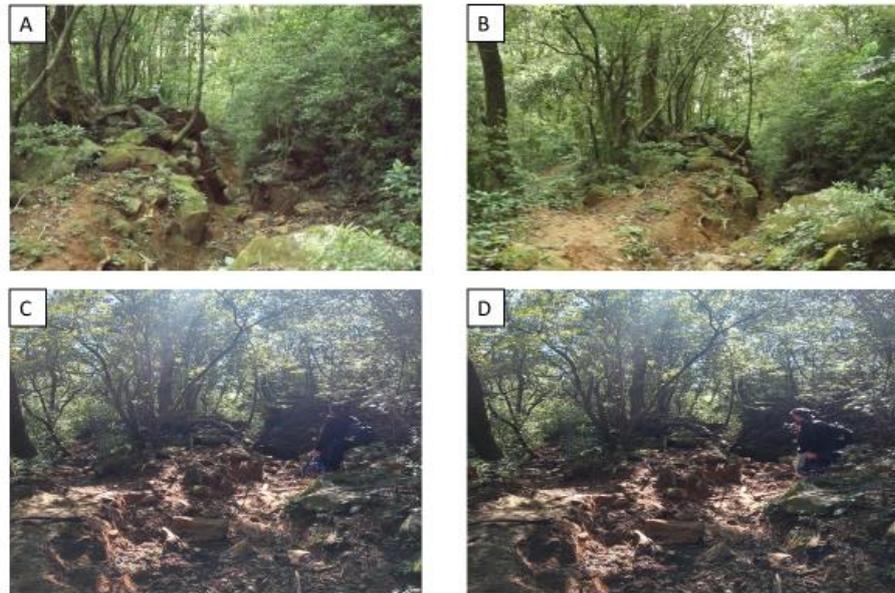


Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Curva da Canela.

Momento em que a trilha apresenta três desvios em seu percurso. Quanto a esse ponto em específico, conhecido como “Três Forquilhas”, tais desvios não representam novos caminhos, no entanto, apresentam apenas pequenos desvios que facilitavam sua passagem e acesso, pois é considerado um trecho com muitas irregularidades e em períodos de chuva esse ponto fica ainda mais complicado a passagem nesse local. Porém, depois de finalizado o difícil trajeto, os caminhos que apresentam desvios voltam a conectar-se com o original seguindo seu percurso. Ao todo, foram contabilizados 16 desvios sendo esse o mais extenso chegando a medir entre oitenta e noventa metros de distância.

Figura 27 - Três Forquilhas



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Três Forquilhas.

Diversos pontos da trilha eram responsáveis por acidentes provocados pelas dimensões e formatos do próprio trajeto. O local conhecido como “Morro Triste” apresenta fatores como, quando molhado, solo escorregadio e argiloso, quando seco, facilitava o rolamento das pedras, pois grande parte desse trajeto apresenta-se em linha reta e muito inclinado nesse ponto, que o torna um local muito difícil de trafegar e um acidente poderia formar um efeito “avalanche” colocando toda a tropa em perigo. Nesse sentido, este ponto do caminho exige muito cuidado por quem o realiza, é comum acontecer desde pequenos tombos ou acidentes mais graves nesse local, mesmo tropeiros experientes já foram vítimas nesse ponto da trilha.

Figura 28 - Morro Triste.



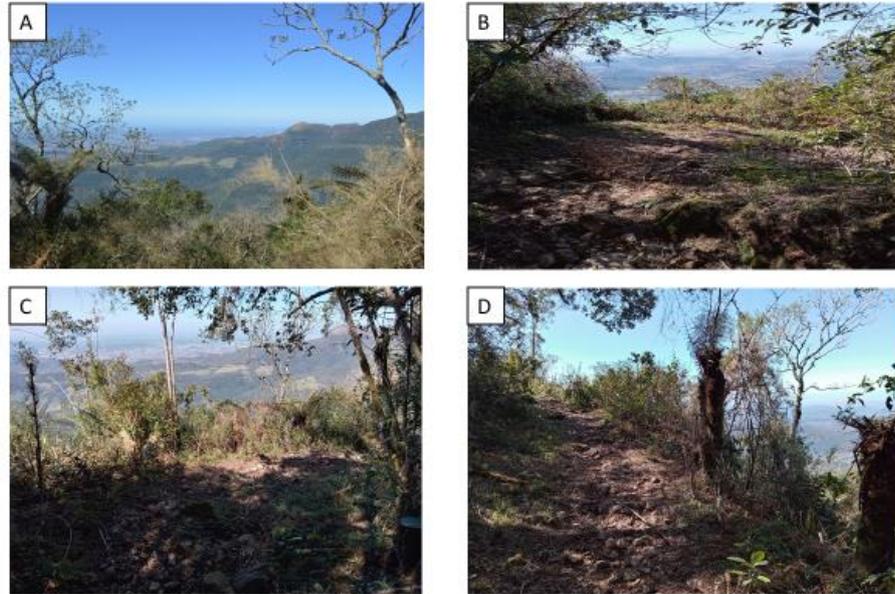
Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Morro Triste.

A paisagem nesse mirante natural que o histórico caminho proporciona é realmente incrível. Quanto ao caminho, é um dos momentos que é possível contemplar grande parte da planície costeira, destino que o histórico Caminho dos Conventos se desenha como via terrestre até encontrar o litoral, bem como parte das encostas da Serra Geral. A localização desse ponto conhecido como “Boa Vista” permite observar o *Canyon* Fortaleza que, segundo Aloíde Ronsani, também é chamado de “Fundo do Macuco” pelos mais antigos assim como o *Canyon* da Pedra, também chamado de “Três Bonecas” pelo seu formato esculpido naturalmente em uma grande rocha.

Atualmente, a trilha passa bem próximo à beira da encosta da Serra Geral, desvio feito para contemplar o máximo possível de uma vista incrível que essa paisagem proporciona nesse ponto do caminho. A trilha original passa a alguns metros de distância devido ao perigo exposto para os tropeiros e sua tropa na realização desse trajeto.

Figura 29 - Boa Vista



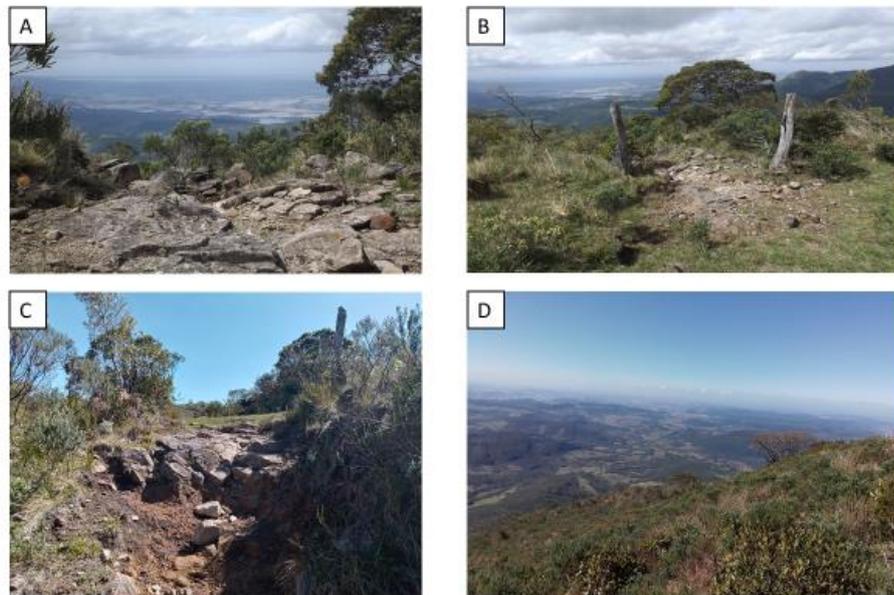
Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Boa Vista.

Após realizar o caminho, é o momento em que a trilha chega ao ponto conhecido como “Esfriador”. Este local é o responsável pela transição entre a trilha realizada na Serra Geral e sua conexão com os campos de cima da serra. Segundo Aloíde Ronsani, esse local possui temperatura mediana para frio durante todo o decorrer do ano, isso acontece devido as constantes ocorrências de ventos e pela sua altitude nesse local, por esse motivo recebeu o nome de “Esfriador”.

Este ponto é considerado importante para os tropeiros porque era um local de parada, alimentação, organização e tomada de decisão antes de seguir viagem. Quando estavam prestes a descer a serra, era possível avistar se o caminho estava sendo utilizado por alguma outra tropa, o que poderia dificultar ainda mais o trajeto. Dessa forma, visualizar o trajeto mesmo que fossem para direções opostas, garantiria a passagem segura de sua tropa em todo o percurso do caminho.

Figura 30 - Esfriador



Fonte: Do Autor.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Esfriador.

A conexão com os campos de cima da serra proporciona ao tropeiro encontrar uma via terrestre com diversas mudanças em sua paisagem. O ponto do caminho conhecido como “Boca da Serra” apresenta-se mais largo comparado com a trilha realizada na encosta da serra, resultado da erosão que lhe deixa marcas profundas ocorridas durante anos de tráfego relacionado com o movimento tropeiro na região, além de proporcionar uma ampla visão dos campos abertos que se fará companheira em grande parte do caminho no planalto catarinense. Portanto, esse ponto marca um local de transição entre campos abertos e caminhos estreitos que se relacionam com as mudanças na paisagem decorrentes do movimento tropeiro no Extremo Sul Catarinense.

Figura 31 - Boca da Serra



Fonte: Marcelo Crepaldi.

Legenda: Figura A, B, C e D - Local conhecido como Boca da Serra.

Portanto, o histórico caminho está inserido na história do sul do Brasil. Pensar uma época que vias terrestres como trilhas serviram para que a produção local fosse transportada para as regiões consumidoras eram práticas ligadas ao intenso movimento tropeiro dessa região. Com o auxílio desses animais cargueiros, bens foram transportados, regiões foram integradas, vilas foram construídas e sua influência ainda está presente na memória viva desses lugares.

O passado deixou suas marcas na paisagem, seja ela com os patrimônios culturais, seja com a presença e existência da paisagem cultural, sua relação com o tempo e espaço imprimem elementos antrópicos que o ser humano os atribuiu enquanto história, Zocche *et al.* (2014, p.8) propõem que o “documento histórico construído através do acréscimo de novos elementos ou da modificação dos existentes, numa sobreposição não linear é infinita de manifestações culturais”. Nesse sentido, permite compreender como o ser humano e suas escolhas interagem com o equilíbrio do ecossistema, das mudanças ocorridas nos lugares em que ele viveu e deixou como legado cultural.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o caminho das tropas e seu intenso movimento indica que, após a abertura do histórico Caminho dos Conventos, surgiram os primeiros assentamentos ao longo desse percurso. Foi a primeira via terrestre aberta que ligou litoral com os campos de cima da serra, esse caminho seria o responsável por interligar as demais localidades que começavam a se estabelecer em toda a região. As margens do rio Araranguá se ligavam aos campos de cima da serra para o transporte de mercadorias em geral por meio do movimento tropeiro.

As características da história de longa duração permitem assimilar as relações socioculturais com a história local e regional, conhecer os caminhos e a presença que o movimento tropeiro deixou como herança cultural, permitiu mapear pontos que relacionam patrimônio cultural, paisagem cultural e tropeirismo. Nesse sentido, permite um olhar amplo e atento para as marcas deixadas na paisagem pelos sujeitos que ali passaram, mesmo que de forma espontânea, essas marcas imprimem relações socioculturais que refletem no modo de vida dessas pessoas ao longo do tempo, uma vez que a história de longa duração conecta pessoas e coisas formando a “vida material”.

Em virtude do que foi mencionado, esta pesquisa se propôs a compreender a relação histórico-cultural da trilha Serra da Pedra com o tropeirismo. O Caminho dos Conventos se caracteriza pela importância de ser a primeira via terrestre a fazer conexão entre litoral e planalto no Extremo Sul Catarinense, papel importante na história do Sul do Brasil. Portanto, a decisão de investigar esse tema, ainda pouco estudado, foi importante para a história local e regional.

Após a abertura do histórico caminho, os núcleos ocupacionais ao longo desse traçado foram adaptando-se a demanda e as necessidades necessárias devido à passagem das tropas pela região. Contudo, dois municípios foram importantes para o movimento tropeiro, Araranguá-SC e Jacinto Machado - SC. Nesses locais, estabeleceram-se casas comerciais, pontos de parada e pouso que serviram como referência para quem passava por essa região, pois era o único acesso que fazia a ligação entre o litoral, com a passagem da trilha Serra da Pedra, e os campos de cima da serra, traçado que foi determinante para o recorte espacial da área de estudo.

A pesquisa foi concentrada na Serra da Pedra, a maioria dos dados coletados e mapeados em relação ao tropeirismo foi encontrada no município de Jacinto Machado, nas localidades de Serra da Pedra e Costão da Pedra, conforme o recorte delimitado para a área de estudo. Dessa forma, ao investigar os espaços relacionados à passagem das tropas e seus bens materiais remanescentes, foi possível, por meio das coletas de dados em campo, realizar um estudo parcial

que contribuiu para a análise dos resultados obtidos, formando assim um grande potencial em informações. Portanto, foram identificadas antigas casas comerciais, pontos de parada e pouso, engenhos, mangueiras, farmácias, atafona, taipas, bem como objetos, por exemplo, antigos balcões, celas, bruacas e diversos outros utensílios utilizados pelo movimento tropeiro. Ainda que alguma estrutura não exista mais atualmente, foi possível encontrar os locais de origem que identificam os pontos de passagem das tropas por esta região, com isso, demonstra como um estudo a partir desses bens remanescentes pode contribuir para as comunidades tomarem conhecimento da sua história e promoverem projetos com o intuito de preservar bens que podem tornar-se patrimônios culturais desses municípios despertando o interesse também do turismo.

Com relação aos patrimônios histórico-culturais, o estado de conservação das vias de acesso ainda se fazem presentes como as trilhas utilizadas pelos tropeiros, um trajeto que ainda é feito por moradores da região e o movimento de condução de gado ainda se faz presente, apenas com intuito de procurar os campos mais acima para alimentação e criação de gado durante o inverno. O turismo local também utiliza essa trilha, possibilitando ao caminhante uma percepção contextual da paisagem. As casas de comércio, as que não estão sendo utilizadas como moradias atualmente, encontram-se em estado de abandono ou já não existem mais, isso demonstra como um estudo a partir desses bens remanescentes pode contribuir para as comunidades tomarem conhecimento da sua história e promoverem projetos com o intuito de preservar esses bens que podem tornar-se patrimônios culturais desses municípios.

Na perspectiva recorrente, a observação da paisagem cultural associada com o histórico caminho parecem ser indicadores da herança pré-colonial. Um caminho que foi utilizado pelos povos originários da região, os Laklãñ-Xokleng, e, posteriormente, utilizados pela ocupação colonial. Deste modo, apontam para áreas e caminhos além daqueles já ocupados, e, possivelmente, evidenciam os locais que foram habitados por sujeitos que se estabeleceram na região e atribuíram suas marcas na paisagem. Pela prática evidenciada no levantamento oportunístico, foi possível observar que estes sujeitos utilizavam de materialidades menos resistentes e passíveis de mudança, a exemplo das casas e ranchos de madeiras, que poderiam ser demolidas e construídas em outro local.

Os dados alcançados nesta pesquisa indicam que os caminhos de tropas possuem, grande potencial para pesquisas em diversas áreas do conhecimento, visando preencher informações sobre populações antigas que viveram e interagiram ao longo desses percursos e neles deixaram seu legado e suas marcas na paisagem. Desse modo, as descobertas no decorrer desta pesquisa são pontos de partida interessantes para reconhecer e preservar a memória e a identidade dos

moradores, para além do trabalho já realizado pela própria comunidade. Dessa forma, esta dissertação pode contribuir para elaboração e melhoramento de políticas públicas, como para o desenvolvimento de futuras pesquisas que poderão contribuir para legitimação da ação que o tropeirismo proporcionou nos municípios do Extremo Sul Catarinense.

A etapa de campo desta pesquisa também demonstrou que o recorte estudado sugere ampliar a demanda dos dados para que todo o caminho seja passivo de mapeamento, pois a presença do intenso movimento de tropeiros é visivelmente percebida na linha da história local e regional na compreensão das dinâmicas ocupacionais inseridas na paisagem do Caminho dos Conventos. Em termos de pesquisa, atua como um levantamento dos remanescentes tropeiros, talvez possa ser atribuída a questão do turismo por estar situado em um território que corresponde ao Geoparque Mundial da UNESCO Caminho dos Cânions do Sul, uma vez que a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001) destaca o turismo cultural ao movimento e deslocamento de pessoas em busca de atrativos culturais. Este deslocamento proporciona aos visitantes conhecer e contemplar um dos diversos segmentos do turismo como o de aventura, religioso, ecológico, arqueológico, turismo de negócio, entre outros.

Partilhando da concepção de que uma pesquisa, além de suas conclusões, deve deixar possibilidades, aqui evidenciamos o potencial para expandir o estudo referente aos caminhos de tropas nos demais municípios do Extremo Sul Catarinense. Muitas famílias deixaram descendentes que ainda permanecem morando no próprio local ou nas proximidades. Contudo, percebemos que a história oral possa ser uma fonte rica nas entrevistas, as lembranças são fortes de um período em que as dificuldades de enfrentar caminhos praticamente intransitáveis e a busca por mercadorias, além da agricultura local, eram as principais atividades realizadas na região, sem contar que, durante o movimento de passagem tropeira, houve pontos de parada que acabaram por influenciar nas formações destes municípios que abrangem o Extremo Sul do Estado.

Assim, diversos municípios serviram de passagem para o movimento tropeiro que comercializaram e transportaram de tudo um pouco. Muitos desses comércios se estabeleceram ao longo dessas rotas e fixaram pontos conhecidos durante essas passagens, muitos foram os locais em que o intenso movimento acabou por transformá-los em paragem quase obrigatória. Alguns desses municípios não foram realizados trabalhos em campo, mas são descritos nesta pesquisa e possuem algum tipo de ligação com o tropeirismo. Porém, muito potencial ainda está à espera de novas pesquisas que revelem muitos outros aspectos relacionados com o tropeirismo.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS FILHO, Nelson. **Piratas, corsários, naufrágios e Canibalismo em terras e mares do sul**. Porto Alegre: Edigal, 2017.
- ALMEIDA, Aluísio de. **Vida e Morte do Tropeiro**. São Paulo: Martins, 1971.
- ALVARES, C. A. *et al.* Köppen's climate classification map for Brazil. *Meteorologische Zeitschrift*, [s.l.], v. 22, n. 6, p.711-728, 1 dez. 2013. Schweizerbart.  
<http://dx.doi.org/10.1127/0941-2948/2013/0507>
- ALVARES, Clayton Alcarde; STAPE, José Luiz; SENTELHAS, Paulo Cesar; GONÇALVES, José Leonardo de Moraes; SPAROVEK, Gerd. Köppen's climate classification map for Brazil. *Meteorologische Zeitschrift*, Stuttgart, v. 22, n. 6, p. 711-728, 2013.
- AMBIENTE, Ministério do Meio; UNESCO; PERNANBUCO, Governo do Estado de. Região do Araripe Pernambuco: diagnóstico florestal. Pernambuco. Brasília. 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001586/158602por.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2018.
- AMESC. (2014). Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense. Disponível em: <http://www.amesc.com.br/home/>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- AMESC. Disponível em: <http://www.amesc.com.br/conteudo/?item=1426&fa=284>.  
**Anais do 1º Colóquio ibero-americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto**. Belo Horizonte: Iphan, 2010. v. 1, p. 17 - 27. Acesso em: 21 abr. 2021
- ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO EXTREMO SUL CATARINENSE. A história da BARCELOS, Artur Henrique Franco. *Arqueologia e Patrimônio no Brasil: um dilema inacabado*. **Tempos acadêmicos**. n.10, p.4-25, 2012.
- BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas: Papirus, 2000.
- BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História**. Especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BAUER, Jonei. E. **Sertão desconhecido: de Desterro a Lages**. Portal do Rancho, 2015a. Disponível em: <http://www.portaldorancho.com.br/portal/sertao-desconhecido-de-desterro-a-lages>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BONOMO, Mariano; ANGRIZANI, Rodrigo Costa; APOLINAIRE, Eduardo; NOELLI, Francisco Silva. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. **Quaternary International**, [S.L.], v. 356, p. 54-73, jan. 2015. Elsevier BV.  
<http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>. Acesso em: 21 abr. 2021

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do Espaço Turístico**. Bauru: EDUSC, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDT, Marlon. Criação de porcos “à solta” na floresta ombrófila mista de Santa Catarina: paisagem e uso comum da terra. **História (São Paulo)** v.34, n.1, p. 303-322, jan./jun. 2015.

BRASIL. (2006). **Lei n. 11.428, de 22 de dezembro de 2006**. Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11428.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11428.htm). Acesso em: 22 nov. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto, Art. 216. Disponível em: [senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/art\\_216\\_.asp](http://senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp). Acesso em: 12 nov. de 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Editora do Senado, 1988. **Brasileiro e povoamento**. 2018. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territoriobrasileiro-e-povoamento.html>. Acesso em: 18 out. 2018.

BRAUDEL, Fernand. “Geo-história: a sociedade, o espaço e o tempo”. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, Vol. 22, n. 2, (abr.-jun. 2015), p. 612-639. Disponível em: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/geo-historia-a-sociedade-o-espaco-e-o-tempo>. Acesso em 22 nov. 2019.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo Mediterrânico na época de Filipe II**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

BRAUDEL, Fernand. **Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII**. Volume 1: As Estruturas do Cotidiano. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAMARGO, Haroldo L. **Patrimônio histórico e cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.

CAMPOS, Juliano Bitencourt; RODRIGUES, Marian Helen da Silva Gomes; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. O patrimônio arqueológico no licenciamento cultural: legislação, políticas culturais e gestão integrada. **Oculum Ensaios**: revista científica de Arquitetura e Urbanismo, Campinas, v. 14, n. 2, p. 331-347, 6 set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/3858/2475>. Acesso em: 21 nov. 2022.

CAMPOS, J. B.; SANTOS, M. C. P.; ROSA, R. C.; RICKEN, C.; ZOCHE, J. J.; Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros arqueológicos pré-históricos no extremo sul catarinense. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 10, n. 20, p. 9-40, 2013.

CAMPOS, Juliano Bitencourt *et al.* Patrimônio histórico edificado dos caminhos das tropas na região do Extremo Sul catarinense. **Memorare**, Tubarão, v. 7, n. 2, maio/ago. 2020.

CAMPOS, Juliano Bitencourt. **Arqueologia Entre Rios e a Gestão Integrada do Território no Extremo Sul de Santa Catarina** – Brasil. 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Quaternário, Materiais e Cultura) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, 2015.

CAMPOS, Juliano Bitencourt. **Relatório Final: Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba (AERUM)** – Registros Arqueológicos no Extremo Sul Catarinense. Criciúma:

CANCELLI, Rodrigo Rodrigues. **Evolução paleoambiental da Planície Costeira SulCatarinense (Lagoa do Sombrio) durante o Holoceno, com base em dados palinológicos.**

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Paisagem cultural e patrimônio: desafios e perspectivas. *In:* CASTRIOTA, Leonardo Barci; MONGELLI, Mônica de Medeiros (ed.). **1º Colóquio Ibero-americano: paisagem cultural, patrimônio e projeto.** Brasília, Df; Belo Horizonte, Mg: Iphan; Ieds, 2017. p. 17-28. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/anaispaisagemculturalweb\\_2.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/anaispaisagemculturalweb_2.pdf). Acesso em: 21 jun. 2022.

CASTRO, Iná Elias de. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. *In:* YÁZIGI, Eduardo (org.). **Paisagem e Turismo.** São Paulo: Contexto, 2002. p.121-140.

CEZARO, Hérom Silva de; CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos César Pereira. Uma possibilidade de interpretação a partir do mundo simbólico dos grupos jê meridionais. *In:* SOARES, Fabrício Antônio Antunes; FONTELLA, Leandro Goya (Orgs.). **Repensando os indígenas na história.** Criciúma, SC: UNESC, 2020.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias. (1999). **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos.** Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Serviços de

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. *In:* CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens textos e identidade.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CORVINO, Renata Carreira. A influência do Tropeirismo na formação do município de Praia Grande, Santa Catarina (1900-1975). *In:* BARROSO, Véra Lucia Maciel (org.). **Bom Jesus e o desenvolvimento do tropeirismo nos caminhos do Cone Sul.** Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, 2012.

DALL'ALBA, João Leonir. **Histórias do Grande Araranguá.** Araranguá,SC: Gráfica Orion, 1997.

DALPIÁS, Jucélia Tramontim; LADWIG, Nilzo Ivo; CAMPOS, Juliano Bitencourt. Projeto Geoparque Caminho Dos Cânions do Sul: Fomentando conhecimento, valorização e

desenvolvimento territorial sustentável. *In*: LADWIG, Nilzo Ivo; CAMPOS, Juliano Bitencourt (orgs.). **Planejamento e Gestão Territorial: O papel e os instrumentos do planejamento territorial na interface entre o urbano e o rural**. Criciúma, SC: EDIUNESC, 2019.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FARIAS, Wilson Francisco de. **Sombrio: 85 Anos: natureza, história e cultura: para o ensino fundamental**. Sombrio: Do Autor, 2000.

FERREIRA, L. C. *et al.* Conflitos sociais em áreas protegidas no Brasil: moradores, instituições e ONGs no Vale do Ribeira e Litoral Sul, SP. **Revista Ideias**, v. 8, n. 2, p. 115-149, 2001.

FILHO, Fadel David Antonio OS “CAMINHOS” DOS TROPEIROS E O VALE HISTÓRICO DA SERRA DA BOCAINA (SP): UM ESPAÇO GEOGRÁFICO “DEPRIMIDO”. **Revista Geográfica de América Central**, vol. 2, jul.-dez., 2011, p. 1-20.

FLORES, Moacir. **Tropeirismo no Brasil**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. *In*: ZARANKIN, Andrés; SENADORES, María Ximena (orgs.). **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul, Cultura Material, Discursos e Práticas**. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, 2002. p. 107-116.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia Histórica algumas considerações. *In*: **Patrimônio Cultural de São Francisco do Sul com base na pesquisa em Arqueologia Histórica**.

BANDEIRA, D. R., BORBA, F. M., ALVES, M. C. (orgs.) – Joinville, SC. Univille, 2017.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo. Contexto, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

Fundação Cultural Catarinense - Edital Elisabete Anderle, Categoria Patrimônio Cultural. Decreto 2.336/14. 2019.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj; Unirio, 2003. p. 21-29.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Portos, ferrovias e navegação em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2013.

GUIMARÃES, Geovan Martins *et al.* Turismo arqueológico, educação e os sambaquis do complexo lagunar sul de Santa Catarina: proposta de um circuito para visitaçao. **Revista Memorare**, Tubarão, SC, v. 3, n. 3, p. 276-298 set./dez. 2016. ISSN: 2358-0593.

GUIMARÃES, Geovan Martins. Gestão do patrimônio arqueológico e desenvolvimento turístico: ações e propostas. **Rev. Bras. Pesq. Tur.** São Paulo, v. 12, n. 3, p. 47-80, set./dez. 2018.

HERBERTS, Ana Lucia. Análise arqueológica das estruturas viárias do caminho das tripas em Santa Catarina. **Revista Tempos Acadêmicos**, Dossiê Arqueologia Histórica, nº 10, 2012, Criciúma, Santa Catarina, 2012.

HERBERTS, Ana Lucia. **Arqueologia do caminho das Tropas**: Estudo das estruturas viárias remanescentes entre os rios pelotas e Canoas, SC. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

HOBOLD, P. **A História de Araranguá**: reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930. Porto Alegre: Palmaringa, 1994. p. 9-58.

HOBOLD, Paulo. **A história de Araranguá**. Complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: [s.n.], 2005.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Território**

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Imagens do Território: ortomosaicos**. 2002. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>. Acesso em: 11 jul. 2022.

IBGE. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

IPHAN, 2013. Disponível em:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_EducPatrimonialProgramaMaisEducacao\\_fas1\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEducacao_fas1_m.pdf). Acesso em: 2 nov. 2022

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Arqueológico - SC**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/sc/pagina/detalhes/670>. Acesso em 12 jun. 2022.

IPHAN. **Educação Patrimonial no Programa Mais Educação**: manual de aplicação. Brasília:

KLEIN, R. M. Mapa fitogeográfico do estado de Santa Catarina. *In*: REITZ, R. (ed.). **Flora Ilustrada Catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978.

LADWIG, Nilzo Ivo; CAMPOS, Juliano Bitencourt. **Planejamento e gestão territorial: o Papel e os instrumentos do planejamento entre o urbano e o rural**. Criciúma, SC: UNESC, 2019.

LAVINA, R. **Projeto de Salvamento Arqueológico da Rodovia Interpraias (trecho Morro dos Conventos a Lagoa dos Esteves, Araranguá-Içara, SC)**. Relatório Final. Criciúma: UNESC, 2000.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos; EDUSP, 1979.

LIMA, Tania Andrade. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p.7-23, 31 dez. 2002.

LINS, Hoyêdo Nunes; MATTEI, Lauro. A socioeconomia catrinense no limiar do Século XXI. In: CARIO, S.; BARBOSA PEREIRA, L.; KOEHLER, M (orgs.) **Padrão competitivo e dinâmica econômica: estudos sobre setores selecionados em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2001.

MACEDA, Elison de. **Tropeiros e Carreiros em Araranguá – SC (1920-1950)**. 56 f.

MACHADO, Juliana Salles. **Lugares de gente: mulheres, plantas e redes de troca no delta amazônico**. 2011. 350 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [https://leia.ufsc.br/files/2012/09/Machado\\_tese-final-cp.pdf](https://leia.ufsc.br/files/2012/09/Machado_tese-final-cp.pdf). Acesso em: 6 set. 2022.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **Entre guardas e casarões: um pouco da história do interior do RS - uma perspectiva arqueológica**. 2004. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. doi:10.11606/T.71.2004.tde-24102006-144650

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Unicamp, 2004.

MARCON, L; ZOCHE, J.J ; LADWIG, N. I . A expansão urbana da cidade de Araranguá, Santa Catarina, no período de 1957 a 2010 e suas implicações ambientais. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS (IMPRESSA)**, v. n 43, p. 32-48, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MELLO, Flávio Augusto Pereira.; COSTA, Nadja Maria Castilho da. Reflexões sobre as relações entre trilhas e a biodiversidade em áreas protegidas brasileiras. In: Anais Primer Congreso de Planificación y Manejo se Senderos del MERCOSUR, 2012, Piriápolis - Uruguay.

MENESES, U. T. B. **A paisagem como fato cultural**. In: YÁZIGI, E. A. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas - 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, v. 1, n. 44, p.218-269, 28 fev. 2000.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

NOVAIS, Fernando Antônio. **Colonização e Sistema Colonial: discussão de conceitos e perspectiva histórica**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 4., 1967, Porto Alegre. Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Colonização e migração. São Paulo: [FFCL]-USP, 1969, p. 265-268.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca,
- PEREIRA, Juventino José. **Sombrio: sua origem, seu povo e tradição**. Canoas: La Salle, 1972.
- Perfil Cultural e Turístico dos Municípios Catarinenses; “Coleção Caminhos dos Cântons”. Livro número 5: Jacinto Machado. 1ª Edição – Janeiro 2007. Publicação Gluck Edições Ltda.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PIAZZA, Walter Fernando. **A Colonização de Santa Catarina**. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- PIAZZA. Walter Fernando. **Santa Catarina: Sua História**. Florianópolis: Lunardelli; UFSC, 1983.
- Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009**. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. Diário Oficial União. 05 de maio 2009; Seção 1.
- PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RIBEIRO, Guilherme. **Fernand Braudel, Geohistória e longa duração: críticas e virtudes de um projeto historiográfico**. São Paulo: Annablume, 2016.
- RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.
- ROCHA, Leonardo Cristian; FERREIRA, Arlon Cândido; FIGUEIREDO, Múcio do Amaral. **A Rede Global de Geoparques e os desafios da integração dos Geoparques Brasileiros: The Global Networks of Geoparks and the Challenges of Integrating Brazilian Geoparks**. Minas Gerais. Caderno de Geografia, 2017.
- ROCHA. Alexandre. **De Passo do Sertão a São João do Sul: Lembranças e vivências na fronteira da história catarinense**. São João do Sul: [s. n.], 2010
- RODRIGUES, Marian Helen da Silva Gomes et al. Gestão integrada do patrimônio e da paisagem cultural: breves considerações. *In*: LADWIG, Nilzo Ivo; SCHWALM, Hugo (Orgs.). **Planejamento e gestão territorial: gestão integrada do território**. Criciúma: UNESC, 2017. p.310-321.
- ROOS, Alana. **Análise da Transformação da paisagem do município de Agudo (RS) a partir da história ambiental, ao longo do século XX**. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas. 2013.
- ROOS, Alana. **Análise da transformação da paisagem do município de Agudo (RS) a partir da história ambiental, ao longo do século XX**. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de

Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2013. Disponível em: [repositorio.ufsm.br/handle/1/9375](http://repositorio.ufsm.br/handle/1/9375). Acesso em: 06 set. 2022.

RUSCHEL, Ruy Ruben. **Torres tem História**. Porto Alegre: EST, 2004.

SALADINO, Alejandra; PEREIRA, Rodrigo. Arqueologia histórica. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbeta). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural>. Acesso em: 06 Set. 2022.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. **História, Ensino e Patrimônio**. Araraquará: Juqueira&Marin, 2008.

SANTOS, Fabiano Teixeira dos. **A Casa do Planalto Catarinense: arquitetura rural e urbana nos Campos de Lages, séculos XVIII e XIX**. Lages, SC: Super Nova, 2015.

SANTOS, Fabiano Teixeira dos. Arquitetura e paisagem luso-brasileira no Sul Catarinense: patrimônio ameaçado. In: LADWIG, Nilzo Ivo; SCHWALM, Hugo (Orgs.) **Planejamento e gestão territorial: a sustentabilidade dos ecossistemas urbanos**. Criciúma, SC: EDIUNESC, 2018.

SANTOS, Josiel dos. **Arqueologia guarani e sistema de assentamento no extremo sul de Santa Catarina**. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. Disponível em: [wp.ufpel.edu.br/ppgant/files/2017/02/SANTOS-Josieldos.pdf](http://wp.ufpel.edu.br/ppgant/files/2017/02/SANTOS-Josieldos.pdf). Acesso em: 19 ago. 2022.

SANTOS, Josiel Dos; MILHEIRA, Rafael Guedes; CAMPOS, Juliano Bitencourt. Entre rios, dunas, lagoas e o mar. **Revista de Arqueologia**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 28, 2017.

SANTOS, Josiel; MILHEIRA, Rafael Guedes; CAMPOS, Juliano Bitencourt. Entre rios, dunas, lagoa e mar: Arqueologia Guarani no litoral sul de Santa Catarina. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, p. 28-55, maio, 2017. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v30i1.501>

SANTOS, Marcos César Pereira dos. Entre a Pré-História e a História. O documento material humano. **Revista Tempos Acadêmicos**, Santa Catarina, 2013a.

SANTOS, Marcos César Pereira; PAVEI, Diego Dias; CAMPOS, Juliano Bitencourt. Sambaqui Lagoa dos Freitas, Santa Catarina: estratigrafia, antiguidade, arqueofauna, e cultura material. **Revista Memorare**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 157-196, maio 2018.

SANTOS, Marcos César Pereira; PAVEI, Diego Dias; CAMPOS, Juliano Bitencourt. Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Paleoambiente, cultura material e ocupação humana na paisagem litorânea do extremo Sul catarinense entre 3.500-200 anos AP. **Revista Cadernos do Ceom**, [s. l.], v. 29:45, p. 64-86, 2016.

SANTOS, Marcos César Pereira; PAVEI, Diego Dias; CAMPOS, Juliano Bitencourt. Sambaqui Lagoa dos Freitas, Santa Catarina: estratigrafia, antiguidade, arqueofauna, e cultura material. **Revista Memorare**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 157, 2018.

SANTOS, Milton. **A cidade como centro de região: definições e métodos de avaliação de centralidade**. 1 vol. Bahia. Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996. v. 1.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec: São Paulo, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: HUCITEC, 1990.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. **Contentores de bebidas alcoólicas: usos e significados na Porto Alegre oitocentista**, 2005. 242 f. Dissertação (mestrado em História) – Pontifícia universidade católica do RS, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, S. C. **Os Índios Xokleng: Memória Visual**. Florianópolis: UFSC, 1997.

SANTOS, Silvio Coelho dos. Encontros de estranhos além do “mar oceano”. **Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social**. Lisboa, Portugal: 2003, vol. VII (2), 2003, p. 431-448.

SANTOS, Taise Correa dos. **Patrimônio Edificado de Sombrio: memória e Identidade**. 2013. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma/SC, 2013b.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SCHEIBE, L. F. Como se formou a bacia do rio Araranguá? *In*: SCHEIBE, L. F.; BUSSM. D.; FURTADO, S. M. de A. (orgs.). **Atlas ambiental da bacia do rio Araranguá**. Florianópolis: Cidade Futura, 2010. p. 13-15.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. A ocupação Pré-Histórica do Estado de Santa Catarina. **Tempos Acadêmicos**, Criciúma, v.11, p. 6-24, 2013.

SILVA, Vicente de Paulo de Paulo da. PAISAGEM: concepções, aspectos morfológicos e significados. **Sociedade & Natureza**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 199-215, 1 nov. 2007.

STRAFORINI, Rafael. **No Caminho das Tropas**. Sorocaba, SP: TCM, 2001.

TEIXEIRA, Tiago Roberto Alves. **O Conceito de Território como Categoria de Análise.** Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Julho de 2009. Porto Alegre/RS.

THOMÉ, Nilson. **Caminho dos Tropeiros nos Séculos XVIII e XIX como Fatores Pioneiros de Desbravamento do Contestado.** Lages, SC: UNIPLAC, 2012.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRINDADE, Jaelson Bitran. **“Tropeiros”.** São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações Ltda, 1992.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. International Network of GEOPARKS. 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/earth-sciences/unesco-global-geoparks/list-of-unesco-globalgeoparks/>. Acesso em: 07 de out. 2022.

UNESCO. Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. Paris, 1985. Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Conferência Geral da UNESCO – 32ª sessão. Paris: IPHAN, 2003.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular. Conferência Geral da UNESCO – 25ª Reunião. Paris: IPHAN, 1989.

UNESCO. Representação da UNESCO no Brasil. 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/naturalsciences/environment/biodiversity/geopark> . Acesso em: 6 nov. 2022.

UNESCO. Unesco Global Geoparks. 2019. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/earth-sciences/unescoglobal-geoparks/list-of-unesco-global-geoparks/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

WORSTER, D. **Para fazer história ambiental.** *Estudos Históricos*, v.4, n.8, p.198-215, 1991.

ZILLI, Edson *et al.* Memória e Patrimônio: Caminhos das tropas no extremo sul catarinense. *In:* CAMPOS, Juliano Bitencourt *et al.* (Org.). **Patrimônio Cultural, direito e meio ambiente:** Perspectivas sobre diversidades, cultura e memória. Curitiba: Multideia, 2016.

ZILLI, Edson. **Caminhos das tropas no Extremo Sul Catarinense:** memória e patrimônio. 2014. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2014. Disponível em: [repositorio.unesc.net/handle/1/2997](http://repositorio.unesc.net/handle/1/2997). Acesso em: 28 nov. 2022.

ZOCICHE, J. J.; CAMPOS, J. B. ; MATIAS, C. P. P. ; SANTOS, M. C. P. A Contribuição das Vacarias para a Formação da Paisagem Cultural dos Campos de Cima da Serra no Sul do Brasil. *In:* ZOCICHE, Jairo José; CAMPOS, Juliano Bitencourt; ALMEIDA, Nelson José Oliveira de; RICKEN, Claudio. (orgs.). **Arqueofauna e Paisagem.** Erechim, RS: HABILIS press, 2014.

ZUCCHERELLI, Moara. **A Rota dos Tropeiros - projeto turístico na região dos Campos Gerais: um olhar antropológico**. 2008. 111 p. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: [https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/15962/ROTA%20DOS%20TROPEIRO S.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/15962/ROTA%20DOS%20TROPEIRO%20S.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 10 out. 2022.